

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

Fabiane Santos dos Anjos

OITO ANOS DE GUERRA:
análise de discurso sobre a Guerra do Iêmen na *Folha de São Paulo*

Porto Alegre

2024

Fabiane Santos dos Anjos

OITO ANOS DE GUERRA:

análise de discurso sobre a Guerra do lêmén na *Folha de São Paulo*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de bacharela em jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Aline do Amaral Garcia Strelow

Porto Alegre

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Anjos, Fabiane Santos dos
Trabalho de Conclusão de Curso / Fabiane Santos dos
Anjos. -- 2024.
124 f.
Orientadora: Aline do Amaral Garcia Strelow.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Jornalismo,
Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Guerra do Iêmen. 2. Análise de Discurso. 3.
Oriente Médio. I. Strelow, Aline do Amaral Garcia,
orient. II. Título.

Fabiane Santos dos Anjos

OITO ANOS DE GUERRA:

análise de discurso sobre a Guerra do lêmén na *Folha de São Paulo*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de bacharela em jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Aline do Amaral Garcia StreLOW - UFRGS
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Gisele Dotto Reginato - UFRGS
Examinadora

Prof.^a Dr.^a Marcia Benetti Machado - UFRGS
Examinadora

A Adib Abib Junior (*in memoriam*) pelos
aprendizados e incentivos.

AGRADECIMENTOS

À Maria, minha mãe, que, apesar dos pesares de uma relação entre mãe e filha, fez o possível e o impossível para que eu pudesse concluir a graduação.

À Aline, minha orientadora, por aceitar o tema e pelos direcionamentos que me nortearam.

A Andrey, pelo amor, calma, companheirismo e tempo compartilhado.

A Luís, pelo caos organizado e caminhada acadêmica.

A morte não escolhe a quem favorece. Um míssil escolhe.

Pode ir para o último campo de melões.

Ou ao portão da frente que os tios pintaram, branco
como o peixe-osso, e suas pontas alcançando o mais baixo
céu. Ele pode escolher o funeral, matar cento e quarenta,

ferir mais quinhentos.

(Threa Almontaser)

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é analisar e compreender o discurso veiculado na *Folha de São Paulo* sobre a guerra do Iêmen a partir das notícias publicadas entre setembro de 2014 e março de 2015 e março a setembro de 2022, identificando os sentidos produzidos a partir dele, bem como os valores-notícia envolvidos. A monografia utiliza-se de contextos históricos para introduzir o tema da guerra e sua relação com o jornalismo e a metodologia utilizada é a Análise de Discurso. Foram analisadas 31 notícias que geraram 86 Sequências Discursivas divididas em duas Formações Discursivas – Jornalismo de Guerra e Jornalismo para a Paz –, e cinco sentidos – conflitos, envolvimento de outras nações, relação com o terror e religião na primeira Formação; acordos e esperança na segunda Formação. Com base na análise, foi possível constatar a presença de seis valores-notícia principais – morte, notoriedade, noticiabilidade, relevância, notabilidade e infração –, e da presença de um discurso sobre o Oriente Médio construído décadas atrás.

Palavras-chave: jornalismo de guerra; guerra iemenita; Iêmen; discurso; Oriente Médio.

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze and understand the discourse conveyed in the *Folha de São Paulo* on the war in Yemen from the news published between September 2014 to March 2015 and March to September 2022, identifying the meanings produced from it, as well as the news values involved. The monograph uses historical contexts to introduce the theme of war and its relationship with journalism and the methodology used is Discourse Analysis. 31 news were analyzed and, from that, 86 Discursive Sequences were generated and divided into two Discursive Formations – War Journalism and Journalism for Peace –, and five senses - conflicts, involvement of other nations, relationship with terror and religion in the first Formation; agreements and hope in the second Formation. Based on the analysis, it was possible to verify the presence of six main news values - death, notoriety, newsworthiness, relevance, notability and infraction -, and the presence of a discourse on the Middle East built decades ago.

Keywords: war journalism; Yemeni war; Yemen; discourse; Middle East.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Localização do Iêmen.....	14
Figura 2 - Exemplos de comentários.....	29
Figura 3 - Indicativo de publicação impressa.....	46
Figura 4 - Exemplo de publicação impressa vs publicada no digital.....	46
Figura 5 - Indicação de publicação no impresso.....	47
Figura 6 - Página inicial <i>Agora São Paulo</i>	47
Figura 7 - Exemplo de artigo de opinião.....	47
Figura 8 - Exemplo de situação alheia ao conflito.....	48
Figura 9 - Acordo de cessar-fogo.....	58
Figura 10 - Comentários relacionados ao sentido 1 da FD2	59

QUADROS

Quadro 1 - Notícias selecionadas: <i>corpus</i> final.....	49
Quadro 2 - Sentidos atribuídos às Sequência Discursivas da Formação Discursiva 1 – Jornalismo de Guerra.....	54
Quadro 3 - Sentidos atribuídos às Sequência Discursivas da Formação Discursiva 2 – Jornalismo para a Paz.....	54

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. JORNALISMO DE GUERRA E PARA A PAZ.....	17
2.1 Jornalismo de guerra.....	17
2.2 Jornalismo para a paz.....	19
2.3 Jornalismo humanitário.....	20
2.4 O jornalismo nas guerras.....	21
2.4.1 Jornalismo e guerra no Oriente Médio.....	26
3. FINALIDADES DO JORNALISMO, VALORES-NOTÍCIA E DISCURSO.....	32
3.1 O jornalismo como discurso.....	32
3.2 Finalidades e valores.....	35
3.3 Quem diz, diz algo a alguém.....	41
4. METODOLOGIA E OBSERVAÇÃO.....	44
4.1 Análise de Discurso.....	44
4.2 Apresentação e Análise do Corpus.....	45
4.2.1 Conflitos.....	54
4.2.2 Envolvimento de outras nações.....	56
4.2.3 Acordos e esperança.....	57
4.2.4 Relação com o terror.....	58
4.2.5 Religião.....	59
4.3 Considerações gerais acerca da análise.....	60
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS.....	67
APÊNDICE.....	73
ANEXO.....	93

1. INTRODUÇÃO

Iêmen, segundo o Banco Islâmico de Desenvolvimento:

A República do Iêmen fica localizada na Ásia Ocidental, ocupando o extremo sudoeste ao sul da Península Arábica. Faz fronteira com a Arábia Saudita ao norte, o Mar Vermelho a oeste, o Golfo de Aden e o Mar da Arábia ao sul, e Omã a leste. [...] É o único estado da Península Arábica que tem uma forma de governo puramente republicana.¹

Guerra, segundo o dicionário Oxford Languages:

1. luta armada entre nações, ou entre partidos de uma mesma nacionalidade ou de etnias diferentes, com o fim de impor supremacia ou salvaguardar interesses materiais ou ideológicos.
2. qualquer combate com ou sem armas; combate, peleja, conflito.

Ao longo da graduação, aprendemos uma forma de fazer jornalismo que pode ser aplicada a praticamente qualquer assunto. Procuramos um tema relevante para a sociedade e que seja proposto dentro de um contexto que o justifique – uma situação que afete as pessoas positiva ou negativamente, direta ou indiretamente –, procuramos fontes que possam suprir a informação necessária para que se compreenda o tema e, geralmente, vamos em busca de imagens para ilustrar melhor a mensagem que queremos passar.

Porém, existem assuntos que apenas a vivência como público e/ou em uma redação pode nos proporcionar. Pautas humanitárias, por exemplo, requerem preparo tanto profissional quanto emocional daqueles que fazem a comunicação acontecer. Claro que um curso de graduação não pode ofertar preparo emocional, mas preparar seus alunos para que possam lidar com situações específicas que talvez enfrentem profissionalmente deveria ser considerado.

Como público, temos noção sobre a Guerra Civil Síria em curso desde 2011, bem como os curdos que retomaram força na mesma época e hoje ainda sofrem com ataques da Turquia, e, mais recentemente, as guerras entre Rússia e Ucrânia e Israel e Hamas no território palestino. Apesar de não ter sido discutida ao longo do curso, desde as guerras do século XIX, como a guerra do Império Otomano contra o Império Russo, os repórteres vêm realizando a cobertura de conflitos armados. Entendo ser de importância considerável sabermos como agir

¹ Do original: “The Republic of Yemen is located in Western Asia, occupying the southwestern to southern end of the Arabian Peninsula. It is bordered by Saudi Arabia to the north, the Red Sea to the west, the Gulf of Aden and the Arabian Sea to the south, and Oman to the east. [...] It is the only state in the Arabian Peninsula to have a purely republican form of government.”

neste cenário, como reportar ao público os diferentes estágios do desenrolar dos combates e entender como isso vem sendo feito.

Além de buscar lidar com uma inquietação pessoal sobre a cobertura de guerra, essa pesquisa é também de interesse pessoal no sentido de um resgate do contato com o mundo árabe, construído ainda criança e perdido na adolescência, e que, graças a pessoa responsável por esse contato, me trouxe até o jornalismo.

Foram anos convivendo com meu padrinho, um homem árabe que carregou um nome sírio, ensinando a não reproduzir estereótipos pejorativos sobre o Oriente Médio. Ele foi o responsável por incentivar meu contato com jornais impressos e televisivos, pois dizia ser muito importante que eu soubesse o que acontece no mundo. Sempre que o via pela manhã, ele me perguntava “pegou o jornal hoje?”.

Apesar da grande convivência com o mundo árabe até o dia de sua morte, ainda estamos no Ocidente. Não posso dizer que nunca reproduzi estereótipos até mesmo contra ele, sobretudo quando escutava minha mãe o chamando de “turquinho da mão fechada” e eu repetia.

Tendo uma visão ocidental falando do Oriente, no entanto, minha intenção não é reproduzir o orientalismo científico abordado por Said (2013). Não me preocupa focar no que o Oriente fez ou não, mas sim em como o discurso sobre o que acontece no Oriente é feito, em como a visão sobre ele, que sabemos que é marginalizada, é mantida e recebida no Ocidente.

Este trabalho vai em busca de saber o que acontece no mundo, sobretudo em um mundo que eu não vejo, midiaticamente, de outra forma se não coberto por poeira e com corpos empilhados em destroços de conflitos. Foi assim que o jornalismo me apresentou o Oriente.

Desde setembro de 2014, o Iêmen, um dos países árabes mais pobres (Oliveira, 2022) vive em guerra. Porém, os episódios que levaram até o conflito iniciaram na Primavera Árabe, em 2011, que é “um fenômeno que eclodiu no Oriente Médio e norte da África, nos anos 2010/2011, quando a sociedade civil rebelou-se contra a opressão e corrupção dos ditadores de seus países e clamaram por melhorias sociais” (Bijos e Silva, 2013, p. 01).

Com início na Tunísia, os protestos se expandiram para outros países do chamado Mundo Árabe – este composto pelos países do Oriente Médio² e norte da África –, como Argélia, Líbia, Egito, Síria, Iraque, Bahrein e o Iêmen. Os iemenitas deram início oficialmente à Primavera Árabe no país no dia 15 de janeiro de 2011 contra o então presidente Ali Abdullah Saleh.

Meses de protesto se passaram até Saleh, por pressão estadunidense e saudita, assinar a Iniciativa do Conselho de Cooperação do Golfo no fim do mesmo ano, termo que autorizou a passagem de poder para seu vice, Abd Rabbuh Mansur Al-Hadi, após 33 anos no governo (Gomes, 2022). Gomes (2022) aponta que esse processo deveria ser um período transitório de dois anos, levando a eleições livres e uma nova Constituição para o país.

Aproveitando-se da instabilidade política durante o governo de Hadi, o grupo Houthis, composto pela minoria xiita³ do Iêmen, tomou Sanaa, a capital do país. Os Houthis surgiram nos anos 1960 e, durante os anos 2000, o governo de Saleh travou diversos embates contra eles (Gomes, 2022). O Iêmen também tem forte presença da organização Al Qaeda e do Estado Islâmico, sendo que a primeira comumente travou ataques aos Houthis.

Este trabalho busca debruçar-se nas notícias veiculadas pela *Folha de São Paulo* sobre a Guerra do Iêmen no período compreendido entre setembro de 2014 a março de 2015 e abril a setembro de 2022. O período proposto busca abordar a cobertura da guerra em seus primeiros seis meses e às vésperas do marco de oito anos do conflito. A escolha do veículo se dá pela tradicionalidade e grande circulação do jornal, de acordo com o Instituto Verificador de Comunicação (IVC), implicando em uma grande audiência e, por isso, em um grande poder de disseminação de notícias nacionais e internacionais – como é o caso do tema aqui tratado.

Normalmente, quando o assunto é guerra, somos atualizados diariamente pelo jornalismo sobre o que está acontecendo: a tratativa dos países – seja uma guerra internacional ou civil –, atualização da contagem de mortos, notícias sobre ajuda humanitária, refugiados, ataques, etc. Shinar (2009) aponta que a cobertura de conflitos tem como foco a

² Alguns autores, como Bar-Yosef e Meadow (1995) e Yapp (2014), preferem utilizar os termos “Oriente Próximo” ou “Afro-Eurásia”. O termo “Oriente Médio” é considerado um termo colonial, no entanto, as fontes consultadas para este trabalho o utilizam e, por isso, usarei esta denominação.

³ Assim como em outras religiões, os seguidores do islã se dividem em grupos, sendo os sunitas e os xiitas as vertentes mais conhecidas, com outras subvertentes englobadas. Apesar de ser muito comum definir os xiitas como uma vertente mais radical do islã, não há consenso entre os autores, uma vez que extremistas religiosos podem existir em qualquer vertente: Blanchard (2007) relembra, por exemplo, que o extremista Osama bin Laden e o grupo Al Qaeda são extremistas sunitas.

violência aberta, esperando noticiar quem morre, quem ganha e quem perde. Sendo assim, o autor diz que “a preferência da mídia muitas vezes é por ser um jornalismo de torcida, de nós contra eles, de vitória e de derrota” (p. 14).

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), até 2022 mais de 230 mil pessoas haviam morrido na Guerra do Iêmen. Além disso, devido a sua localização entre o Mar Vermelho e o Golfo de Aden, onde fica localizado o estreito de Bab Al-Mandab, o país é estrategicamente importante para a exportação de petróleo.

Figura 1 - Localização do Iêmen



Fonte: Jornal Mundo

Elayah *et al* (2017) aponta que “[...] 3 milhões de barris de petróleo por dia atravessam o Golfo de Aden e o estreito de Bab Al-Mandab para a Europa”⁴, petróleo proveniente da Árabia Saudita e outros países próximos (p. 5) que é também importante para a matriz energética europeia. No entanto, os autores também fazem uma observação quando dizem que “o Iêmen é esquecido na mídia internacional”⁵, bem como sua população (p. 6).

Mesmo sendo considerada a maior crise humanitária do mundo pela ONU, o conflito no Iêmen tem pouco espaço na mídia, no próprio jornalismo, e até mesmo academicamente, sendo esporadicamente lembrado pelo tempo de duração ou por novos ataques. Por isso, a Guerra do Iêmen foi considerada a guerra esquecida pela mídia (Elayah *et al*, 2017).

⁴ Do original: “3 million barrels of oil a day go through the Gulf of Aden and the Bab Al-Mandab Strait to Europe.”

⁵ Do original: “Yemen is forgotten in the international media [...]”

Tratar sobre temas humanitários é sempre relevante do ponto de vista social, ainda mais quando características de valores-notícia, como o número de pessoas e a relevância sobre o desdobramento da situação estão envolvidas (Wolf, 2009). Para isso, é preciso abordar os valores-notícia dentro do que é considerado “jornalismo de guerra e paz”, bem como os propósitos do jornalismo empregado como ferramenta social ao cobrir violência armada.

Shinar (2009) entende a cobertura de guerras como eventos que podem ser comparados à mistura de dois animais. Segundo o autor, os donos da comunicação enxergam esse tipo de cobertura como a galinha dos ovos de ouro, já que gera chances de crescimento para os veículos. O outro animal ao qual Shinar compara a cobertura de guerras, apesar de não saber como realmente se dá essa mistura, é a vaca: “[...] é uma vaca sagrada para os jornalistas porque ela dá muito prestígio profissional, e muitos jornalistas querem chegar a esse tipo de trabalho, apesar dos perigos envolvidos nele” (Shinar, 2009, p. 10).

Diferente da guerra, com um alto valor-notícia dado os sentimentos envolvidos, a cobertura da paz foca mais em processos do que em eventos, tendo, então, um valor-notícia mais baixo, sendo até mesmo considerada “chata” (Shinar, 2009, p. 10-11).

O papel do jornalismo ao cobrir conflitos armados e humanitários pode ser entendido em uma das doze finalidades do jornalismo propostas por Reginato (2019). A proposta número sete trata sobre o propósito de “registrar a história e construir memória” (Reginato, 2019, p. 221). Aqui, a autora relembra Dines (2009) e diz que “o jornalismo é a memória da sociedade” (Dines, 2009 *apud* Reginato, 2019, p. 236). Dessa forma, ao cobrir conflitos, também é papel do jornalismo acionar a memória de seu público, seja lembrando quais meios levaram a determinado choque ou quais os resultados de um confronto de porte igual ou similar.

Para guiar a pesquisa, são focos para o objetivo geral a análise e compreensão da construção de sentido feita pela *Folha de São Paulo* sobre a Guerra do Iêmen, buscando identificar as formações discursivas nas notícias publicadas que envolvem diretamente o conflito; para os objetivos específicos, relacionar a cobertura do veículo com os valores de guerra e paz do jornalismo e seus valores-notícia, entendendo como se dá o foco noticioso.

Este trabalho está dividido da seguinte forma: após esta introdução, trato o jornalismo de guerra, para a paz e humanitário, bem como abordo o histórico do jornalismo em guerras passadas, características e sua capacidade em criar uma representação de conflitos, chegando

até o tema principal deste trabalho: a guerra no Iêmen. Para isso, usarei como referência os seguintes autores: Azevedo (1990), Said (1995; 2013), Rissoni (2002), Shinar (2009), Carvalho (2013), McGoldrick e Lynch (2014), Cabral e Salhani (2017) e Oliveira (2022).

No terceiro capítulo, abordo o jornalismo como discurso, segundo Benetti (2010) e Chauí (2010), os propósitos do jornalismo segundo Reginato (2019), além de tratar sobre os valores-notícia elencados por Traquina (2013), teorias da comunicação, como agendamento e espiral do silêncio, por Coleman *et al* (2009) e Noelle-Neumann (1974), e também o dizer para Mamou (1991).

Para a análise, no quarto capítulo, me apoio na metodologia, conforme trabalho de Benetti (2007), bem como nos conceitos de análise de discurso de Pêcheux (1997). Aqui, também discuto as características gerais encontradas nas notícias reunidas a partir do portal *Folha de São Paulo*, assim como em seu discurso.

No quinto e último capítulo, trago os resultados e apontamentos da análise feita anteriormente assimilando-os aos conceitos de jornalismo de guerra e paz e aos valores-notícia encontrados na *Folha de São Paulo* durante o decorrer da pesquisa.

2. JORNALISMO DE GUERRA E PARA A PAZ

Neste capítulo, abordo categorias essenciais ao desenvolvimento do trabalho, sendo elas o jornalismo de guerra, o jornalismo para a paz e o jornalismo humanitário. Serão apresentadas suas características, abordagens e caminhos para que sejam feitos, suas diferenças e um breve histórico da presença do jornalismo nas principais guerras do século XX. Além disso, traço rapidamente um histórico da presença do jornalismo nas guerras, passando pela guerra da Criméia até chegar à do Iêmen. Para a discussão desses temas, serão utilizados autores como Shinar (2009), Cabral e Salhani (2017), Carvalho (2013) e Said (1995; 2013).

2.1 Jornalismo de guerra

Kuiava (2014) diz que o jornalismo de guerra é uma das áreas mais fascinantes da profissão, mas que não está ao alcance de todos. Para a autora, essa vontade de cobrir o inusitado, “o frio na barriga, o gosto pela aventura” (p. 01), aquilo que é o jornalismo, também traz a vontade inconsciente de ser um herói. A autora diz que, assim como tragédias no geral, o “jornalismo de guerra rende audiência” (p. 02), ao mesmo tempo que questiona até onde vai a teimosia do jornalista sem prejudicar seu trabalho em um cenário de guerra.

Nesse momento, a relação entre a galinha dos ovos de ouro, representando os donos dos canais de comunicação, e a vaca sagrada, representando os jornalistas buscando prestígio profissional de Shinar (2009), citadas anteriormente, dá as mãos a algumas indagações que Kuiava levanta.

Até que ponto um veículo deve permitir que seus repórteres embarquem para a guerra, como se fossem soldados armados, com câmeras nas mãos? E da segurança desses jornalistas, quem cuida? Essas são perguntas muitas vezes deixadas de lado diante do brilhantismo e do *status* de ser jornalista de guerra. (KUIAVA, 2014, p. 02)

Para Shinar (2009), a cobertura de guerra “se concentra em eventos, e não em processos” (p. 10). O autor considera o valor-notícia da guerra alto e este é construído a partir de mecanismos “como o heroísmo, o drama, a ação, o visual, o emocional, o pessoal, o simples, os resultados...” (p. 10).

Carvalho (2013) diz que os correspondentes de guerra se arriscam para levar informações àqueles que desejam saber tudo sobre o momento com uma ressalva: “o jornalista de guerra não deve ser visto como uma espécie de herói, alguém que avança sem

medo em nome da informação. A verdade é que esta é uma das especializações jornalísticas que mais controvérsia pode suscitar” (p. 07).

Para Carvalho (2013), antes de um correspondente ser enviado para uma cobertura de guerra, é preciso saber se este é capaz de se manter isento, na medida de não ser associado a qualquer um dos lados presentes no conflito, visto que a palavra de um jornalista é tomada como confiável e verdadeira. Além disso, “se a honestidade não imperar, o jornalista tem nas suas mãos, tal como as tropas que acompanha, uma arma de fogo, capaz de realizar reviravoltas que um simples soldado nunca conseguirá” (p. 07).

Rissoni (2002) aponta que o divisor de águas para a cobertura de guerra foi o bombardeio narrado pela TV durante a Guerra do Golfo em 1991. Para a autora, o episódio foi capaz de mostrar como a tecnologia poderia ser aliada ao trabalho dos jornalistas “e as consequências da espetacularização sem precedentes de um dos maiores dramas vividos pelo ser humano: a guerra” (p. 69) .

Rissoni (2002), Shinar (2009) e Carvalho (2013) parecem chegar a um consenso sobre essa especialização jornalística: a Guerra do Golfo transformou esse tipo de cobertura. Carvalho (2013) destaca que a chegada do imediatismo, ligado diretamente à expansão da televisão a partir de sua introdução ainda na guerra do Vietnã, como ponto principal para a transformação. Segundo o autor, essa era “a única coisa que faltava ao jornalismo: a instantaneidade da informação” (p. 19).

Para Rissoni (2002), no entanto, em certo momento, a guerra mostrada ao vivo na TV sofreu uma inversão de sentidos. Se o intuito inicial era sensibilizar com um problema do mundo, a maioria do público passou a ver a guerra como “um problema virtual, da televisão, algo distante e inofensivo” (p. 69). Sendo assim, o jornalismo de guerra na TV virou uma espécie de espetáculo que as pessoas podem escolher quando consumir.

Já no impresso, Carvalho (2013) aponta três principais fatores nas notícias: texto indireto, aprofundamento e fotografia. Para o autor, isso ocorre pois, hoje, a notícia já não é uma novidade, provavelmente já foi veiculada em outro meio. Ou seja, “o objetivo, portanto, não é dar a conhecer o que à partida já se sabe, mas sim explicar as causas e as formas dos acontecimentos”, focando no “porquê e como” (Carvalho, 2013, p. 54).

2.2 Jornalismo para a paz

Felippe (2004) diz que um “jornalismo para a paz” é feito quando se explica o motivo do conflito e se aponta “as possíveis saídas pacíficas para o mesmo” (p. 02). A autora também mostra outras nuances que, diferente do imediatismo do jornalismo de guerra, o jornalismo como um caminho para a paz deve abordar: “por exemplo, como as violências estrutural e cultural afetam o cotidiano das pessoas (aí incluem-se a pobreza, a fome, o desemprego, a discriminação racial ou étnica, as desigualdades sociais, etc)” (p. 08). Isso faz com que a ideia que existem apenas dois lados envolvidos se perca um pouco, visto que existem pessoas entre essas extremidades.

McGoldrick e Lynch (2014) dizem que “a abordagem do jornalismo para a paz fornece um novo roteiro que traça as conexões entre jornalistas, suas fontes, as histórias que eles contam e as consequências de suas reportagens”⁶ (p. 05). Os autores mostram que “se significa ‘reportar como vemos’ ao invés de deliberadamente distorcer o que vemos em serviço de outra agenda, então é completamente compatível com o jornalismo para a paz”⁷ (p. 22).

McGoldrick e Lynch (2014) acreditam que, com o tempo, a sociedade possa vir a pensar e falar sobre não-violência e criatividade quando o tema envolvido é um conflito, afinal, consideram esses dois itens como essenciais ao jornalismo para a paz. Esses aspectos buscam ser contra o conceito de “nós contra eles” muito procurado pela mídia durante a guerra (Shinar, 2009, p. 14).

Em obra anterior, Shinar (2008) também traz os elementos da não-violência e criatividade, bem como outros itens inerentes ao jornalismo para a paz dentro de uma mídia democrática.

O jornalismo voltado para a paz é tão essencial quanto as estruturas democráticas da mídia para o aprimoramento de políticas desenvolvimentistas, já que busca causas e soluções para os conflitos; dá voz às partes envolvidas; busca assegurar que os próprios conflitos e não facções específicas ou outras sejam vistas como sendo o problema; estabelece conexões entre jornalistas, suas organizações e fontes de informações, suas histórias e as consequências de suas publicações; introduz uma literatura específica e o discurso de não-violência e de criatividade diária, além disso, promove o aperfeiçoamento de uma consciência de produção e consumo da mídia. (SHINAR, 2008, p. 40)

⁶ Do original: “The PJ approach provides a new road map tracing the connections between journalists, their sources, the stories they cover and the consequences of their reporting”

⁷ Do original: “If it means ‘reporting as we see it’ rather than deliberately distorting what we see in the service of another agenda, then it is fully compatible with Peace Journalism.”

Para Vicente, Feltrin e Rebêlo (2021), esse tipo de jornalismo “se dedica a compreender os conflitos e, principalmente, estimular a superação das realidades violentas” (p. 204). O anseio é por uma abordagem das causas dos conflitos, muito além de apenas os conflitos em si.

O jornalismo de paz – ou o jornalismo como um processo para a paz –, também é a cobertura que Shinar chamou de “chata” (2009, p. 14). Diferente da guerra, “a cobertura de paz tem seu enfoque mais em processos do que em eventos [...], a paz, de qualquer maneira, tem um valor de notícia mais baixo” (Shinar, 2009, p. 10). Para o autor, a paz é a cobertura que aborda processos prolongados, “apertos de mão, pessoas chegando e saindo de aeroportos, fechando o paletó quando estão em conferências, sentadas em poltronas Luís XIV etc” (Shinar, 2009, p. 14) e, por isso, ela se torna “chata”.

Para Cabral e Salhani (2017), o jornalismo para a paz deve estar pautado acima dos interesses econômicos de empresas, prezando pela qualidade do conteúdo e o impacto social que pode ser gerado a partir dele. Como dito, o jornalismo para a paz envolve todo um processo longo e demorado, incompatível com o modelo de negócio jornalístico que visa diretamente o lucro, uma vez que este é o objetivo dos donos dos meios de comunicação. O lucro, porém, não é o único item que mantém um jornal: “[...] é importante lembrar que um jornal apenas serve ao poder na medida de sua força e repercussão junto ao seu leitorado” (França, 1997, p. 484).

O jornalismo para a paz “não oferece notícias a cada minuto; seu desenvolvimento tenta desdramatizar, aliviar a tensão, encontrar certa calma, explorar a complexidade do conflito e de seus atores e ter em conta os valores de todas as partes envolvidas e não somente de uma delas” (Cabral, Salhani, 2017, p. 05).

2.3 Jornalismo humanitário

Lado a lado ao jornalismo para a paz, anda o jornalismo humanitário. Como o nome indica, esse tipo de jornalismo busca abordar questões humanitárias, principalmente em conflitos armados – como as guerras –, mas, também, em catástrofes naturais. A ONU classifica as crises humanitárias em três: desastres naturais (como terremotos e inundações), desastres provocados pelo homem (como conflitos e incêndios) e emergências complexas (situações que impedem uma população de acessar direitos básicos como água, saúde e alimento).

Cabral e Salhani (2017) fazem algumas sugestões de como o jornalista pode construir uma pauta humanitária trabalhando com o jornalismo para a paz.

O jornalista pode optar, logo na produção da pauta e apuração, por um enquadramento que traga elementos do jornalismo para a paz (que aborde, por exemplo, em um contexto de conflito, a violência estrutural e cultural em vez da violência direta e que inclua, como fonte, pessoas diretamente afetadas por determinada situação, e não somente fontes institucionais). (CABRAL; SALHANI, 2017, p. 06)

Zhang e Luther (2020) discorrem sobre não haver um consenso sobre um humanitarismo, mas que existem ideias-chaves para chegar até ele, como, por exemplo, o crescimento da humanidade em situações de emergência e o alívio do sofrimento. Os autores também dizem haver um distanciamento fabricado pela mídia entre o que acontece no Oriente e o que é recebido no Ocidente, como se as duas parcelas do mundo estivessem muito distantes e pudesse dar espaço para o questionamento “de quem é o sofrimento que importa mais – ocidentais ou não-ocidentais?”⁸ (p. 402).

Para que se faça um jornalismo humanitário, o distanciamento repórter-fonte é difícil de ser atingido, uma vez que é uma forma mais pessoal de se fazer jornalismo, elencando um enquadramento que traga comoção. Em contraponto, considerando que tanto a objetividade plena quanto a completa imparcialidade são impossíveis de serem alcançadas, Scott (2017), propõe que estes dois itens sejam mirados de qualquer forma, ao mesmo tempo que atribui o papel de “dar ‘voz àqueles que não têm’ e dar consolo aos enlutados e traumatizados”⁹ (online) ao jornalismo humanitário.

Como abordado por Carvalho (2013) e Vicente, Feltrin e Rebêlo (2021), a notícia não acaba quando o jornalista finaliza seu material. As notícias ainda passam pelas interpretações do público. Cada integrante do público irá absorver as informações de acordo com sua bagagem pessoal. Seja ela com viés humanizado ou não, é função do jornalista, seguindo a política editorial do veículo ao qual presta serviços, escolher por qual caminho ir para oferecer uma cobertura de guerra ou para a paz.

2.4 O jornalismo nas guerras

A função do jornalismo é investigar e apurar acontecimentos para então torná-los de conhecimento público. Para Fonseca (2010), “a matéria-prima do jornalismo é a informação, que é produzida, posta em circulação e “consumida” na forma de notícia” (p. 159). A autora

⁸ Do original: “[...] whose suffering matters more – Westerners or non-Westerners?”

⁹ Do original “[...] giving ‘voice to the voiceless’ or giving solace to the bereaved and traumatised.”

também indica que “essa informação, no entanto, precisa apresentar determinadas características para ser transformada em notícia [...], podendo-se citar as de veracidade, atualidade e interesse público [...]” (p. 169). Segundo Benetti (2010), “já se compreendeu que o jornalismo, como todo discurso, pode ser admitido conceitualmente como acontecimento” (p. 153).

Rodrigues (1993) enxerga o acontecimento como “tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história [...]” e diz que um fato, “quanto menos previsível for, mais probabilidades tem de se tornar notícia e de integrar assim o discurso jornalístico” (p. 27). Na mesma linha, Mouillaud diz que “os acontecimentos explodem na superfície da mídia sobre a qual se inscrevem como sobre uma membrana sensível” (1997, p. 50).

Mouillaud (1997) ainda divide os acontecimentos em três tipos: pré-construído, polissêmico e orientado. O primeiro é um acontecimento com tempo limitado como, por exemplo, os acontecimentos esportivos. Como o autor explica, “seu campo é expressamente balizado por limites que cortam a área do jogo (ao mesmo tempo, definem as ações pertinentes); as definições fluidas do real são substituídas por limites que separam o campo do fora-de-campo, o antes e o depois” (p. 64).

O acontecimento polissêmico se dá quando, por exemplo, os delimitadores do acontecimento pré-construído se perdem. Partindo do exemplo anterior, “enquanto acontecimento social, o acontecimento esportivo inclui o espectador em uma moldura que não é o do campo e, sim, o do estádio” (Mouillaud, 1997, p. 65). Mas, pensando que esse acontecimento não se resume apenas ao espaço do estádio e ao tempo estabelecido de jogo, a moldura tem seus limites transbordados quando são incluídos um antes ou um depois desse espaço-tempo.

O terceiro acontecimento, o orientado, é aquele em que a mídia reflete sua sociedade:

De uma maneira geral, o que é acontecimento em nossas sociedades (acidentes, catástrofes, delinquência, terrorismo etc) revela destas sociedades a trama policial que é seu inverso. A tela – como superfície refletora – não é um acréscimo ao acontecimento, ela o revela (no sentido fotográfico) revelando-se ela própria. O acontecimento e sua reflexão formam apenas um: a reflexão é constitutiva de seu conceito. A consequência é que todo acontecimento é orientado (MOUILLAUD, 1997, P. 67)

Nessa compreensão, a guerra é mais um acontecimento. Apesar de existirem fatos anteriores à existência de um conflito, ninguém espera acordar com a notícia de que uma nova guerra está em curso, não é um status previsível e, por isso, é função do jornalismo abordá-la.

A profissão esteve presente nas guerras da Crimeia (1854-1856), na Primeira e Segunda Guerra Mundial (1914-1918 e 1939-1945, respectivamente), na Guerra do Vietnã (1955-1975), do Afeganistão (1979-1989), Guerra Fria (1947-1991), do Golfo (1990-1991), da Síria (2011-atualmente), assim como na Guerra do Iêmen (2014-atualmente) e em diversos outros conflitos.

Peixoto (2020) e Gomes (2023) discorrem sobre a história do jornalismo nas guerras, começando pela Guerra da Crimeia. Peixoto indica que o jornalista William Russell, enviado pelo jornal *The Times* para realizar a cobertura, foi um dos primeiros correspondentes de guerra (p. 17).

A Guerra da Crimeia (1853–1856) contou com dois enviados para relatar a guerra diariamente através de artigos e fotografias, eram eles William Russell e Roger Fenton. A partir dessa cobertura de guerra, começou-se a pensar nessa profissão para que, mais tarde, fossem possíveis transmissões em tempo real do conflito, fazendo com que o público, envolvido ou não nas guerras, se informassem sobre os acontecimentos (PEIXOTO, 2020, P. 17)

Gomes (2023) indica que “Russell foi o "pai" dos correspondentes de conflitos internacionais” (p. 13). O jornalista realizava a cobertura para o *The Times* a partir de depoimentos de soldados e oficiais, o que levou o veículo a limitar o trabalho de Russell devido ao risco de vazamento de informações confidenciais. Por outro lado, Fenton “foi enviado por uma editora de Manchester para cobrir o conflito de forma parcial e artística, sem revelar os horrores da guerra, para que assim fosse possível acalmar a opinião pública” (p. 17-18).

Sontag (2012) traça o surgimento e uso das câmeras pelos jornalistas ainda no século XIX: “a fotografia flertou com a morte. Como uma imagem produzida por uma câmera é, literalmente, um vestígio de algo trazido para diante da lente, as fotos superavam qualquer pintura como lembrança do passado desaparecido e dos entes queridos que se foram” (p. 17).

Chegando ao século XX, Marcondes Filho (2000) descreve o jornalismo como “de monopólios, cuja sobrevivência só será ameaçada pelas guerras e pelos governos totalitários do período” (p. 14), um momento em que a profissão é descaracterizada, o que “tem a ver com a crise da cultura ocidental” (p. 15). Ao fim do século, temos o jornalismo mais influenciado pela tecnologia (rádio, TV e meios eletrônicos), é quando ocorre “a inflação de comunicados e de materiais de imprensa” (p. 31), materiais esses produzidos por entidades alheias ao jornalismo, como o meio político, e que se confundem com a informação jornalística.

Hajjar (2016) aponta o jornalismo de massa e modelo de propaganda do século XX como resultado “do negócio jornalístico como empresa capitalista, que opera em função do lucro em detrimento de quaisquer ideais que possam ser atribuídos ao jornalismo a partir deste momento” (p. 63), sendo ainda advindo de investimento privados e grandes fortunas: “uma operação que recebeu financiamentos para que pudesse gerar grandes somas de dinheiro em retorno” (p. 64).

Mamou (1991) também chama a atenção para como políticos e diplomatas utilizaram os meios de comunicação a seu favor, oferecendo as informações aos jornalistas: “a diplomacia também foi remodelada em profundidade pelos meios de comunicação. Os chefes de Estado sabem intuitivamente que a percepção de um acontecimento pesa tanto, ou mais, que o próprio acontecimento” (p. 31).

Quando se trata da Primeira Guerra Mundial, Gomes (2023) diz que “a intenção dos jornalistas era cobrir o conflito em tempo real, de acordo com as tecnologias existentes na época, e publicarem notícias imparciais, mas o que aconteceu foi exatamente o oposto” (p. 19). Carvalho (2013) lembra que, nessa época, texto, foto, som e vídeo já faziam parte do jornalismo.

Bem antes do início da primeira guerra mundial, o telégrafo já fazia chegar notícias rapidamente, a fotografia já fazia parte da imprensa e já tinha mostrado os soldados mortos na guerra civil americana, e as primeiras, rudimentares, máquinas de filmar já mostravam homens a caminho da frente de combate. O jornalismo estava no bom caminho e bem auxiliado (CARVALHO, 2013, p. 13)

Moretti (2004) destaca a necessidade de dizer às pessoas o que acontecia na guerra em detalhes depois que “os países envolvidos perceberam que a guerra era um sacrifício inútil” (p. 95).

O resultado é que em nenhum outro período da história se escreveram tantas mentiras deliberadas quanto na Primeira Guerra Mundial. Os correspondentes tinham o objetivo de proteger das críticas o alto comando e escreviam a respeito das vidas nas trincheiras, silenciando sobre os massacres e deixando-se absorver pela máquina de propaganda dos governos. A censura foi usada como nunca (MORETTI, 2004, p. 95)

Carvalho (2013) aponta a situação da cobertura da Primeira Guerra como “fraudulenta e mentirosa”, pois “conseguiu-se que o medo tomasse as rédeas do trabalho, que ditasse a liberdade de expressão, que forçasse um patriotismo cego criador de um universo paralelo onde a guerra só corria bem” (p. 32). Além disso, o autor discorre sobre o cenário conflitante entre a imprensa e militares: “[...] tratavam-nos como hostis, como inimigos, principalmente quem decidisse ser imparcial” (p. 33).

A Segunda Guerra Mundial recebeu grande influência do rádio, que surgiu anos antes (Peixoto, 2020, p. 21) e, conforme Moreira (2006), “na Europa, na década de 1920, o rádio começou a operar como meio de comunicação perfeito para alimentar com peças de propaganda as quimeras de regimes interessados na expansão ideológica além-fronteiras” (p. 37). A autora também cita o uso da tecnologia pela Alemanha para disseminar propagandas nazistas.

Deus (2006) chama a atenção para o grande poder atribuído ao rádio no país, visto que “[...] o nacionalismo alemão soube aproveitar o potencial disseminador do novo meio” (p. 73). Para a autora, foi nas mãos de Goebbels e Hitler que o rádio ganhou outras proporções, chegando às dimensões política e estratégica.

O controle dos microfones era outro stratagema nazista, uma vez que toda transmissão pelas ondas radiofônicas poderia ser bem recebida por algumas pessoas, provocar efeitos contrários em outras, mas era ouvida por todos. Goebbels usava o rádio para reforçar o poder do Estado, o que comprova a capacidade do veículo de criar e manter situações emocionais específicas, além de despertar a imaginação (DEUS, 2006, p. 75)

A Guerra do Vietnã apresentou uma característica marcante, representada pelo patriotismo sendo maior que o profissionalismo, principalmente na imprensa norte-americana que “começou de forma completamente parcial a cobrir a guerra” (Peixoto, 2020, p. 25). No entanto, Scheifer e Souza (2017) colocam o conflito como o último “em que se teve liberdade de imprensa” (p. 02), pois, ao ser transmitida pela TV, “a mídia teve acesso livre ao conflito, podendo mostrar, por meio de imagens, as atrocidades, a dor, o sofrimento e a morte de soldados” (p. 5).

Porém, a liberdade que os autores trazem não durou por muito tempo. Azevedo (1990) aponta que na mesma guerra, como efeito da exibição da crueldade militar norte-americana contra vietnamitas, houve uma mudança radical da “relação que a opinião pública estadunidense tinha com aquele conflito”, levando a protestos internos que causaram a retirada das tropas do país. À época, quando escrita a obra, Azevedo diz que os norte-americanos aprenderam a lição e, antes de iniciar um combate armado, passaram a censurar os meios de comunicação – principalmente a TV.

Devido ao fato de que as guerras do Vietnã e Fria ocorreram, em dado momento, simultaneamente, e à “lição” citada por Azevedo, a imprensa norte-americana passou a ser mais controlada pelo governo, realizando, mesmo sem perceber, uma mudança no discurso veiculado. A Guerra Fria justificava tais mudanças a partir do discurso de que medidas eram

necessárias para a “segurança nacional” (Hallin, 1986 apud Peixoto, 2020, p. 25). Aqui fica muito clara a relação “nós contra eles” de Shinar (2009): não havia mais uma divulgação dos fatos que estavam ocorrendo na guerra, o Vietnã vira o inimigo a ser combatido (Peixoto, 2020).

A Guerra do Golfo foi um cenário em que os meios de comunicação “[...] meteram os pés pelas mãos” (Mamou, 1991, p. 180). Mamou pontua que, mesmo sendo objeto de debates ao fim da guerra, os jornalistas, sofreram com problemas “muito banais: chefes de Estado que se enfrentam, decretam embargos e ultimatos, e disparam...” (p. 180).

À época, dois jornalistas da TF1¹⁰, Patrick Poivre d’Arvor e Catherine Jentile, foram para a capital do Iraque, Bagdá, cobrir a situação de guerra. Os repórteres então recebem ordens de não informar ou interrogar, tudo que conseguem são entrevistas com pessoas em seus hotéis. Os repórteres podiam apenas veicular aquilo que o serviço de propaganda iraquiano havia permitido (Mamou, 1991, p. 181-182).

No Brasil, partindo da guerra do Paraguai no século XIX, Pedro (2011) nota “uma mudança de comportamento na narração da guerra, dos atores que contam essas histórias, das formas de narrar e das formas de interpretar e receber o que é contado” (p. 781). Uma característica marcada por Pedro é a de que pessoas vivendo no ambiente de guerra eram as portadoras dessas informações (p. 781).

Nesse caso, a autora chama a atenção para a Guerra dos Canudos, ocorrida entre 1893 e 1897, guerra essa em que o papel do jornalista na época – bem como o de escritores como Euclides da Cunha – ganhou espaço: “pela primeira vez o país testemunhou uma cobertura diária de um acontecimento nacional e de um conflito armado” (Pedro, 2011, p. 782).

2.4.1 Jornalismo e guerra no Oriente Médio

Neste tópico, discorro sobre três guerras do Oriente Médio: do Afeganistão, Síria e Iêmen. São países que possuem em comum a maioria de sua população como sendo muçulmana, ou seja, que seguem o islã. É importante separar os países para que não ocorra a mistura em considerá-los todos árabes: enquanto Síria e Iêmen podem ser classificados dessa forma, o Afeganistão não se enquadra, porém, devido às características culturais árabes, que é a predominante no país, acaba por ser entendido como tal.

¹⁰ TF1 é um canal francês e possui o grupo industrial Bouygues como seu maior acionista.

Para discutir a construção do que hoje associamos ao Oriente Médio, é preciso entender como essa construção se deu. Said atribui essa criação, na obra de 1995, ao imperialismo e, na obra de 2013, ao que denomina orientalismo.

O orientalismo de Said (2013) quer dizer muitas coisas, entre elas as mudanças, conflitos e ficções estabelecidos pelo chamado Ocidente e alimentado, de certa forma, pelo chamado Oriente Médio, principalmente a partir das guerras.

O fato de que essas rematadas ficções se prestem facilmente à manipulação e à organização das paixões coletivas nunca foi mais evidente do que em nosso tempo, quando a mobilização do medo, do ódio e do asco, bem como da presunção e da arrogância ressurgentes – boa parte disso relacionada ao islã e aos árabes de um lado, e a “nós”, os ocidentais, do outro –, é um empreendimento em escala muito ampla (SAID, 2013, p. 13)

A narrativa é a principal ferramenta de criar e reafirmar uma cultura. Ela também é a ferramenta utilizada pelo imperialismo para impedir que surjam outras narrativas, assim estabelecendo uma relação inseparável entre imperialismo e cultura (Said, 1995). De acordo com o autor, o imperialismo imposto pelos Estados Unidos¹¹, ou Ocidente, aos países do Oriente Médio ignora culturas, línguas, história e povos, querendo impor suas próprias características “[...] de modo que o “nosso” Leste, o “nosso” Oriente possa ser dirigido e possuído por “nós”” (Said, 2013, p. 14).

Nesse sentido, Hajjar (2016) chama a atenção para o discurso imposto, primeiramente, pela Europa e mantido pelos Estados Unidos acerca do Oriente Médio:

A distância da língua e as poucas referências sobre quem são de fato os árabes, os islâmicos, Líbia, Irã, Líbano, Síria, Palestina, etc., como funcionam suas culturas, jurisprudência, arte, história, não chegam aos jornais e noticiários televisivos ocidentais, salvo em períodos de conflitos, deixando ao menos um rastro de dúvida pela clara incompreensão do tema reproduzido, e não permitem que novos rótulos – ou críticas mais balizadas – substituam os antigos. Ainda, esses países não falam por si mesmos [...] (HAJJAR, 2016, p. 80-81)

Para Oliveira (2022):

Nos primeiros momentos dos anos 2010, a visão sobre o Oriente Médio e o Norte da África construída na mídia ocidental tinha muita influência dos eventos do 11 de setembro de 2001 e a posterior Guerra ao Terror, lançada pelo então presidente dos EUA, George W. Bush. Até aquele momento, a existência de governos (muitos deles autoritários) no poder do Oriente Médio, por muitas décadas, parecia uma realidade dada e praticamente imutável (OLIVEIRA, 2022, p. 65)

¹¹ Hoje, a noção do imperialismo no Oriente Médio relaciona-se aos Estados Unidos, no entanto, os primeiros imperialistas na região foram os franceses, liderados por Napoleão no fim do século XVIII e, depois, pelos ingleses no Egito no século XIX, onde permaneceram até meados da década de 1950.

A partir dessas construções, produziu-se também um senso comum no imaginário do público, são ideais oferecidos “[...] num mundo ao qual nos ajustamos” (Park, 2008, p. 52).

A Guerra do Afeganistão teve o mesmo controle midiático imposto na Guerra do Vietnã, descrito no tópico anterior a partir de Azevedo (1990). Para o autor, até o fim do século passado, os meios de comunicação foram usados como instrumento de “controle da opinião pública mundial” (p. 01).

O Afeganistão é o inimigo identificado que passa a ser combatido pelos Estados Unidos, e esse é o discurso veiculado, transformando o que era para ser jornalismo em propaganda de guerra: “são encomendadas pesquisas apoiando a iniciativa de guerra contra o inimigo agora palpável, o Afeganistão, país pobre, sem a menor condição de resistência ao poderio tecno-militar global dos EUA” (Azevedo, 1990, p. 03).

E os princípios [do jornalismo como propaganda] são os mesmos: simplificação da questão com a criação de slogans facilmente entendidos (“morte aos terroristas”, “guerra contra o terror”), criação de um inimigo único [...]. A comunicação persuasiva da propaganda contamina o jornalismo. A razão cede espaço à falta de senso crítico por parte de boa parte da imprensa mundial, francamente comprometida com as megacorporações e interesses econômicos. A busca de uma opinião pública mundial favorável à intervenção militar não pode durar muito, pode mudar como o vento. Ao sabor das imagens, gritos e sangue de uma guerra na qual os meios de comunicação funcionam como armas, armas de convencer, a serviço de interesses nem sempre humanitários (AZEVEDO, 1990, p. 03-04) [grifo nosso]

Passando para o século XXI, a Guerra da Síria tem seu início em comum com a Guerra do Iêmen: a Primavera Árabe em 2011. Assim como no Iêmen, o conflito na Síria continua acontecendo. A diferença entre eles é que a guerra civil da Síria nunca deixou de estar pautada nos veículos de comunicação: “O conflito civil sírio tem recebido ampla atenção da mídia desde a sua eclosão. Os meios de comunicação de todo o mundo dedicaram ampla cobertura à guerra civil da Síria e produziram discursos variados na mídia”¹² (Zhang e Luther, 2020, p. 400).

Zhang e Luther (2020) discutem sobre o discurso construído pela mídia na Guerra da Síria e como os temas relacionados ao sofrimento humanitário recebem menos atenção do que os atos violentos ocorridos no conflito. Além disso, os autores mostram que, entre março de 2015 e fevereiro de 2016, apenas 3% das notícias relacionadas à Síria eram coberturas

¹² Do original: “The Syrian civil conflict has commanded widespread media attention since its outbreak. News media across the globe have devoted extensive coverage to Syria’s civil war and have produced varying media discourses.”

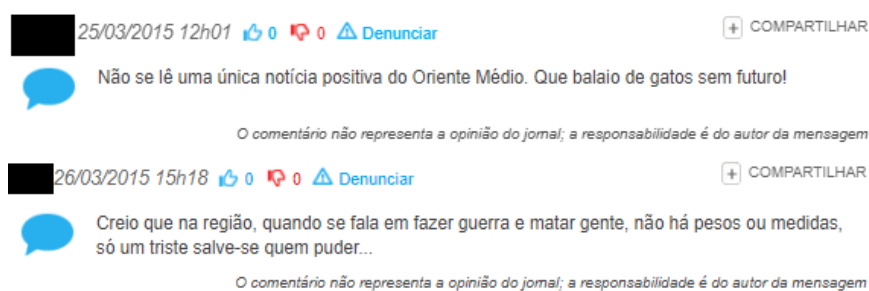
humanitárias, enquanto, no mesmo período, o aspecto mais marcante da cobertura estava relacionada ao conflito e ao terrorismo.

Hajjar (2016) explica a visão da mídia e jornalismo ocidentais relacionada aos países árabes com palavras-chaves utilizadas por ela: “terrorismo”, “petróleo”, “intolerância”, “ignorância”, “desrespeito aos Direitos Humanos” e mais alguns sinônimos destes” (p. 80).

No Brasil, Lima (2017) aponta que o jornalismo feito pela mídia do país sobre o Oriente Médio é tomado de informações incompletas e sem contextualização, colaborando com a visão negativa construída pela mídia no imaginário do público (p. 17). Burity (2013) lembra que grande parte das informações internacionais que chegam ao Brasil, vêm, principalmente, dos Estados Unidos: “nessa situação, o brasileiro acaba por ter uma visão norte-americana dos fatos internacionais” (p. 172).

Em meio às publicações da *Folha* sobre o Iêmen, foram encontrados comentários¹³ que mostram uma visão estereotipada sobre o Oriente Médio, como os do exemplo a seguir. São comentários que alimentam um estereótipo mas que não são as únicas visões observadas na seção de comentários.

Figura 2 - Exemplos de comentários



Fonte: reprodução

Com breve histórico abordado na introdução deste trabalho, a Guerra do Iêmen começou com uma Primavera Árabe violenta (Hajjar, 2016, p. 139). Mesmo antes da guerra e apesar da localização estratégica no Golfo de Aden, “o Iêmen é, historicamente, um dos países mais pobres do Oriente Médio” (Oliveira, 2022, p. 17).

Hajjar (2016) chama a atenção para a diferença dada pelo *The New York Times* nas coberturas das guerras síria e iemenita: no ano da Primavera Árabe, a autora aponta 656 notícias sobre a Síria contra 474 sobre o Iêmen, destacando também que o país – aqui

¹³ A identidade daqueles cujos comentários estão sendo reproduzidos no trabalho serão preservadas.

entendido como o governo legítimo do Iêmen – recebeu apoio militar da Arábia Saudita, “uma monarquia reconhecidamente aliada do Ocidente” (p. 139).

Como dito anteriormente, a situação do Iêmen é considerada pela ONU a pior crise humanitária do mundo. Oliveira (2022) cita a falta de espaço sobre o assunto não só na mídia, mas também no próprio campo acadêmico. A autora ainda discorre sobre como os acadêmicos “dividem protagonismo com jornalistas” (p. 18).

Nasser (2015) diz que “o escrutínio da mídia estrangeira sobre os protestos no Iêmen predominantemente resultou de duas categorizações; mídia ocidental e árabe”¹⁴ (p. 15). Indica também que a mídia ocidental nunca conseguiu entender o Iêmen: “por exemplo, antes da Primavera, o Iêmen era percebido como um total desconhecido, estranho e um lugar misterioso, e muito provavelmente com o início da Guerra Global ao Terrorismo, a mídia ocidental começou a ficar de olho no Iêmen”¹⁵ (p. 16).

Voltando à ideia da construção do discurso sobre o Oriente Médio, “as organizações midiáticas analisam os vários eventos políticos, sociais e culturais de acordo com suas inclinações ideológicas”¹⁶ (Abdi e Basaratie, 2016, p. 39). Sendo a mídia ocidental diretamente afetada pela mídia estadunidense, é compreensível, de certo modo, que não haja produção jornalística sobre a Guerra do Iêmen capaz de fazer o público entender o que de fato ocorre no país. É ainda mais natural que não exista discursos diferentes daquilo já estabelecido como sendo parte do Oriente Médio.

De encontro à colocação de Hajjar (2016), uma das publicações veiculadas na Folha de São Paulo, produzida em 2018 por repórteres do *The New York Times*, – Helene Cooper, Thomas Gibbons Neff e Eric Schmitt –, intitulada “EUA dão ajuda militar secreta a sauditas na guerra do Iêmen”, parece ser uma das únicas que explicam o que acontece no país e qual o papel de envolvidos no conflito para além dos próprios Houthis – o que também pode explicar a posição da mídia e sua visão estadunidense –, mesmo que não assumam oficialmente essa posição.

¹⁴ Do original: “Foreign media scrutiny on the protests in Yemen predominantly stemmed from two distinct categorizations; Western and Arab media.”

¹⁵ Do original: “For example, before the uprising, Yemen was perceived as a total unfamiliar, strange and mysterious place, and most probably with the beginning of Global War on Terrorism (GWOT) western media started to keep a close eye on Yemen.”

¹⁶ Do original: “media organizations analyze the various political, societal, and cultural events according to their ideological inclinations.”

Além de ser há anos uma base da Al Qaeda na península arábica, o Iêmen vive uma **guerra civil desde 2014, quando rebeldes muçulmanos xiitas do norte do país invadiram a capital, Sanaa.**

Alinhados com o Irã, os houthis depuseram o governo do presidente Abed Rabbo Mansour Hadi, o principal **parceiro dos EUA no esforço de contraterrorismo** no Iêmen.

O **memorando** detalhou assistência militar. O objetivo era manter os EUA fora das operações ofensivas contra os houthis, focando seus esforços sobre ajudar os sauditas a proteger suas fronteiras.

Em uma reunião no Capitólio em março, senadores interrogaram funcionários do Pentágono sobre o papel dos militares americanos no conflito liderado pelos sauditas, exigindo saber se existia risco de tropas americanas tomarem parte nas hostilidades contra os houthis. **Funcionários do Pentágono disseram aos senadores aquilo que já foi dito publicamente:** que as forças americanas estacionadas na Arábia Saudita apenas prestam assessoria dentro das fronteiras sauditas e trabalham principalmente com a defesa das fronteiras.

3. FINALIDADES DO JORNALISMO, VALORES-NOTÍCIA E DISCURSO

Neste capítulo, procuro abordar as características e finalidades do jornalismo como uma ferramenta de acesso ao mundo para seu público. É através dele que sabemos o que acontece em outras localidades e construímos opiniões a partir das informações divulgadas. Ou seja, é a partir dele que recebemos um norte de como podemos ver o mundo.

Para respaldar o conteúdo exposto, serão utilizados como base os conteúdos dos autores Noelle-Neumann (1974), Charaudeau (2006), Chauí (2010), Benetti (2010), Traquina (2013) e Reginato (2019).

3.1 O jornalismo como discurso

O jornalismo é uma janela para o mundo, uma “fonte de informação para a sociedade, baseada em princípios, critérios e normas reguladoras do fazer jornalístico” (Roxo, Aguiar, 2021, p. 208), uma espécie de acordo firmado entre imprensa e sociedade. Para Roxo e Aguiar, o marco crucial para o estabelecimento do jornalismo como conhecemos foi o fortalecimento dos regimes democráticos (p. 208). Santiago (2014) descreve o jornalismo como “matéria necessária para a democracia” (p. 02).

Para Zelizer (2014), o jornalismo hoje se confunde em várias esferas de comunicação e, estando em tantos lugares, “o jornalismo, de fato, não se encontra em lugar nenhum” (p. 11). A autora descreve o jornalismo como “um ponto de partida para formas mais elaboradas de nos posicionarmos e compreender o mundo” (p. 11).

Rodrigues (1993) apresenta que o acontecimento no mundo jornalístico é “inversamente proporcional à probabilidade de ocorrência” (p. 27), sendo uma série restrita em uma imensidão de outros acontecimentos que não rompem a superfície lisa qual estamos acostumados a estar, a vida cotidiana, visão corroborada por Silva (2012).

Segundo Silva, o trabalho feito por quem está nesse tipo de mídia “desfruta de um ‘potencial impacto público’”, conforme leva acontecimentos distantes de um público ao seu conhecimento, ganhando “a importante função de marcadores temporais dentro da dinâmica de uma sociedade” (p. 02). Silva também afirma que a relevância dada pelo jornalismo a certos acontecimentos “ajuda na construção do sentido de tempo público e serve a um ordenamento da experiência social” (p. 02).

Segundo Benetti (2010), “o tempo jornalístico é um tempo social, propositor de condutas tidas como adequadas ao presente. O jornalismo adquire poder normativo ao estabelecer os saberes dignos de serem denominados ‘contemporâneos’” (p. 159). Para isso, o jornalismo constrói um discurso a ser veiculado, construindo sentidos: “não há discurso sem alteridade, já pressuposta na instância de enunciação: quem fala, o faz para alguém” (p. 150).

Benetti aponta ainda que o jornalismo prevê seu leitor, que pode aceitar ou não o discurso por ele produzido e os sentidos envolvidos ali: “os sentidos são inscritos pelos sujeitos em quadros interpretativos, e assim o que se diz e o que se interpreta do já dito constituem este quadro acontecimental que caracteriza a prática discursiva [...]” (p. 150).

No entanto, a forma de construir um discurso específico pressupõe excluir informações que podem alterar a construção de sentido pretendida. Ou seja, uma das pretensões do jornalismo é construir um consenso (Benetti, 2010, p. 160), mas com ele vem também a questão do silenciamento de opiniões diferentes.

Podemos saber, de forma fluída e um tanto distante, que o mundo é maior e mais diverso do que nossas esferas de realidade mais próximas fazem parecer. Podemos saber que existem outras culturas e outros quadros morais e mesmo o jornalismo frequentemente nos revela estes outros modos de pensar e de viver. No entanto, dificilmente essa diversidade poderá adquirir o estatuto de *possibilidade*, tantas são as interdições que sofre em seu enquadramento. Sei que esses modos de viver e de pensar, tão diferentes daqueles aos quais estou habituado, existem. Mas como me apropriar deles sem deixar de pertencer a este mundo instituído como legítimo? O que o jornalismo não diz, as angulações que ele descarta, as vozes que ele ignora – ou a forma como ele marginaliza o que parece perigoso e acomoda o diferente na ordem de um regime discursivo – terminam por estabelecer, indiretamente, um suposto consenso social (BENETTI, 2010, p. 161-162)

Mouillaud (1997) enxerga as notícias como resultado de acordos entre “os agentes das redes”, em que existe interferência de ‘promotores’, ‘montadores’ do acontecimento” (p. 55).

Lima (2017), a partir dos conceitos de acronia e atopia apresentados por Marilena Chauí, observa que o material produzido sobre o Oriente Médio é vago: “[...] as notícias são transmitidas de forma incompleta, mas propositalmente” (p. 09).

Segundo Chauí (2010), a acronia e a atopia são, respectivamente, a ausência de referência temporal e a ausência de referência espacial. Na primeira, “os acontecimentos são relatados como se não tivessem causas passadas nem efeitos futuros”, ou seja, são tidos como acontecimentos espontâneos, “são objetos de transmissão e deixam de existir se não são transmitidos” (p. 46). Já na segunda, há o apagamento das “diferenças próprias do espaço

percebido (perto, longe, alto, baixo, grande, pequeno) [...]” (p. 45). A atopia cria a sensação de acontecimentos extremamente distantes estarem próximos.

A expressão “opinião pública” também já foi citada algumas vezes por autores utilizados até aqui. Noelle-Neumann (1974) explica que a opinião pública vem da interação dos indivíduos com o ambiente em que este está inserido. Além disso, “para o indivíduo, não se isolar é mais importante que seu próprio julgamento”¹⁷ (p. 43), ou seja, é mais importante ser aceito em um grupo do que ser excluído devido a uma opinião diferente do meio. Esse conceito é chamado de “espiral do silêncio”.

A espiral é dividida em três níveis: individual, midiático e social (Prado, 2021, online). No nível individual, o sujeito observa o ambiente ao seu redor, em seu círculo pessoal, “[...] avaliando a distribuição de opiniões a favor e contra suas ideias, mas sobretudo avaliando a força (comprometimento), urgência e chances de sucesso de certas propostas e pontos de vista”¹⁸ (Noelle-Neumann, 1974, p. 44). Ao emitir uma opinião não condizente com o espaço, o sujeito teme ser isolado.

No nível midiático, o indivíduo se vê na obrigação de escolher um lado. Sua opinião pessoal pode estar alinhada aos ideais mais veiculados pela mídia e, por isso, mais aceitos, o que “aumenta a sua auto-confiança e lhe permite se expressar [...] sem qualquer perigo de isolamento [...], cortando aqueles que têm diferentes pontos de vista”¹⁹ (Noelle-Neumann, 1974, p. 44). Este nível, uma vez que alinhado ao que é oferecido pela mídia, também pode ser relacionado à teoria do agendamento, que será apresentada posteriormente.

O que também pode acontecer é o indivíduo se ver na posição de ter uma ideia que não tem espaço para ser apresentada, afetando sua confiança e, “quanto mais incerto ele se torna de si mesmo, menos estará inclinado a expressar sua opinião”²⁰ (Noelle-Neumann, 1974, p. 44). Esse é o último nível, o social, em que o sujeito teme ser excluído por não partilhar da opinião da maioria e, por isso, fica em silêncio ou se adapta ao ambiente.

Quanto mais os indivíduos percebem essas tendências e adaptam suas opiniões, mais uma parcialidade parece dominar e a outra parece estar em baixa. Assim, a tendência

¹⁷ Do original: “To the individual, not isolating himself is more important than his own judgment.”

¹⁸ Do original: “[...] by assessing the distribution of opinions for and against his ideas, but above all by evaluating the strength (commitment), the urgency, and the chances of success of certain proposals and viewpoints.”

¹⁹ Do original: “which boosts his self-confidence and enables him to express himself [...] without any danger of isolation [...], by cutting those who hold different views.”

²⁰ Do original: “the more uncertain he will become of himself, the less he will be inclined to express his opinion.”

de um falar e o outro ficar em silêncio inicia um processo em espiral que cada vez mais estabelece uma opinião como a predominante (NOELLE-NEUMANN, 1974, p. 44)²¹

Quando Lima (2017) diz que “uma parcela muito pequena das pessoas desconfiam dos conteúdos que lhes são transmitidos e uma parcela menor ainda se engaja em questionar esses conteúdos” (p. 07), podemos imaginar que essas parcelas as quais a autora se refere podem estar dentro de algum dos níveis da espiral do silêncio.

3.2 Finalidades e valores

Reginato (2019) propõe 12 finalidades que “o jornalismo deve cumprir na sociedade” (p. 21), são elas: informar de modo qualificado; investigar; verificar a veracidade das informações; interpretar e analisar a realidade; fazer a mediação entre os fatos e o leitor; selecionar o que é relevante; registrar a história e construir memória; ajudar a entender o mundo contemporâneo; integrar e mobilizar as pessoas; defender o cidadão; fiscalizar o poder e fortalecer a democracia; esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade.

Pensando no jornalismo de guerra, todas essas finalidades estão presentes e são importantes, porém, aqui me aproprio de quatro delas, as quais acredito serem mais pertinentes para relacionar ao objeto de pesquisa, ao jornalismo como forma de conhecimento e ao jornalismo como história do presente: interpretar e analisar a realidade; fazer a mediação entre os fatos e o leitor; selecionar o que é relevante; registrar a história e construir memória.

No primeiro item, a autora diz que o jornalismo deve avaliar e explicar de maneira detalhada os acontecimentos da realidade. Como dito antes e em visão corroborada por Reginato, o jornalismo leva acontecimentos distantes ao público e, por isso, “é seu papel contextualizar as informações, fazendo relações entre passado e presente, entre causas e consequências” (p. 230-231). Aqui pode-se estabelecer uma relação direta com o jornalismo para a paz: o público precisa ter uma visão completa do acontecimento para assumir uma posição sobre ele, precisa de um contexto e do desenrolar da situação.

Em “fazer a mediação entre os fatos e o leitor”, Reginato explica que a informação deve ser apresentada com linguagem e texto acessíveis à compreensão de qualquer que seja seu público.

²¹ Do original “The more individuals perceive these tendencies and adapt their views accordingly, the more the one faction appears to dominate and the other to be on the downgrade. Thus the tendency of the one to speak up and the other to remain silent begins a spiral process that increasingly establishes an opinion as the predominant and the other to be silent starts off a spiraling process which increasingly establishes one opinion as the prevailing one.”

Em determinadas situações, como crises e catástrofes, o papel mediador do jornalista, transformando informação técnica e dispersa em informação acessível e concentrada, adquire alto nível de relevância, podendo significar a tomada de decisões pela população que dizem respeito à sua sobrevivência. A mediação pela linguagem não deve ser menosprezada; pelo contrário, é papel do jornalismo realizá-la, tornando o texto claro, interessante e envolvente (REGINATO, 2019, p. 232)

Essa finalidade é importante num contexto de guerra pois, para compreender seu desenrolar, é necessário que o jornalismo vá atrás de fontes específicas como profissionais de relações internacionais que expliquem o impacto da guerra, chanceleres que falem sobre as relações do(s) país(es) envolvidos com países que não estão no conflito, oficiais de governo que discutam as medidas para mitigar os efeitos sobre a população e cidadãos residentes na região, entre outras fontes.

Ou seja, além de levar acontecimentos distantes ao conhecimento público, como abordado na finalidade anterior, “o jornalismo possibilita que o leitor tenha acesso a informações de fontes que não teria como contatar, a dados que o auxiliem a resolver questões do seu cotidiano, a discussões que o ajudem a pensar” (Reginato, 2019, p. 233).

No terceiro item, o jornalismo deve priorizar aquilo que é relevante ao público: “o que é importante de ser noticiado depende, assim, do tipo de veículo e do segmento ao qual se destina” (Reginato, 2019, p. 235). Dessa forma, o jornalismo define os assuntos relevantes ao público e os enquadramentos que serão atribuídos a cada um deles, valendo-se de critérios de noticiabilidade para nortear essas escolhas.

A noticiabilidade, segundo Traquina (2013), é um conjunto de fatores que define se algo possui ou não valor como notícia. Sendo assim, os critérios de noticiabilidade mencionados “são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia [...]” (p. 61).

Traquina (2013) elenca valores-notícia de seleção, itens que um acontecimento cumpre para ser noticiado (p. 76). São eles: a morte, notoriedade, proximidade, relevância, novidade, o tempo, a notabilidade, o inesperado, conflito, a infração.

Para o primeiro item, o autor define: “Onde há morte, há jornalistas. A morte é um valor-notícia fundamental para esta comunidade interpretativa e uma razão que explica o negativismo do mundo jornalístico que é apresentado diariamente nas páginas do jornal ou nos écrans da televisão” (Traquina, 2013, p. 76). E que ambiente mais propício à morte se não as guerras?

Na notoriedade, a importância de quem está abrangido no ocorrido é essencial para este valor ser atribuído: “[...] a celebridade ou a importância hierárquica dos indivíduos envolvidos no acontecimento tem valor como notícia. [...] o nome e a posição da pessoa são importantes como fator de noticiabilidade” (Traquina, 2013, p. 77).

A proximidade é definida pelas distâncias geográfica e cultural (Traquina, 2013, p. 77). O autor indica que um acidente pequeno em uma cidade dificilmente será noticiado em outro país, por exemplo. No entanto, quando se trata de desastres, a Lei McClurg²² “[...] estabelece uma relação entre o número de mortos e a distância geográfica para avaliar a sua noticiabilidade” (Traquina, 2013, p. 77).

O ato de se preocupar em “informar o público dos acontecimentos que são importantes porque têm um impacto sobre a vida das pessoas”, bem como no país e nação (Traquina, 2013, p. 78), marca o valor da relevância.

No jornalismo, sempre buscamos aquilo que é novo, ou seja, o valor-notícia novidade. Para justificar uma suíte²³, por exemplo, “[...] tem que haver algo de novo para voltar a falar do assunto”. Traquina pontua que “devido à importância deste valor-notícia, o mundo jornalístico interessa-se muito pela primeira vez” (2013, p. 78), importa aquilo que ainda não foi visto ou publicado.

O tempo como valor-notícia assume mais de uma face. O jornalismo pode compreender o tempo como o atual ou, também, como comemoração ou lembrança de algo: “devido ao seu impacto na comunidade jornalística, um assunto ganha noticiabilidade e permanece como assunto com valor notícia durante um tempo mais dilatado” (Traquina, 2013, p. 79).

A notabilidade diz respeito àquilo que é tangível. Características como quantidade de pessoas envolvidas – quanto mais pessoas, maior a notabilidade –; a inversão – o clássico exemplo de o homem que morde o cão, e não o cão que morde o homem de Rodrigues (1993) –; o insólito – o que é incomum de se ver acontecendo –; a falha – Traquina cita como

²² Basicamente, a Lei de McClurg diz que, quanto mais longe algo acontece, menos importância o fato tem. Uma de suas falas seria “1 britânico morto vale 5 franceses mortos, 20 egípcios mortos, 500 indianos mortos e 1000 chineses mortos”. Aqui pode-se notar que, quanto mais longe do continente europeu, menos importância as pessoas mortas têm.

²³ No jornalismo, suíte significa sequência, são publicações que retomam e apresentam desdobramentos de um texto anterior.

exemplos os acidentes aéreos e nucleares –; e o excesso/escassez, marcam a definição de um acontecimento ter ou não notabilidade (Traquina, 2013, p. 79-81).

O inesperado é “[...] aquilo que irrompe e surpreende a expectativa da comunidade jornalística” (Traquina, 2013, p. 81). É o acontecimento que, devido à tamanha noticiabilidade, “subverte a rotina e provoca um caos na sala de redação” (p. 81). O conflito – violências, sejam elas física ou simbólica –, representa “[...] uma ruptura fundamental na ordem social”, distinguindo “os que são fundamentalmente da sociedade e os que estão fora dela” (Traquina, 2013, p. 82).

O último valor-notícia elencado por Traquina é o da infração, item basicamente ligado ao crime: “[...] um crime mais violento, com um maior número de vítimas, equivale a maior noticiabilidade para esse crime. Qualquer crime pode ficar com mais valor-notícia se a violência lhe estiver associada” (2013, p. 82).

Voltando à característica de selecionar o que é relevante, essa finalidade também pode ser relacionada à teoria do agendamento, ou *agenda setting*. Segundo Coleman *et al* (2009), *agenda setting* “é o processo da mídia de massa de apresentar certos problemas com frequência e destaque com o resultado de que grandes segmentos do público passam a perceber esses problemas como mais importantes do que outros. Simplificando, quanto mais cobertura um problema recebe, mais importante ele é para as pessoas” (p. 147)²⁴.

Ganhando espaço na academia com o trabalho de McCombs e Shaw (1972) sobre a relação da mídia com as eleições em Chapel Hill, na Carolina do Norte,

o processo de *agenda-setting* foi definido como a capacidade da mídia de influir na estruturação do pensamento dos cidadãos, de tal maneira que o conjunto de assuntos sobre os quais a imprensa foca sua atenção no tratamento da notícia tende a ser considerado importante pelas pessoas.[...] Mas essa primeira hipótese, uma vez que não conseguia captar a complexidade dos fenômenos que tentava explicar, foi cedendo espaço a novas definições e a novas abordagens, que culminaram com o reconhecimento do próprio McCombs de que a influência da mídia sobre a opinião pública não se limita ao “peso” que os cidadãos dão aos diferentes assuntos políticos (MANGIALAVORI, 2014, p. 28)

Para Mamou, “utilizar os meios de comunicação para resolver conflitos ou desestabilizar um adversário tornou-se prática corrente na esfera governamental. Na política, mais do que em outros lugares, a informação é uma carta no jogo do poder” (1991, p. 39).

²⁴ Do original: “Agenda setting is the process of the mass media presenting certain issues frequently and prominently with the result that large segments of the public come to perceive those issues as more important than others. Simply put, the more coverage an issue receives, the more important it is to people.”

Kassed e Mustaffa (2017) dizem que o “agendamento é uma função que os *media* podem reproduzir. Ao decidir o que é importante, os *media* definem a agenda para o conteúdo em suas próprias páginas. Por exemplo, isso pode mudar uma posição sobre uma questão como a guerra”²⁵ (p. 06).

No entanto, para Mazarr (2007), “uma abordagem do agendamento considera as decisões nacionais como decorrentes de uma interação mais complexa e agitada de questões, contexto, política, defensores de políticas e eventos”²⁶. Ou seja, a teoria do *agenda setting*, indo ao encontro a Mamou (1991), de McCombs e Shaw (1972), não depende apenas da mídia ou de quem a faz, existem agentes interessados em quanto e como um acontecimento será tratado.

Como visto antes na Guerra do Vietnã, um agendamento sem agentes alheios à mídia – mas que mantêm interesse nela –, pode trazer danos às intenções finais de uma situação pensada politicamente, além disso, é importante lembrar que a teoria não tem o poder de escolher o que cada indivíduo irá pensar sobre um assunto agendado.

Na quarta e última finalidade selecionada para este trabalho – registrar a história e construir memória –, Reginato abre dizendo que “o jornalismo deve preservar a memória, documentando os fatos mais importantes que ajudam a sociedade a entender seu tempo agora e no futuro” e, além disso, “deve acionar o trabalho de memória no momento da construção do relato do presente, cotidianamente produzido” (2019, p. 236).

Segundo Meneses (2019), um acontecimento não possui a capacidade de virar história – e, conseqüentemente, acionar uma memória no futuro – sozinho: “para que seja histórico, é condição que algo se torne conhecido por uma audiência, seja local, nacional ou mundial” (p. 66).

No entanto, segundo Barbosa (2019), a história não se confunde com a memória: “assim, enquanto a memória diz respeito ao nível declaratório do testemunho, a história relaciona-se ao nível documental que atesta a verdade presumida como incontestável presente na epistemologia histórica como discurso verdadeiro sobre o passado” (p. 21). Para a autora,

²⁵ Do original: “Agenda Setting is a function that the media can play. By deciding what is important, media set the agenda for content within their own pages. For example, it can change a position on an issue such as war.”

²⁶ Do original “An agenda-setting approach views national decisions as arising from a more complex, swirling interplay of issues, context, politics, policy advocates, and events.”

também há uma relação direta entre história e memória pois, quando a história passa a ser objeto da mídia, a memória ganha espaço (2015).

O jornalismo como história do presente também se relaciona ao *agenda setting* ao passo que, para ser memorável, um acontecimento precisa conquistar espaço na mídia, precisa ter seu desenrolar mostrado ao público e, assim, o agendamento “coloca o problema de uma *continuidade em nível cognitivo* entre as distorções que se originam nas fases de produção da informação e os critérios de relevância, de organização dos conhecimentos, que os usufruidores de tal informação assimilam e tornam seus” (Wolf, 2009, p. 144) [grifo do autor]. Reginato (2019) ressalta que essa finalidade “reforça o compromisso ético de buscar a verdade dos fatos e respeitar a processualidade dos acontecimentos [...]” (p. 236).

Todas as finalidades apresentadas aqui também podem ser discutidas a partir da abordagem que considera o jornalismo como uma forma de conhecimento. Para Meditsch (1997), existem três abordagens possíveis para o jornalismo enquanto forma de conhecimento: a primeira considera que “o Jornalismo não produz conhecimento válido, e contribui apenas para a degradação do saber” (p. 02); para a segunda, utilizando conceitos de James e de Park, Meditsch diz que a sociedade lida com vários tipos de conhecimento, sendo o jornalismo um deles; na terceira abordagem “o Jornalismo não revela mal nem revela menos a realidade do que a ciência: ele simplesmente revela diferente” (p. 03), trazendo visões que outras formas de conhecimento não conseguem apresentar.

Além desta maneira distinta de produzir conhecimento, o jornalismo também tem uma maneira diferenciada de o reproduzir, vinculada à função de comunicação que lhe é inerente. O Jornalismo não apenas reproduz o conhecimento que ele próprio produz, reproduz também o conhecimento produzido por outras instituições sociais. (MEDITSCH, 1997, P. 03)

Lapenda e Domingues da Silva (2017) lembram que o jornalismo faz “parte do “singular, ou o “novo”; seguindo para o particular, que é aquilo que engloba o fenômeno, condicionando-o histórico-socialmente; até o universal, que significa a racionalidade inerente e que dá significação à notícia [...]” e, dessa forma, existe um equilíbrio entre fenômeno (singular) e contextualização (universal) (p. 215).

No tópico *Conversa com leitores*, parte da editoria Painel do Leitor da *Folha*, publicada em 24 de março de 2022, uma publicação carrega o título “Desafios da cobertura na Ucrânia são tema de papo de leitores com a Folha”. Nela, um dos leitores questiona o editor

de Mundo – categoria em que os conteúdos são publicados massivamente – o porquê a guerra da Ucrânia ter tanta atenção enquanto outros conflitos não recebem:

O estudante de jornalismo Luan Oliveira, 21, de Maceió (AL), avaliou que os critérios de noticiabilidade dos jornalistas às vezes expõem contradições. "Como explicar a decisão de cobrir extensivamente o conflito ucraniano enquanto outras questões, como a do Iêmen, ficam em segundo plano ou sequer são cobertos?", questionou.

Em resposta, o editor diz que, naquele momento, a guerra da Ucrânia – com então um mês de duração –, não era um conflito comum e possuía um maior valor-notícia:

Este é o maior conflito na Europa desde a Segunda Guerra Mundial e pode desembocar em uma Terceira Guerra Mundial. A atenção dispensada para esse conflito é porque ele tem um valor de notícia maior. Pode ser um pouco duro dizer isso, mas essa é, na matemática da notícia, aquilo que devemos priorizar: qual é o evento que tem as maiores repercussões, humanitárias, geopolíticas e econômicas

Ao dizer que repercussões humanitárias, geopolíticas e econômicas devem ser priorizadas, nenhuma guerra, seja civil ou não, deveria ser esquecida no jornalismo, já que são fatores que não costumam ser ausentes.

3.3 Quem diz, diz algo a alguém

“Todos nós sabemos que os gêneros costumavam existir: nos bons velhos tempos do classicismo havia baladas, odes, sonetos, tragédias e comédias [...]”²⁷ (Todorov, 1990, p. 13). Todo gênero textual traz consigo um discurso e no jornalismo não é diferente. Para entender o discurso, é importante lembrar que ele também é uma forma de linguagem que, por sua vez, “é qualquer forma, rudimentar ou sofisticada, sistematizada de designação e interação”, servindo para “designar e criar processos de interação” (Siqueira, 2015, p. 84).

Charaudeau diz que “qualquer ato de linguagem é um ato de intercâmbio interacional entre dois parceiros (sujeito comunicante e sujeito interpretante) ligados por um princípio de intencionalidade, ocorrendo sempre numa determinada situação de comunicação”²⁸ (2006, online).

Dessa forma, retomando o tópico 2.3 e até mesmo parte do conceito da espiral do silêncio, um discurso é sempre dito para alguém que irá interpretar os dados de acordo com sua vivência e realidade:

²⁷ Do original: “We all know that genres used to exist: in the good old days of classicism there were ballads, odes, sonnets, tragedies and comedies [...]”

²⁸ Do original: “Tout acte de langage est un acte d’échange interactionnel entre deux partenaires (sujet communicant et sujet interprétant) liés par un principe d’intentionnalité, cet échange se produisant toujours dans une certaine situation de communication.”

O sujeito comunicante, ao tomar posse da palavra, institui-se como sujeito enunciado, ou enunciando, e institui ao mesmo tempo o sujeito interpretante como sujeito destinatário. O posicionamento do sujeito enunciadador depende, portanto, dos dados da situação de comunicação em que se encontra o sujeito comunicante²⁹ (CHARAUDEAU, 2006, ONLINE)

Em contraponto, e recuperando os conceitos de Chauí (2010), Lima (2017) acredita que as notícias sobre Oriente Médio são dadas fora de contexto, espetacularizadas e “somente conseguem a comoção dos leitores quando trata-se de algo que as pessoas se identificam e se sentem tocadas, mesmo assim o assunto continua sendo algo incompreendido [...]” (p. 09), isso porque, como mostrado no tópico anterior, a autora associa os interesses das elites ao controle da mídia.

Assim como outros tipos de discurso, o discurso jornalístico se apropria de palavras e direciona esse dizer a um público. Nesse caso, “esse traço é essencial, pois estamos falando de um discurso de mediação entre os campos sociais [...]” (Schwaab e Zamin, 2014, p. 51-52) e, assim, o jornalismo também cumpre a finalidade de “registrar a história e construir memória” apresentada anteriormente.

Schwaab e Zamin apontam que, ao pensar o jornalismo,

deve-se levar em conta o papel do jornalista, num contexto que congrega elementos como a organização/ empresa, a relação com as fontes de informação e o horizonte do público [...]. São pontos a serem considerados na leitura da trama do discurso, quando se busca compreender o que é dito, como é dito e como isto significa, ou seja, os efeitos de sentido que emergem da relação entre texto e condições de produção (SCHWAAB, ZAMIN, 2014, p. 50-51)

Para Siqueira (2015), a sociedade humana “se organiza em esferas de atividades que se estabelecem a partir de um domínio discursivo, pois é preciso um instrumento de interação para haver organização”, uma dessas esferas é a da atividade jornalística que “se constitui a partir de um domínio discursivo jornalístico que circula na esfera e fora dela [...]” (p. 85).

Partindo do pressuposto de que cada indivíduo de um público interpreta uma informação a sua maneira, é preciso entender “[...] quais foram as reais intenções dos anunciantes, faz-se necessário conhecer o que não foi dito, ou seja, se ler nas entrelinhas do discurso jornalístico” (Freitas, 1999, p. 02).

²⁹ Do original “Le sujet communicant, en prenant possession de la parole s’institue en sujet énonçant, ou énonciateur, et institue du même coup le sujet interprétant en sujet destinataire. Le positionnement du sujet énonciateur dépend donc des données de la situation de communication dans laquelle se trouve le sujet communicant.”

Retomando o conflito no Golfo na década de 90, com o episódio dos jornalistas da TF1, “os meios de comunicação compreenderam que estavam à mercê de uma manipulação, de um erro, de uma mentira orquestrada” (Mamou, 1991, p. 179). Com isso, Mamou explica que os jornalistas podem tornar-se intermediários capazes de seduzir o público a partir de informações divulgadas com interesses por trás, seja de empresas, seja de políticos (p. 73), mesmo que isso não esteja explícito.

Complementando essa ideia, Freitas diz: “através do que foi dito é sempre possível se chegar ao não dito, cujas pressuposições e implicações estão contidas de forma velada ou camuflada em qualquer discurso” (1999, p. 07).

Para Foucault (1996) “[...] em toda sociedade a produção de discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (p. 09). O autor considera que a política é um dos lugares em que as interdições do discurso “exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes” (p. 10).

De acordo com Mendonça e Biasoli Alves (2006), o discurso jornalístico detém a capacidade “de incorporar e mediar os discursos de vários sujeitos e processos sociais. Isso faz do jornalismo um cenário de confrontos e de uma linguagem organizada de interesses em competições das fontes que querem ver publicados os seus conteúdos” (p. 17).

Para compreender o que é dito em um texto, cada interpretação parte de um jogo de “pequenos sistemas lógicos portáteis” do sujeito (Pêcheux, 1997, p. 33) e “é preciso resgatar a memória discursiva a fim de interpretar determinadas palavras, ou seja, perceber como a memória de outros textos aparece no corpus discursivo em questão” (Mendonça, Biasoli Alves, 2006, p. 18). No caso do objeto deste trabalho, as notícias sobre o Iêmen precisam ser interpretadas a partir de uma memória para que o público encontre sentido nos acontecimentos.

4. METODOLOGIA E OBSERVAÇÃO

Este capítulo é voltado à apresentação da metodologia escolhida para este trabalho e à observação e análise das notícias extraídas do portal *Folha de São Paulo*.

A *Folha*, segundo o IVC, possuía, em julho de 2023, 752.019 assinaturas digitais, estando à frente de concorrentes como *O Globo* e *O Estado de São Paulo*, com 325.598 e 185.106 assinaturas, respectivamente. Isso coloca o jornal como uma das maiores audiências do país e, por isso, foi o escolhido para a análise proposta aqui.

Para a metodologia, serão utilizados os autores Benetti (2007) e Pêcheux (1997).

4.1 Análise de Discurso

O método escolhido para este trabalho foi a Análise de Discurso (AD). Benetti considera este método “[...] para dois tipos de estudo no jornalismo: mapeamento das vozes e identificação dos sentidos” (2008, p. 107). Maingueneau, por sua vez, diz que “[...] os atos de fala acionam convenções que regulam institucionalmente as relações entre sujeitos, atribuindo a cada um um estatuto na atividade da linguagem” (1997, p. 30).

Quando um enunciado é dito, ele possui uma significação pretendida pelo enunciador, “mas, decidir qual é a significação do enunciado, fora de suas ocorrências possíveis, implica ultrapassar o terreno da experiência – talvez justificável, mas que, de qualquer forma, precisa ser justificada” (Ducrot, 1984, p. 13-14).

Pêcheux lembra que cada enunciado é “[...] suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar um outro” (1997, p. 53) a depender da interpretação atribuída a este.

Dessa forma, o público interpretando um material oferecido a partir de sua forma de ver o mundo, também tira conclusões daquilo que não está explícito, mas que, de alguma forma, faça sentido em sua memória:

Portanto, pode-se compreender que, na relação entre o dizível e o não-dizível, dá-se a produção do sentido; que tanto o sujeito como os sentidos de seus discursos, o dito e o não-dito são determinados pelas formações discursivas, as quais operam através dos saberes constituídos na memória do dizer. As formações discursivas, como lugar de construção dos sentidos, são inscritas numa formação ideológica e determinam “o que pode ou deve ser dito” (SILVA, 2008, p. 43)

Ducrot aborda a questão de que existe um valor subentendido no que é dito e aquilo que não é dito: “um primeiro passo observável consiste no fato de que existe sempre um enunciado como subentendidos, um “sentido literal” do qual tais subentendidos estão excluídos. [...] De acordo com uma expressão familiar, o subentendido permite acrescentar alguma coisa sem dizê-la, ao mesmo tempo em que ela é dita (1987, p. 19)

Partindo do pressuposto de que um discurso é “pleno de possibilidades de interpretação” (Benetti, 2007, p. 108), é importante lembrar que um mesmo texto pode ser analisado novamente e ganhar outros sentidos, já que “ele não se esgota em uma descrição. E isto não tem a ver com a objetividade da análise mas com o fato de que todo discurso é parte de um processo discursivo mais amplo que recortamos e a forma do recorte determina o modo da análise [...]” (Orlandi, 2005, p. 64).

Para utilizar-se a AD, é necessário partir das chamadas formações discursivas (FDs), as quais Pêcheux define como “[...] aquilo que, numa formação ideológica dada [...], determina o que pode e deve ser dito” (1997, p. 160). Cada FD “é uma espécie de região de sentidos, circunscrita por um limite interpretativo que excluiu o que invalidaria aquele sentido – esta segunda, por sua vez, constituiria uma segunda FD” (Benetti, 2007, p. 112). As FD 's são separadas, numeradas e nomeadas de acordo com seu sentido principal (p.113).

Nesse sentido, Fiorin (2012) diz que “para uma análise de um texto não interessam a figura ou o tema isolados. Para achar o tema que dá sentido às figuras ou o tema geral que unifica os temas disseminados num discurso temático, é preciso apreender os encadeamentos das figuras ou dos temas, ou seja, os percursos figurativos ou temáticos” (p. 75)

Após elencar as FDs, a sequência discursiva (SD) é encontrada. A SD é “o trecho que arbitrariamente recortamos para análise e depois utilizamos no relato de pesquisa” (Benetti, 2007, p. 113).

4.2 Apresentação e Análise do *Corpus*

O processo de seleção das notícias foi dividido em quatro partes: a) resgatar todo o material com a palavra “Iêmen” no título ou corpo do texto, verificar os links ativos e excluir as editoriais de Opinião, Fotografia, Colunas e blogs, Colunistas, Celebidades, Painel do Leitor, Editorial, Ilustrada e Ilustríssima; b) separar todas as publicações ligadas diretamente à

situação de guerra no Iêmen; c) realizar o recorte de tempo; d) selecionar todas as publicações restantes que pudessem ser enquadradas como notícia.

A primeira parte foi realizada utilizando a ferramenta de pesquisa da própria plataforma. Ao pesquisar “Iêmen”, o filtro de data também foi ativado para refinar as buscas deste trabalho. O levantamento teve início nos materiais publicados a partir de setembro de 2014, quando foi declarado o estado de guerra no país, e segue até setembro de 2022, quando o conflito completou 8 anos de duração.

Inicialmente na primeira fase haviam sido selecionados 1.343 links correspondentes aos critérios iniciais de pesquisa. Destes, 60 são duplicados devido ao site publicar, em endereços diferentes, as versões que foram para o impresso, o que faz a quantidade cair para 1.283. Essas publicações levam uma tarja vermelha indicando que são do impresso e sua versão digital costuma ter pouca alteração.

Figura 3 - Indicativo de publicação impressa

edição impressa

Fonte: Reprodução

Figura 4 - Exemplo de publicação impressa vs replicada no digital

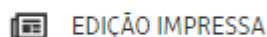
The image shows two side-by-side versions of a newspaper page. The left version is the print edition, with a red header 'edição impressa' and a date 'TERÇA-FEIRA, 9 DE SETEMBRO DE 2014'. The right version is the digital edition, with a blue header 'mundo' and the same date. Both versions feature the same main headline: 'Ofensiva dos EUA contra milícia radical pode durar três anos' by Isabel Fleck de Nova York. The digital version includes a blue banner at the top right that says 'EXPERIMENTE A VERSÃO DIGITAL SO PARA ASSINANTES DA FOLHA' and a smaller inset image of the newspaper's front page.

Fonte: Reprodução

Dos 1.283 textos restantes, 42 são de materiais do impresso que apenas foram disseminados no *site*, ou seja, não possuem link em duplicidade diferente do caso anterior, porém possuem a mesma indicação em vermelho. Os outros 1241 textos dividem-se entre materiais veiculados no impresso e digital ou apenas no digital. Dos 1283, 55 estão com o endereço inválido – apesar de serem mostrados como resultado quando pesquisados, o

resultado do *link* oferecido é a página inicial da *Folha de São Paulo* –, e 16 são replicações de conteúdo na extinta *Agora São Paulo*, itens estes que foram desconsiderados da análise.

Figura 5 - Indicação de publicação no impresso



Fonte: Reprodução

Figura 6 - Página inicial *Agora São Paulo*

Obrigado, leitor

Agora São Paulo encerra suas atividades após 22 anos

Fonte: Reprodução

Nesse momento também foram excluídos 44 links da editoria de Opinião, 144 da Fotografia, 72 da Colunas e blogs – editoria que somei à de nome Colunistas –, 8 do Painel do Leitor, 10 da Editoria, 20 da Ilustrada e 9 da Ilustríssima. Esses itens, bem como 7 publicações da editoria de Celebridade, foram retirados da análise uma vez que o foco do trabalho são as notícias e essas editorias não cumprem esse papel por tratarem da visão pessoal dos autores ou que, lembrando Traquina (2013), não estão abrangidas no tema central. No entanto, é importante dizer que algumas das publicações que envolvem a opinião dos autores abordam a questão aqui tratada. O número final de endereços selecionados nessa primeira fase foi de 898.

Figura 7 - Exemplo de artigo de opinião

OPINIÃO

Ataque em Londres reflete postura internacional do Reino Unido

HENRIQUE GOLDMAN
ESPECIAL PARA A FOLHA

24/03/2017 © 11h35

Ao falar do atentado em Londres a mídia estridente raramente lembra, por exemplo, dos bilhões lucrados pelo país com venda de armamentos para Arábia Saudita para bombardear civis no **Iêmen** ou –só mais um exemplo entre tantos outros– do vergonhoso papel dos seus governantes e do seu Exército na Guerra do Iraque.

Fonte: Reprodução

Partindo para a segunda fase, os materiais foram analisados no sentido de afunilar o *corpus*. Para isso, os materiais que não falam diretamente sobre a guerra iemenita, ou seja, apenas mencionam rapidamente o país o atribuindo a uma outra situação que não o conflito, foram retirados da análise. Com a retirada de 614 textos, sendo ao todo 999 materiais excluídos de acordo com os fatores da análise, nesse momento o *corpus* passa de 898 para 284, lembrando que o intervalo de tempo avaliado inicialmente foi de setembro de 2014 a setembro de 2022.

Figura 8 - Exemplo de situação alheia ao conflito

Antes disso, ela convenceu pessoas de todo o mundo a investir suas economias na OneCoin, na expectativa de altos retornos. Documentos sigilosos a que a BBC teve acesso mostram que britânicos gastaram quase 30 milhões de libras (R\$ 158,7 milhões) em OneCoin nos primeiros seis meses de 2016. Há também registro de investimentos vindos de países como Paquistão, Noruega, Canadá, **Iêmen** e também do Brasil.

Fonte: Reprodução

Devido ao período voltado ao desenvolvimento deste trabalho, foi decidido realizar um recorte de um ano do conflito: os seis meses iniciais e os seis meses anteriores ao aniversário de oito anos da guerra do Iêmen. Dessa forma, na terceira fase de análise foram separados os materiais de setembro de 2014 até março de 2015 e abril até setembro de 2022. Seguindo essa delimitação, o *corpus* chegou a 82 textos, sendo 72 e 10 dos respectivos períodos.

Na quarta fase, os 82 textos restantes das fases anteriores passaram por mais um afunilamento. Neste, todos que puderem ser enquadrados como notícia seguirão para a análise.

Traquina (2013) diz que, para além dos valores-notícia e junto à política editorial de um jornal, aquilo que é notícia ou noticiável “implica um esboço da compreensão contemporânea do significado dos acontecimentos como regras do comportamento humano e institucional” (p. 92).

A rotina, a normalidade, é a referência da redação, mas “a ruptura da “normalidade” consegue um lugar de referência do mundo das notícias” (Traquina, 2013, p. 92). Por fim, o autor conclui que definir aquilo que é notícia é quase instintivo e “[...] não há regras que indiquem que critérios têm prioridade sobre os outros, mas os critérios de noticiabilidade existem, duradouros ao longo dos séculos” (p. 93).

Após o último recorte, o *corpus* foi definido em 31 notícias³⁰, sendo 29 do primeiro e 2 do segundo período estabelecido. É importante pontuar que os textos encontrados não são assinados por nenhum jornalista. Os autores são agências de notícias, identificadas como *Agências de Notícias, Reuters, Agence France-Presse (AFP) e EFE*.

O *corpus* está apresentado abaixo, organizado em tabela e forma de identificação ao decorrer da análise. A partir dessas notícias, também foram definidas duas formações discursivas que marcam majoritariamente as notícias selecionadas, o Jornalismo de Guerra e o Jornalismo para a paz. À primeira FD, foram atribuídos quatro sentidos: 1- Conflitos, 2- Envolvimento de outras nações, 3- Relação com o terror, 4- Religião. À segunda FD, foi atribuído o sentido 1- Acordos e esperança. Foram encontradas 86 SDs³¹ dentro das notícias, sendo, na primeira FD, 31 SDs correspondentes ao primeiro sentido, 26 ao segundo, 8 ao terceiro e 4 ao quarto. Já no sentido 1 da segunda FD, foram encontradas 17 SDs.

Quadro 1 - Notícias selecionadas: *corpus* final

Título	Data	Autor	Impressa	Digital	Identificação	Sentido
Rebeldes xiitas tomam gabinete e primeiro ministro do Iêmen renuncia	21/09/2014	Agências de Notícias		X	N1	1, 3
Combates com rebeldes xiitas na capital do Iêmen deixaram 270 mortos	25/09/2014	AFP		X	N2	3
Presidente do Iêmen indicado do país na ONU como premiê	13/10/2024	Reuters		X	N3	3

³⁰ As notícias estarão disponibilizadas em anexo ao fim do trabalho

³¹ Disponíveis em apêndice ao fim do trabalho.

Confrontos entre xiitas e tribos sunitas matam dezenas no Iêmen	12/11/2014	Agências de Notícias		X	N4	1,2, 4
Atentado mata 26 incluindo 16 crianças no Iêmen	16/12/2014	Agências de Notícias	X	X	N5	1, 4
Ataque contra aliados de milícia xiita deixa 33 mortos no Iêmen	31/12/2014	Agências de Notícias		X	N6	1, 4
Rebeldes invadem sede do poder no Iêmen	21/01/2015	Agências de Notícias		X	N7	1, 4
Presidente e grupo xiita entram em acordo para resolver crise no Iêmen	21/01/2015	Agências de Notícias		X	N8	3, 4
Presidente do Iêmen renuncia durante crise	23/01/2015	Agências de Notícias	X		N9	1, 3
Iêmen tem dia de protestos após renúncia do presidente	23/01/2015	Agências de Notícias		X	N10	1, 3, 5
Confrontos no Iêmen deixam 16 rebeldes xiitas mortos	14/02/2015	-		X	N11	1

Conselho de Segurança exige que houthis deixem o poder no Iêmen	15/02/2015	EFE		X	N12	3
Presidente do Iêmen retira renúncia após fugir da capital	21/02/2015	EFE		X	N13	3
Avião ataca casa de líder do Iêmen após confrontos deixarem 6 mortos	19/03/2015	Agências de Notícias		X	N14	1
Ataques no Iêmen contra mesquitas houthis deixam ao menos 137 mortos	20/03/2015	Agências de Notícias		X	N15	1, 5
Iêmen é disputado por dois grupos religiosos radicais	20/03/2015	Agências de Notícias/France Presse		X	N16	1, 2, 5
Presidente do Iêmen pede que rebeldes deixem capital do país	21/03/2015	Agências de Notícias		X	N17	1, 3
Rebeldes xiitas tomam terceira maior cidade do Iêmen	22/03/2015	Agências de Notícias		X	N18	1, 3, 4

Árabes tomarão 'medidas necessárias' no Iêmen, diz chanceler saudita	23/03/2015	Reuters		X	N19	2, 3
Sauditas cogitam ação militar no Iêmen	24/03/2015	Agências de Notícias	X		N20	2
Milícia reprime protesto em cidade ocupada e mata ao menos 6 no Iêmen	24/03/2015	Agências de Notícias		X	N21	1
Rebeldes tomam base aérea e atacam casa do presidente no Iêmen	25/03/2015	Agências de Notícias		X	N22	1, 2, 5
Arábia Saudita anuncia operação militar no Iêmen	25/03/2015	Agências de Notícias		X	N23	1, 2
Intervenção saudita no Iêmen ganha apoio; rebeldes convocam protestos	26/03/2015	Agências de Notícias		X	N24	2
Irã condena bombardeio saudita contra aliados xiitas no Iêmen	27/03/2015	Agências de Notícias	X	X	N25	1, 2

Arábia Saudita continua a bombardear Iêmen, em meio a tensão regional	27/03/2015	Agências de Notícias		X	N26	1, 2, 4
Rebeldes xiitas são 'fantoques do Irã', diz presidente do Iêmen	28/03/2015	Agências de Notícias	X	X	N27	1, 2
Países árabes anunciam criação de uma força militar unificada	30/03/2015	Agências de Notícias	X		N28	1, 2
Bombardeio em campo de refugiados deixa ao menos 45 mortos no Iêmen	30/03/2015	Agências de Notícias		X	N29	1
Rebeldes do Iêmen anunciam trégua por 3 dias após ataque que elevou tensão com sauditas	26/03/2022	Reuters		X	N30	2
Arábia Saudita anuncia trégua de um mês no Iêmen durante o Ramadã	29/03/2022	Reuters	X	X	N31	1, 2, 3, 4

Fonte: autor

Quadro 2 - Sentidos atribuídos às Sequência Discursivas da Formação Discursiva 1 – Jornalismo de Guerra

Sentidos	Quantidade de Sequências Discursivas	Notícia em que está presente
Conflitos	31	N1, N4, N5, N6, N7, N9, N10, N11, N14, N15, N16, N17, N18, N21, N22, N23, N25, N26, N27, N28, N29, N31
Envolvimento de outras nações	26	N4, N16, N19, N20, N22, N23, N24, N25, N26, N27, N28, N31
Relação com o terror	8	N4, N5, N6, N7, N8, N18, N26
Religião	4	N10, N15, N16, N31

Fonte: autor

Quadro 3 - Sentido atribuído à Sequência Discursiva da Formação Discursiva 2 – Jornalismo para a paz

Acordos e esperança	17	N1, N2, N3, N8, N9, N10, N12, N13, N17, N18, N19, N30, N31
---------------------	----	--

Fonte: autor

4.2.1 Conflitos

O primeiro sentido, de conflitos, é o que mais agregou SDs, com 31 – sem gerar surpresas, uma vez que o assunto gira em torno do desenrolar de uma guerra. As sequências discursivas elencadas dentro desse sentido apresentam uma visão dos acontecimentos que, como o próprio nome indica, envolvem algum tipo de tensão, entre eles o âmbito político.

Fortes principalmente no norte do país, os xiitas **capturaram a capital**, Sanaa, em setembro, **além de terem tomado cidades** no centro e noroeste do país.” (N5; SD12)

Segundo ele, a invasão foi uma **forma de pressionar o governo** a cumprir os termos de um acordo assinado em setembro de 2014 e mediado pela ONU, no qual o gabinete de Hadi se compromete a compartilhar o poder com os houthis. (N7; SD15)

A violência foi o último incidente a abater o volátil Iêmen, onde os rebeldes **tomaram o poder, mas não controlam todo o país e estão sendo confrontados** por um poderoso ramo da al-Qaeda. As negociações das Nações Unidas, chefiadas pelo enviado Jamal Benomar, tem o objetivo de resolver o impasse que se instalou. (N11; SD26)

Para lidar com a crise em que vive o país, Hadi encorajou os partidos iemenitas a se encontrarem em Riyadh, capital da Arábia Saudita, para conversas de paz, mas também prometeu fincar uma bandeira nacional em Saadeh, quartel-general dos Houthi, **o que deve ser interpretado como um chamado para a guerra pelos rebeldes**. (N17; SD37)

"Eu digo aos fantoches do Irã, aos seus brinquedos e àqueles que os apoiam: **vocês destruíram o Iêmen com sua adolescência política, fabricando uma crise local e**

regional", discursou o presidente iemenita, que voltou à Arábia Saudita, onde está abrigado, após participar da cúpula. (N27; SD72)

A **guerra do Iêmen é vista como uma batalha** por procuração entre a Arábia Saudita, país muçulmano sunita, e o Irã, xiita. **O conflito já deixou mais de 10 mil crianças iemenitas mortas ou mutiladas, segundo o Unicef** (fundo da ONU para a infância). (N31; SD80)

Também foram encontradas diversas menções diretas à violência física, mostrando que houve feridos e/ou mortos em conflitos armados e outros cenários, bem como situações com tons de ameaça.

Um atentado com dois carros-bomba que **visava matar** membros do grupo xiita Houthi **deixou ao menos 26 mortos**, entre eles 16 estudantes, na cidade de Rada, na região central do Iêmen na terça-feira (16). A ação foi atribuída à Al Qaeda. (N5; SD11)

Em outubro, a Al Qaeda já havia prometido **iniciar uma "guerra sem piedade"** contra o grupo. (N5; SD11)

Os confrontos desta semana em Sanaa deixaram ao menos 35 mortos e 94 feridos. Na terça, militantes houthis invadiram o palácio presidencial e atacaram a residência de Hadi em ações simultâneas. (N7; SD15)

O governo da Arábia Saudita confirmou na noite desta quarta (25) ter **iniciado ataques aéreos no território do vizinho Iêmen**, em resposta ao avanço da milícia xiita houthi, que já domina o noroeste do país e agora ameaça tomar o controle de Áden, ao sul. (N23; SD52)

Em **resposta aos ataques**, o líder rebelde, Abdulmalik al-Houthi, declarou que o **Iêmen se tornará um "cemitério de invasores" se houver uma ofensiva por terra**. (N25; SD63)

As SDs encontradas descrevem episódios rápidos mas com impactos severos, cumprindo alguns dos critérios de noticiabilidade que Traquina (2013) propõe, como a relevância. Na época, sendo produzidas por agências de notícias internacionais, as notícias cumprem o papel de informar uma população que pode ou não estar no Iêmen, que conhece alguém que está ou que simplesmente se importa.

Interessante notar que grande parte das SDs elencadas neste sentido faz alguma menção à morte, que também é um valor-notícia proposto por Traquina (2013). Traquina discute o negativismo jornalístico e como jornalistas estão onde a morte está, porém, lembrando, nenhum jornalista assinou notícia alguma analisada aqui. Mesmo assim, uma agência de notícias é apenas uma instituição, foi preciso que alguém analisasse a situação e escrevesse o texto. De qualquer forma, pode-se dizer que foi um valor-notícia presente nessas sequências.

A notoriedade também pode ser notada nas menções ao presidente do Iêmen, uma figura política e com uma posição importante perante à comunidade, ou seja, segundo Traquina (2013), sua posição hierárquica na sociedade impõe a importância que constitui um valor-notícia.

4.2.2 Envolvimento de outras nações

Alguns países são apontados por terem envolvimento na situação do Iêmen, assumindo ou não desempenhar esse papel.

Os **EUA reconhecem realizar ataques com drones no Iêmen**, mas **não comentam** publicamente sobre isso. (N4; SD10)

O grupo, presente principalmente na região norte, age sob inspiração do Hizbollah libanês e, suspeita-se, **vem recebendo apoio do Irã**. (N4; SD35)

Em dado momento do conflito, outros países começaram a demonstrar a possibilidade de se envolverem na guerra.

Questionado se a **Arábia Saudita, vizinha do Iêmen**, ofereceria apoio militar ao presidente Hadi, que o país reconhece como governante legítimo, o chanceler afirmou: "**Certamente, países na região e o mundo árabe tomarão as medidas necessárias para proteger a região de agressão**". (N19; SD43)

O **representante do Reino Unido**, por sua vez, disse que **seu governo e os aliados** ainda discutem que resposta dar à crise. "Nenhum de nós quer ver uma ação militar", disse, ressaltando, contudo, que **a comunidade internacional não "ficará parada** enquanto os houthis e outros atores minam a estabilidade no Iêmen e seu presidente legítimo". (N20; SD45)

A **Arábia Saudita havia ameaçado** na segunda (23) **intervir no país** diante da situação de confronto. (N22; SD49)

A possibilidade de envolvimento foi efetivada e, com isso, outras nações também se pronunciaram contra as medidas tomadas.

O **governo da Arábia Saudita confirmou** na noite desta quarta (25) **ter iniciado ataques aéreos no território do vizinho Iêmen**, em resposta ao avanço da milícia xiita houthi, que já domina o noroeste do país e agora ameaça tomar o controle de Áden, ao sul. (N23; SD53)

Entre os **países que reconheceram estar ao lado da Arábia Saudita** estão os **Emirados Árabes Unidos, o Kuwait e o Qatar**. O **Egito também disse estar preparado para contribuir** com ataques aéreos ou pelo mar e até com o envio de tropas, "se necessário". (N23; SD54)

O ataque saudita também foi **condenado pelo líder russo**, Vladimir Putin, que pediu o fim imediato dos bombardeios, **pela China e pela Síria**. (N25; SD65)

Entre os valores-notícia para a noticiabilidade de Traquina (2013), a chegada de novos países ao conflito, a aliança da comunidade internacional em torno da guerra fazem parte do novo. Dentro das notícias sobre a situação do Iêmen, essas SDs trazem a novidade do assunto. Além dela, também se encaixa a notabilidade pela quantidade de países envolvidos, algo incomum de se acontecer.

4.2.3 Acordos e esperança

O terceiro sentido foi encontrado a partir de construções que remetem a negociações e tratativas que ocorreram em busca de apaziguar as divergências entre o governo e os Houthis que levaram ao cenário de guerra.

O presidente do Iêmen indicou nesta segunda-feira (13) o enviado do país na ONU, Khaled Bahah, como novo primeiro-ministro, **escolha que agradou aos xiitas houthis**, que controlam a capital Sanaa. (N3; SD25)

Trata-se da **primeira resolução aprovada pelo Conselho de Segurança** desde que os milicianos rebeldes tomaram o controle do Iêmen e decretaram no último dia 6 a dissolução do parlamento e a formação de um Conselho Presidencial transitório. (N12; SD27)

Para lidar com a crise em que vive o país, Hadi **encorajou os partidos iemenitas a se encontrarem** em Riyadh, capital da Arábia Saudita, **para conversas de paz**, mas também prometeu fincar uma bandeira nacional em Saadeh, quartel-general dos Houthis, o que deve ser interpretado como um chamado para a guerra pelos rebeldes. (N17; SD38)

As SDs também indicam a esperança de que, a partir das tratativas e condições que atendam às demandas dos Houthis, seja possível retornar à normalidade no país.

A escolha **segue o acordo assinado** no dia 21 com os houthis para a formação de um novo governo na qual se sintam representados. **Quando o novo governo for nomeado, os xiitas devem se retirar da capital, deixando a polícia e o Exército retomarem suas atividades.** (N3; SD5)

A escolha **segue o acordo assinado** no dia 21 com os houthis para a formação de um novo governo **na qual se sintam representados. Quando o novo governo for nomeado, os xiitas devem se retirar da capital, deixando a polícia e o Exército retomarem suas atividades.** (N3; SD6)

A agência de notícias estatal do Iêmen SABA informou que **as partes acordaram em interromper a violência** e que os houthis **concordaram em desocupar o palácio presidencial**, invadido na terça, bem como **deixar de atacar a casa do presidente.** (N8; SD17)

No dia seguinte, a Presidência do país anunciou um acordo com os radicais para encerrar a violência. (N9; SD22)

Nesse sentido, o valor-notícia que prevalece é o de relevância. As negociações, sendo cumpridas ou não, têm o poder de mudar a realidade daqueles afetados pela guerra. As SDs 17, 22 e 38, quando usam os termos “paz” e “interromper/encerrar a violência” trazem consigo uma esperança subentendida de um cessar-fogo que, inclusive, foi proposto pela primeira vez em maio de 2015, cerca de dois meses após o fim do período inicial dessa análise.

Figura 9 - Acordo de cessar-fogo



mundo

Houthis aceitam cessar-fogo no Iêmen proposto pela Arábia Saudita

EFE

10/05/2015 © 03h57

Fonte: Reprodução

4.2.4 Relação com o terror

No quarto sentido encontrado, com oito SDs, são feitas menções a grupos radicais que agem simultaneamente aos houthis e que vêm por colaborar no cenário de guerra existente no Iêmen.

Nos últimos anos, a instabilidade política tem feito do Iêmen, nação mais pobre do Oriente Médio, uma **base para células terroristas. O país abriga o braço da Al Qaeda na Península Arábica** (AQAP, na sigla em inglês), atualmente a divisão mais ativa da organização. (N7; SD16)

A ofensiva militar acirrou a rivalidade entre os sunitas sauditas e o Irã, cujo regime é xiita assim como os houthis, e intensificou a instabilidade política no país mais pobre do Oriente Médio e **berço da célula mais violenta da Al Qaeda**. (N26; SD71)

Aqui, seguindo conceitos de Reginato (2019), Meneses (2019) e Traquina (2013), existe uma ativação de memória no âmbito mundial relacionada à notabilidade. Pensar em Al Qaeda é quase, instantaneamente, pensar no 11 de setembro de 2001, trazendo relevância em saber que a organização possui uma filial no Iêmen e, por mais que não tenha sido parte da causa inicial da guerra, está envolvida no conflito.

4.2.5 Religião

O Iêmen é um país de maioria muçulmana e, apesar de os houthis também serem identificados como uma grande vertente da religião – xiitas –, o último sentido encontrado também foi o que obteve menos SDs identificadas, com quatro.

Cerca de 20 mil apoiadores dos rebeldes houthis ocuparam a via que leva ao aeroporto da capital. **Alguns levavam cartazes com a frase "Deus é grande, morte aos EUA, morte a Israel, maldição aos judeus e vitória ao Islã"**. (N10; SD25)

A coalizão chefiada pela Arábia Saudita, que apoia o governo iemenita contra os rebeldes houthis na guerra no Iêmen, anunciou nesta terça (29) uma trégua nas operações militares durante o mês de abril, que **coincide com o Ramadã, período sagrado para os muçulmanos**. O cessar-fogo, anunciado após pedido da ONU (Organização das Nações Unidas), começa às 6h desta quarta (30), no horário local. (N31; SD83)

Pela produção das reportagens ser atribuída a agências internacionais, a relevância se faz presente mais uma vez. Segundo dados atualizados em 2022 pelo *Estadão*, o islã é seguido por cerca de 1.8 bilhão de pessoas, pouco mais de 22% da população mundial³². Sendo assim, um movimento religioso, a favor ou contra um ideal, ou a certeza de que um período religioso será respeitado mesmo em um contexto de guerra, é importante para uma parcela das pessoas, uma vez que a situação traz um tipo de impacto.

4.3 Considerações gerais acerca da análise

A FD1- Jornalismo de guerra recebeu essa denominação pois as notícias levantadas giram em torno deste tópico. Foram encontrados quatro sentidos, sendo eles conflitos, envolvimento de outras nações, relação com o terror e religião. Os dois primeiros sentidos também foram os principais, com mais sequências discursivas, 31 e 26, respectivamente.

O sentido de conflitos é marcado por registrar situações de choque. Voltando a Shinar (2009), essas situações são eventos e, por isso, têm um alto valor-notícia, sendo de agrado dos jornais e dos jornalistas investir em sua cobertura – a galinha dos ovos de ouro para um e a vaca sagrada para o outro. No caso das notícias analisadas, entende-se jornalistas por agências de notícias. Chama a atenção que não tenham sido encontradas notícias produzidas por jornalistas da *Folha de S. Paulo* no *corpus*.

Em envolvimento de outras nações, é possível notar a presença dos valores de notoriedade, notabilidade e relevância no momento em que países do mundo todo tomam a

³² Se considerarmos a população com 8 bilhões de pessoas estimada pela ONU em 2022.

iniciativa de se aproximarem do conflito. Esse segundo sentido, a partir das alianças formadas no Ocidente, coloca o Iêmen próximo à realidade, uma vez que o Oriente Médio parece estar distante.

O sentido de relação com o terror remete diretamente ao que Oliveira (2022), Azevedo (1990) e Nasser (2015) trazem sobre a questão do terrorismo. Se entendermos o Ocidente como Estados Unidos, conceito proposto por Said (1995), entendemos também que houve uma guerra declarada ao terrorismo no começo do século XXI pelo então presidente dos EUA, George Bush (Oliveira, 2022).

Aqui existe uma memória criada e acionada, sobretudo quando falamos de Al Qaeda, Estado Islâmico e Oriente Médio como um todo e que também podem ser relacionadas ao valor-notícia da infração (Traquina, 2013), uma vez que essas memórias fazem ligação a atentados, um tipo de violência que ganha mais espaço justamente por ser violência.

Essas são características que foram construídas com a ajuda da mídia e que impregnam o imaginário do público até hoje, bem como a visão da religião islâmica, segundo Said (2013), que foi abordada no quinto sentido.

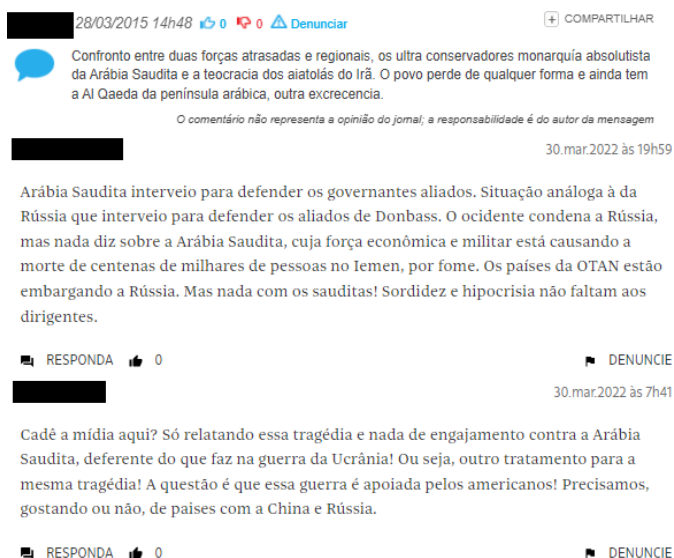
O quarto e último sentido da primeira FD, religião, trouxe poucas SDs, mesmo o islã recebendo uma visão negativa pelos olhos ocidentais e sendo comumente associado aos grupos extremistas do Oriente Médio. No entanto, a SD25 traz a visão oposta, a que apoiadores dos Houthis – Oriente – têm do Ocidente (assumido como Estados Unidos), Ocidente este responsável por construir sua imagem mas que, de acordo com Said (2013), é alimentada pelo próprio Oriente.

Na segunda FD – Jornalismo para a Paz, foi encontrado o sentido acordos e esperança, com 17 SDs. É um sentido que traz tentativas de solucionar o conflito (Felippe, 2004) que chegariam a formas de encerrar a violência presente no país. No entanto, não foram identificadas as conexões entre jornalistas, fontes e histórias apontadas por McGoldrick e Lynch (2014).

Shinar (2009), que tem a cobertura feita para a paz como “chata”, não considera que focar em processos, que por vezes são longos ou demorados demais, possua um alto valor-notícia e, por isso, ela não interessa ser uma galinha dos ovos de ouro ou uma vaca sagrada.

Esse sentido também é o que mais chama atenção pelos comentários produzidos pelos próprios leitores da *Folha*, que vão desde expressar sua opinião sobre as alianças formadas até mesmo cobrar uma posição diferente de noticiar a guerra do Iêmen.

Figura 10 - Comentários relacionados ao sentido 1 da FD2³³



Fonte: Reprodução

Até esse ponto, surgiram características tanto do jornalismo de guerra quanto do jornalismo para a paz. Mas, apesar de teoricamente andar junto ao segundo, em nenhum momento foi identificada a presença do jornalismo humanitário no *corpus* final desta pesquisa. Não foram identificadas situações que narrem emergências ou alívio de sofrimento, propostos como ideias chaves por Zhang e Luther (2020), o que não quer dizer, no entanto, que essas características não possam estar presentes, por exemplo, no material englobado nos critérios de exclusão.

Considerando o *corpus* da pesquisa, se uma informação não chega ao público, não fará parte de sua interpretação, como sugere Carvalho (2013) e Vicente, Feltrin e Rebêlo (2021), a menos que esse público questione onde ela está. Aqui vemos um exemplo da espiral do silêncio de Noelle-Neumann (1974): se o cenário humanitário não é mostrado e interpretado, quem pensa nele não sente abertura para que sua interpretação seja ouvida, abrindo, por exemplo, o espaço de questionamento do sofrimento de ocidentais e não-ocidentais e voltando, também, à questão do distanciamento entre Oriente-Occidente que Zhang e Luther (2020) abordam.

³³ Foi notada alteração na seção de comentários da *Folha* a partir de 2018.

5. Considerações finais

A intenção desta pesquisa foi pautada em entender quais sentidos são produzidos pela *Folha de São Paulo* a partir de um conteúdo voltado a um conflito, delimitado à guerra do Iêmen, observando as características do jornalismo de guerra, para a paz e humanitário e seus valores-notícia. A análise foi feita em dois períodos: os primeiros seis meses e os seis meses anteriores ao aniversário de oito anos de guerra, completando um ano de material.

Inicialmente, procurar por trabalhos que se debruçassem sobre a perspectiva da mídia em torno do conflito no país não parecia surtir resultados. Ampliando para Oriente Médio, a pesquisa ganhou fontes e novos termos para que especificamente o Iêmen pudesse ser incluído.

A partir desses novos termos foi possível encontrar material, mas nenhum deles parecia acatar no mínimo parcialmente as dúvidas iniciais. Além disso, a maioria eram textos curtos ou que trabalhavam pouco o tema em específico. Não é de se causar estranhamento, Oliveira (2022) aborda essa falta da presença do país como foco de pesquisa.

Foram meses tentando entender a situação e tentando lembrar em que momento depois de 2011, enquanto seguia a rotina de assistir ao Jornal Nacional com meus pais na hora do jantar, o Iêmen, que eu tanto escutei o nome junto às notícias da Síria e Primavera Árabe, simplesmente deixou de existir na minha mente. E eu ainda não lembrei.

Mas, no quesito da situação, depois de muito ver sobre a história para extrair o essencial a este trabalho, posso dizer que, agora, entendo em parte. Afinal, ainda que eu tenha lido tudo que consegui, é uma interpretação baseada em discursos de vários alguéns, e nem todos os autores são do Oriente para uma visão menos ocidentalizada, por mais que tenha procurado por eles.

Retomando Elayah *et al* (2017), Oliveira (2022) e seus apontamentos acerca da falta do espaço na mídia para retratar a guerra do Iêmen e com base nas 31 notícias aqui selecionadas, pode-se dizer que a média de 2,5 notícias por mês num espaço de um ano na *Folha*, não pode suprir a informação necessária para o entendimento do que acontece em uma guerra. Uma presença maior da mídia diante ao conflito é questionada até mesmo pelo próprio público do jornal.

A partir da FD, dos sentidos e das SDs, conforme a análise, verifica-se que o jornalismo de guerra é bem marcado na cobertura da *Folha de São Paulo*, fazendo-se presente em 69 das 86 SDs (excluindo apenas as 17 que formam o sentido 3, acordos e esperança). São diversos os acontecimentos com alto valor-notícia, esses elencados por Traquina (2013), envolvendo principalmente a morte, notoriedade, noticiabilidade, relevância, notabilidade e, numa visão mais ampliada, a infração. São características que elevam o assunto a um patamar que merece atenção da mídia.

Quanto ao jornalismo para a paz, como previsto por Shinar (2009), não só as próprias SDs que poderiam se encaixar nessa cobertura caíram em relação ao jornalismo de guerra como, conseqüentemente, a quantidade de valores-notícia atribuídos a ela. Essa cobertura pode ser melhor visualizada no terceiro sentido, que trata justamente dessa expectativa da negociação em um cenário de violência. O valor-notícia que melhor se aplica ao sentido é o de relevância.

Em relação ao jornalismo humanitário, como dito anteriormente, não foram identificadas SDs que pudessem ser aplicadas a ele, demonstrando uma falta de um tipo de abordagem importante ante situações extremas que podem ser vividas e testemunhadas em sociedade e que merecem espaço para que o público interprete a sua maneira, conforme sugerem Carvalho (2013) e Vicente, Feltrin e Rebêlo (2021).

No que se refere às finalidades do jornalismo abordadas aqui – interpretar e analisar a realidade; fazer a mediação entre os fatos e o leitor; selecionar o que é relevante; registrar a história e construir memória –, com base nas propostas feitas por Reginato (2019), considerando o material analisado, pode-se dizer que elas foram cumpridas parcialmente.

Em interpretar e analisar a realidade, as publicações da *Folha*, de fato, contextualizam as informações, resgatando a origem das ações dos Houthis – SD6 –, e quais foram elas – SD12 –, é uma construção passado-presente que faz sentido contribuindo para um melhor entendimento do público que acompanha o assunto.

Além disso, a veiculação das notícias em um jornal de amplitude nacional no Ocidente, também permite o acesso a um assunto distante, que ocorre no Oriente e que, se não fosse pelo jornalismo, não saberíamos que está ocorrendo

A linguagem escolhida pelas agências de notícias na elaboração dos textos cumpre a finalidade de fazer a mediação entre os fatos e o leitor, uma vez que não são utilizados termos

complicados ou desconhecidos. No entanto, para além das SDs identificadas como parte do sentido de envolvimento de outras nações, não foram identificadas fontes especializadas que falassem sobre o conflito e, por isso, não notou-se a presença de uma linguagem mais rebuscada ou técnica.

Para selecionar o que é relevante, são utilizados os critérios de noticiabilidade definidos pelos valores-notícia de Traquina (2013), os quais foram encontrados majoritariamente seis dos dez propostos e que já foram apresentados. Sem dúvidas, os valores que “puxam” os demais são os de morte e infração, já que um está ligado ao outro, mesmo que a proximidade não se aplique, existindo a presença da Lei McLurg, já que não foram identificadas notícias ou SDs que trouxessem uma interpretação de solidariedade aos mortos ou enlutados – afinal, importa o sofrimento no Oriente Médio ou de seus cidadãos pelo mundo?

O agendamento da guerra do Iêmen no início foi mais notado, já que foram 29 notícias selecionadas, quando a situação ainda cumpria o critério da novidade, contra 2 após quase oito anos de conflito, trazendo a noção de Mazarr (2007) sobre a interação entre diversas questões como o contexto e a política. No segundo momento, com a queda do agendamento, se dá espaço à espiral do silêncio de Noelle-Neumann (1974). Com o passar dos anos, a guerra do Iêmen vai sendo esquecida pela mídia.

A finalidade de registrar a história e construir a memória é a que considero mais presente em todo o trabalho. A história do Iêmen está escrita em documentos e acordos para tentar que a paz seja estabelecida e a normalidade recuperada, esse é o discurso oficial (Barbosa, 2019), não só do passado, mas também do presente. Quando um desses acontecimentos históricos ganha espaço na mídia (Barbosa, 2015), ele ganha *status* de acionar uma memória, principalmente se alcança uma audiência (Meneses, 2019). Nessa audiência em específico, o acontecimento ganha a capacidade e direito de ser acionado como memória.

Pode-se dizer também que a guerra do Iêmen é englobada na terceira abordagem do jornalismo como forma de conhecimento de Meditsch (1997). O jornalismo revela o Iêmen no Ocidente a sua maneira, uma maneira que quem está lá talvez não veja ou simplesmente enxergue de outra forma, afinal, aqui o jornalismo reproduz o que ele já conhece – principalmente sobre o Oriente Médio –, ou reproduz aquilo que já foi produzido para além da mídia.

Os objetivos do trabalho foram alcançados com os resultados que imaginava ver, mesmo que houvesse uma esperança de ser diferente. O Oriente Médio continua coberto com poeira, escombros resultantes de bombardeios e, por vezes, tem cheiro de sangue de civis mortos numa guerra que em nada os pertence. Nada mudou desde que me foi apresentado o lado de lá do mundo.

Porém, a esperança não foi aniquilada totalmente, como tantas vidas. Ver os comentários buscando mais respostas e se posicionando sobre o conflito a manteve acesa, mesmo que em uma chama tímida. Agora, ainda que por olhos ocidentais, eu volto a saber o que acontece no mundo, sobretudo no mundo árabe.

No momento de finalização deste trabalho, o Iêmen caminha para o triste aniversário de 10 anos de guerra. Dessa vez, vejo o nome do país quase todos os dias nas plataformas digitais, mas não pelo seu próprio conflito. O país voltou à mídia por conta da guerra declarada por Israel na Palestina - as notícias falam sobre o apoio do grupo à Palestina, não sobre os iemenitas; falam sobre as investidas dos houthis contra países do Ocidente, desconsiderando, muitas vezes, que a sociedade iemenita não se reduz ao grupo ou às suas ações. A situação do Iêmen continua sendo ofuscada por outros cenários.

Enquanto isso, de setembro de 2014 até abril de 2023, mais de 150 mil iemenitas morreram só de fome. Até 2022, cerca de 11 mil desse número eram crianças. Fome e crianças geralmente são tópicos que causam comoção no público, mas nada parece ser feito para mitigar a situação. O jornalismo humanitário continua em falta com os iemenitas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDI, Reza; BASARATIE, Ali. A Critical Analysis of the Representation of Yemen Crisis in Ideologically-Loaded Newspaper Headlines. **GEMA Online Journal of Language Studies**, v. 16, n. 3, 2016. Disponível em:

<https://pdfs.semanticscholar.org/df38/8587f6f97a46c6cb21e0243f27cb5e9824b8.pdf>. Acesso em out. 2023.

AZEVEDO, Carlos. Meios de Comunicação como armas de guerra. **Observatório de Imprensa**, v. 146, 2001. Disponível em:

<https://www.bocc.ubi.pt/pag/azevedo-carlos-comunicacao-armas-guerra.pdf>. Acesso em: out. 2023.

BARBOSA, Marialva. Meios de comunicação: lugar de memória ou na história? **Contracampo**, Niterói, v. 35, n. 01, pp. 07-26, abr./ jul., 2016.

_____. Comunicação, história e memória: diálogos possíveis. **Matrizes**, v. 13, n. 1, p. 13 - 25, jan./abr. 2019 São Paulo - Brasil.

BENETTI, Marcia. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. *In* BENETTI, Marcia; LAGO, Cláudia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 107-122.

_____. O jornalismo como acontecimento. *In* BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia. **Jornalismo e Acontecimento: Mapeamentos críticos**. Florianópolis: Editora Insular, 2010, p. 143 - 164.

BIJOS, Leila Maria Da'juda; SILVA, Patrícia Almeida da. Análise da Primavera Árabe: um estudo de caso sobre a revolução jovem no Egito. **Revista Cej**, v. 17, n. 59, 2013. Disponível em: <https://revistacej.cjf.jus.br/cej/index.php/revcej/article/view/1677>. Acesso em out. 2023.

BURITY, Caroline Rangel Travassos. A influência da mídia nas Relações Internacionais: um estudo teórico a partir do conceito de Diplomacia Midiática. **Contemporânea (Título não-corrente)**, v. 11, n. 1, 2013. Disponível em:

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/3349>. Acesso em nov. 2023.

CABRAL, Raquel; SALHANI, Jorge. Jornalismo para a paz: conceitos e reflexões.

E-COMPÓS, Brasília, v.20, n.3, set./dez. 2017. Disponível em:

https://www.academia.edu/35982910/Jornalismo_para_a_paz_conceitos_e_reflex%C3%B5es. Acesso em nov. 2023

CARVALHO, Élvio da Silva. **Jornalismo de guerra**. 2013. Tese de Doutorado. Universidade da Beira Interior. Disponível em: <https://ubiblorum.ubi.pt/handle/10400.6/1599>. Acesso em out. 2023.

CHARAUDEAU, Patrick. Discours journalistique et positionnements énonciatifs. *Frontières et dérives*. **Semen**, 2006. Disponível em: <http://journals.openedition.org/semen/2793>. Acesso em jan. 2024.

CHAUÍ, Marilena. Os meios de comunicação. In CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e Poder: uma análise da mídia**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2010, p. 35 - 57.

COLEMAN, Renita; MCCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald; WEAVER, David. Agenda setting. In: WAHL-JORGENSEN, Karin; HANITZSCH, Thomas. **The handbook of journalism studies**. Routledge, 2009. p. 167-180.

DEUS, Sandra d.. Goebbels e as potencialidades do rádio na Alemanha Nazista. In GOLIN, Cida; ABREU, João Batista de. **Batalha sonora: o rádio e a segunda guerra mundial**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 73 - 80.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Pontes Editora, 1987.

ELAYAH, M. A. A.; SCHULPEN, L. W. M.; ABU-OSBA, B.; AL-ZANDANI, B.. **Yemen: A forgotten war and an unforgettable country**. 2017. Disponível em: <https://repository.uibn.ru.nl/handle/2066/173628>. Acesso em out. 2023.

FELIPPE, Vanessa. Correspondentes de paz: o Jornalismo para a Paz como hipótese. **VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra**, 2004. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel19/vfelippe.pdf>. Acesso em out. 2023.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. Hacker Editores, 2000.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FONSECA, Virginia. O acontecimento como notícia: do conceito à prática profissional. In BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia. **Jornalismo e Acontecimento: Mapeamentos críticos**. Florianópolis: Editora Insular, 2010, p. 167 - 185.

FOUCAULT, Michel. **Ordem do discurso**. São Paulo – SP: Edições Loyola, 1996.

FRANÇA, Vera. Construção jornalística e dizer social. In MOUILLAUD, Maurice. **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997, p. 483 - 497.

FREITAS, Antonio Francisco. **Análise do discurso jornalístico: um estudo de caso**. 1999. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/freitas-antonio-dicurso-jornalístico.pdf>. Acesso em jan. 2024.

GOMES, Gabriela Merotto. **A Guerra Civil no Iêmen e as violações ao Direito Internacional Humanitário**. 2022. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/7085>. Acesso em out. 2023.

GOMES, Adrienne Magalhães de Queiroz Teles. A Guerra da Ucrânia como valor-notícia: uma análise da cobertura do conflito no Jornal Nacional. **Revista Miquel**, v. 8, n. 8, 2023. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/62905/62905.PDF>. Acesso em nov. 2023.

HAJJAR, Babel. **Para ler a guerra na Síria: a construção do consenso na cobertura da mídia global**. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100134/tde-20122016-213406/en.php>. Acesso em nov. 2023.

KASSED, Hanaa Kadum; MUSTAFFA, Che Su. Agenda Setting Theory and International News: A Comparative Analysis of News Articles Coverage on Iraq War in Malaysian English Newspapers. In **SHS Web of Conferences**. EDP Sciences, 2017. p. 00081. Disponível em: https://www.shs-conferences.org/articles/shsconf/abs/2017/01/shsconf_icone2017_00081/shsconf_icone2017_00081.html. Acesso em dez. 2023.

KUIAVA, Giulianne. JORNALISMO DE GUERRA: ousadia de repórter em busca de boas histórias. **Revista Expressão**, v. 3, n. 1, 2014. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/revistaexpressao/article/view/2756>. Acesso em nov. 2023.

LAPENDA, Marya Edwarda Souza; DOMINGUES-DA-SILVA, Juliano Mendonça. O jornalismo como forma de conhecimento e o desafio da propriedade dos meios de comunicação no Brasil. **Intercom**. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1186-1.pdf>. Acesso em jan. 2024.

LIMA, Caroline Pereira. **Oriente Médio e a mídia brasileira**. 2017. Tese de Doutorado. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Disponível em: <https://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/carolartigook.pdf>. Acesso em jan. 2024.

MAINGUENEAU, Dominique. A cena enunciativa. In MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes Editora, 1997, p. 29 - 52.

MAMOU, Yves. **A culpa é da imprensa**. São Paulo: Marco Zero, 1991.

MANGIALAVORI, Leonardo. Revisitando os estudos de agenda-setting, 40 anos depois. **BIB-Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, n. 74, p. 27-42, 2012. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/372>. Acesso em dez. 2023.

MAZARR, Michael J. The Iraq war and agenda setting. **Foreign Policy Analysis**, v. 3, n. 1, p. 1-23, 2007. Disponível em: <https://academic.oup.com/fpa/article-abstract/3/1/1/1792867>. Acesso em dez. 2023.

MCGOLDRICK, Annabel; LYNCH, Jake. **PEACE JOURNALISM: What is it? How to do it?**. 2014. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/64978096/McGoldrick_Lynch_Peace_Journalism-libre.pdf?1605781537=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DPEACE_JOURNALISM_WHAT_IS_IT_HOW_TO_DO_IT.pdf&Expires=1708357674&Signature=B-iVSXq8CCz7rYb9gikNCtA6MsfyPHmRPCwyzVpTakQ7~zR99Nm9yuJbMR9UJFAvEIV5QH5zam2~rs8Rj-8cqTOx80aGxeaHDxiz-y~qfSf43o~7G5jt5fh7b-7eS69DSK7C372xT02UGs82~DzFMaAThyKILxQaDcQBq1EqjAz6kUCqsKrabIG6YCdBAKAV1ZlqVght3Oehi1s~nEuzvrjEWTiZn7MRxJ5UaLCIMk1Lsvxsk-5~cVAmZpjFKvQoMJSoSXpXePk4jibu0Lxl0aTi0mRGzuk9R0YsfFIGhX9YQj7-MM64SoEhNj~FIWY0pq-Jid8uzwodht7qz7Z4PA__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em out. 2023.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo como forma de conhecimento. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 21, n. 1, 1998. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/download/956/859>. Acesso em jan. 2024.

MENDONÇA, S. C. P.; BIASOLI ALVES, G. Relações entre Discurso Político e Discurso Jornalístico. **Revista Ciências Sociais em Perspectiva**, [S. l.], v. 5, n. 9, p. p. 13–22, 2000. DOI: 10.48075/revistacsp.v5i9.1415. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ccsaemperspectiva/article/view/1415>. Acesso em jan. 2024.

MENESES, Sônia. História e mídia: As apropriações do passado numa escrita de fronteira. In REIS, Tiago; SOUZA, Carla; OLIVEIRA, Monalisa; JÚNIOR, Américo. **Tempo Presente**. Roraima: Editora UFRR, 2019, p. 63 - 77.

MOREIRA, Sonia. A voz da América no *front*: o serviço de radiodifusão oficial dos Estados Unidos. In GOLIN, Cida; ABREU, João Batista de. **Batalha sonora: o rádio e a segunda guerra mundial**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 37 - 47.

MORETTI, Marco Aurélio Morrone. A ética no jornalismo: o jornalismo em tempos de guerra. **ReMark-Revista Brasileira de Marketing**, v. 3, n. 1, p. 89-102, 2004.

MOUILLAUD, Maurice. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In MOUILLAUD, Maurice. **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997, p. 49 - 83.

NASSER, Afrah. **Discursive Construction in Media. A critical discourse analysis of how BBC World vs. Al Jazeera English Constructed Yemen's 2011 Uprising Coverage**. 2015. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2077/62713>. Acesso em out. 2023.

NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. The Spiral of Silence a Theory of Public Opinion. **Journal of Communication**, v. 24, ed. 2, jun. 1974, p. 43 – 51. Disponível em: <https://academic.oup.com/joc/article-abstract/24/2/43/4553587?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em dez. 2023.

OLIVEIRA, Verônica D'Angelo de. **Da Primavera Árabe à tempestade decisiva: os processos que levaram ao conflito no Iêmen (2011-2015)**. 2022. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais: Programa San Tiago Dantas) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Relações Internacionais: Programa San Tiago Dantas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/26010>. Acesso em out. 2023.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Iêmen: a maior crise humanitária do mundo**. Disponível em: <https://unric.org/pt/iemen-a-maior-crise-humanitaria-do-mundo/>. Acesso em set. 2023.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes Editora, 2005.

PARK, Robert. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (org.). **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa**. V. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008, p. 51-70.

PÊCHEUX, Michel. **O DISCURSO: Estrutura ou Acontecimento**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. Pontes Editora, 1997.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora UNICAMP, 1997.

PEDRO, Vanessa. A cobertura da imprensa brasileira conta a história da guerra no Século XX. O documentário e o livro-reportagem contam mais. *In: I Seminário Internacional História do Tempo Presente-ISSN 2237 4078*. 2014. Disponível em: <https://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/stpi/paper/viewFile/361/284>. Acesso em nov. 2023.

PEIXOTO, Ana Carolina. HISTÓRIA DO JORNALISMO DE GUERRA EM IMPORTANTES CONFLITOS HISTÓRICOS. *Revista Discente UNIFLU*, v. 1, n. 1, p. 14-28, 2020. Disponível em: <http://www.revistas.uniflu.edu.br:8088/seer/ojs-3.0.2/index.php/discente/article/view/329>. Acesso em out. 2023.

PRADO, Karine. **A Hipótese da Espiral do Silêncio**. Disponível em: <https://karineprado.medium.com/a-hip%C3%B3tese-da-espiral-do-sil%C3%A0ncio-2ef2531f68a8>. Acesso em nov. 2023.

REGINATO, Gisele Dotto. **As finalidades do jornalismo**. Florianópolis: Editora Insular, 2019.

RISSONI, Gabriela Pavanato S. COBERTURA DE GUERRA-MEDIAÇÃO E REALIDADE. *ReMark-Revista Brasileira de Marketing*, v. 1, n. 1, p. 67-74, 2002. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/remark/article/download/10147/4829>. Acesso em out. 2023.

ROXO, Luciana; DE AGUIAR, Leonel Azevedo. PARA QUE SERVE O JORNALISMO PROFISSIONAL: UM ESTUDO SOBRE AS EXPECTATIVAS DA AUDIÊNCIA. *In: MELLO, Roger Goulart; DE FREITAS, Patrícia Gonçalves (ORG). CAMINHOS DA COMUNICAÇÃO DIGITAL: CONHECIMENTO E INFORMAÇÃO, VOL.* Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Marta-Andrade-5/publication/353273377_p_136_e_149_Caminhos_da_comunicacao_digital/links/60f06f899541032c6d41c020/p-136-e-149-Caminhos-da-comunicacao-digital.pdf#page=207. Acesso em dez. 2023.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. Editora Companhia das Letras, 1995.

_____. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Editora Companhia das Letras, 2013.

SANTIAGO, Adriana. Para que serve o jornalismo? Um caminho para estudar as funções da instituição jornalística no Brasil. *SBPJor*, 2014. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/36929503/artigo_SBPJOR_2014_Adriana_Santiago-libre.pdf?1426022317=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DPara_que_serve_o_jornalismo_Um_caminho_p.pdf&Expires=1705773306&Signature=FvkQiZ5n-nFjE6zjJ4yfo2zaUHNXbD~mwe4FtjvZ8BkbDFtiuOX8u~OinCeUXTvh990huHVPIXIRDE7jY-SdVK7HMffPjhhXcntgQvU6gXOYZPSxEGmcvC1KaAuti~iYbG82bkZe5Gi-g5W1Aawwdlf8xl5vOxQ~vVPOTEnOzrQF-jR5Fj-616zz9cs397JMwZkKOIrKbODqoyqjpJEjEy5xBf6PE6KSp0y59aNrVv9zL3X0wQbyAmRC-npnMrbMXWqlikSsdtRHHiKdZ4Q8i~rAouxOyC~SaExML

~4UcIA5AZlh9f8J8aaX4EElkY7thDk2iBimj2MAQIYpCwcdQ__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em dez. 2023.

SCHEIFER, Verônica; DE SOUZA, Carlos Alberto. Guerra e Fotojornalismo: Uma análise da importância da Revista Realidade na cobertura da Guerra do Vietnã. **Intercom**, 2017.

SCHWAAB, Reges; ZAMIN, Angela. O discurso jornalístico e a noção-conceito de interdiscurso. **Vozes e diálogo**, v. 13, n. 01, 2014. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/vd/article/view/5387>. Acesso em dez. 2023.

SCOTT, Martin. The dilemmas of reporting on suffering. **Public Media Alliance**, 2017. Disponível em: <https://www.publicmediaalliance.org/what-makes-news-humanitarian/>. Acesso em nov. 2023.

SHINAR, Dov. Jornalismo de guerra e de paz no Oriente Médio. **LÍBERO**, n. 24, p. 9-20, 2009. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/484>. Acesso em out. 2023.

_____. Mídia democrática e jornalismo voltado para a paz. **LÍBERO**, n. 21, p. 39 - 48, 2008. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/viewFile/596/564>. Acesso em out. 2023.

SILVA, Obdália Santana Ferraz. Os ditos e os não-ditos do discurso: movimentos de sentidos por entre os implícitos da linguagem. **Revista entreideias: educação, cultura e sociedade**, n. 14, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/3007>. Acesso em jan. 2024.

SIQUEIRA, João Hilton Sayeg. **Linguagem, Discurso e Texto: Reflexões Teóricas**. Disponível em: https://www.academia.edu/download/59636296/Linguagem__Discurso_e_Texto20190609-121868-1bnea1d.pdf. Acesso em jan. 2024.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. Editora Companhia das Letras, 2003.

TODOROV, Tzvetan. The origin of genres. In: **Modern genre theory**. Routledge, 2014. p. 193-209.

TRAQUINA, Nelson. **A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular Livros, 2013.

VICENTE, M. M.; FELTRIN, D. dos S.; REBÊLO, K. G. . (2021). Jornalismo alternativo e Jornalismo para a paz: possibilidades teórico-metodológicas para a superação de conflitos. **Revista Alterjor**, 24(2), 199-216. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-1507.v24i2p199-216>. Acesso em nov. 2023.2

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

ZELIZER, Barbie. O que fazer com o jornalismo?. **Brazilian journalism research**, v. 10, n. 2, p. 12-27, 2014. Disponível em: <http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/737>. Acesso em nov. 2023.

ZHANG, Xu; LUTHER, Catherine A. Transnational news media coverage of distant suffering in the Syrian civil war: An analysis of CNN, Al-Jazeera English and Sputnik online news. **Media, War & Conflict**, v. 13, n. 4, p. 399-424, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1750635219846029>. Acesso em nov. 2023.

APÊNDICE

Identificação da SD	Sequência Discursiva	Notícia	Sentido
SD1	O primeiro-ministro do Iêmen Mohammed Salem Basindwa renunciou a seu cargo neste domingo (21) após dias de conflitos em que xiitas rebeldes tomaram controle de prédios do governo e do Exército na capital do país Sanaa.	N1	1
SD2	Moradores de Sanaa relataram que combatentes do Ansarullah tomaram controle de diversos edifícios do governo, inclusive do gabinete do primeiro ministro e de prédios do comando militar do país e da televisão estatal.	N1	1
SD3	O pedido de renúncia, apresentado ao presidente Abd-Rabbu Mansur, acontece dois dias depois do enviado especial da ONU Jamal Benomar negociar um acordo de paz entre o grupo xiita Ansarullah e o partido Al Islah.	N1	2
SD4	Os combates em Sanaa terminaram quando o Ansarullah, braço armado do grupo xiita dos Houthis, e o governo assinaram um acordo de paz com a mediação do emissário da ONU, Jamal Benomar, no domingo (21).	N2	2
SD5	O presidente do Iêmen indicou nesta segunda-feira (13) o enviado do país na ONU, Khaled Bahah, como novo primeiro-ministro, escolha que agradou aos xiitas houthis, que	N3	2

	controlam a capital Sanaa.		
SD6	A escolha segue o acordo assinado no dia 21 com os houthis para a formação de um novo governo na qual se sintam representados. Quando o novo governo for nomeado, os xiitas devem se retirar da capital, deixando a polícia e o Exército retomarem suas atividades.	N3	2
SD7	Ao menos 33 pessoas morreram na região central do Iêmen em confrontos nos últimos dois dias entre militantes xiitas houthis, que tentam expandir seu território, e tribos sunitas aliadas com a Al Qaeda, segundo moradores.	N4	1
SD8	Desde a queda do ditador do Iêmen, Ali Abdullah Saleh, em 2011, o país vive instabilidade política.	N4	1
SD9	O ministro da Defesa do Iêmen disse que um ataque de um drone americano matou seis suspeitos de pertencerem à Al Qaeda no sul do país.	N4	3
SD10	Os EUA reconhecem realizar ataques com drones no Iêmen , mas não comentam publicamente sobre isso.	N4	3

SD11	<p>Um atentado com dois carros-bomba que visava matar membros do grupo xiita Houthis deixou ao menos 26 mortos, entre eles 16 estudantes, na cidade de Rada, na região central do Iêmen na terça-feira (16). A ação foi atribuída à Al Qaeda.</p>	N5	1
SD12	<p>Fortes principalmente no norte do país, os xiitas capturaram a capital, Sanaa, em setembro, além de terem tomado cidades no centro e noroeste do país.</p>	N5	1
SD13	<p>Em outubro, a Al Qaeda já havia prometido iniciar uma "guerra sem piedade" contra o grupo.</p>	N5	1
SD14	<p>Nos últimos meses, porém, a milícia xiita começou a ser atacada por grupos relacionados com a Al Qaeda na Península Arábica, uma das principais e a mais ativa filial da rede terrorista, que começaram a mobilizar tribos sunitas.</p>	N6	1
SD15	<p>Segundo ele, a invasão foi uma forma de pressionar o governo a cumprir os termos de um acordo assinado em setembro de 2014 e mediado pela ONU, no qual o gabinete de Hadi se compromete a compartilhar o poder com os houthis.</p>	N7	1

SD16	Nos últimos anos, a instabilidade política tem feito do Iêmen, nação mais pobre do Oriente Médio, uma base para células terroristas. O país abriga o braço da Al Qaeda na Península Arábica (AQAP, na sigla em inglês), atualmente a divisão mais ativa da organização.	N7	4
SD17	A agência de notícias estatal do Iêmen SABA informou que as partes acordaram em interromper a violência e que os houthis concordaram em desocupar o palácio presidencial , invadido na terça, bem como deixar de atacar a casa do presidente .	N8	2
SD18	Segundo uma fonte oficial, as negociações que levaram ao acordo ocorreram na casa do presidente , que estava cercada pelos houthis desde terça. Caso o pacto seja cumprido, será resolvida a crise política que estava levando o Iêmen a um eventual conflito armado.	N8	2
SD19	O Iêmen, país mais pobre do Oriente Médio, vive instabilidade política e, sob esse contexto, fica também atraente para células terroristas .	N8	4
SD20	A Al Qaeda, por exemplo, tem no país seu bastião . Os autores do recente atentado ao jornal francês "Charlie Hebdo", Chérif e Said Kouachi, alegaram pertencer ao braço da organização na região, a	N8	4

	Al Qaeda na Península Arábica (Aqap) e teriam recebido treinamento militar em terras iemenitas.		
SD21	Os confrontos desta semana em Sanaa deixaram ao menos 35 mortos e 94 feridos. Na terça, militantes houthis invadiram o palácio presidencial e atacaram a residência de Hadi em ações simultâneas.	N9	1
SD22	No dia seguinte, a Presidência do país anunciou um acordo com os radicais para encerrar a violência.	N9	2
SD23	A crise política no Iêmen se agravou nesta semana por conta de ataques dos houthis a centros de poder em Sanaa. Os enfrentamentos entre os rebeldes armados e as forças de segurança iemenitas deixaram ao menos 35 mortos e 94 feridos nos últimos dias.	N10	1
SD24	Na quarta, os rebeldes xiitas e o presidente Hadi realizaram uma negociação na residência do presidente para cessar as hostilidades. No pacto, que não foi cumprido, os houthis concordaram em desocupar o palácio presidencial bem como deixar de atacar a casa do presidente em troca de emendas na Constituição	N10	2

	e maior representatividade no Parlamento e em instituições estatais.		
SD25	Cerca de 20 mil apoiadores dos rebeldes houthis ocuparam a via que leva ao aeroporto da capital. Alguns levavam cartazes com a frase "Deus é grande, morte aos EUA, morte a Israel, maldição aos judeus e vitória ao Islã".	N10	5
SD26	A violência foi o último incidente a abater o volátil Iêmen , onde os rebeldes tomaram o poder, mas não controlam todo o país e estão sendo confrontados por um poderoso ramo da al-Qaeda. As negociações das Nações Unidas, chefiadas pelo enviado Jamal Benomar, tem o objetivo de resolver o impasse que se instalou.	N11	1
SD27	Trata-se da primeira resolução aprovada pelo Conselho de Segurança desde que os milicianos rebeldes tomaram o controle do Iêmen e decretaram no último dia 6 a dissolução do parlamento e a formação de um Conselho Presidencial transitório.	N12	2
SD28	Ontem, o enviado especial da ONU no Iêmen, Jamal Benomar, anunciou que várias facções políticas do país concordaram em formar um conselho interino para resolver a atual crise , após os houthis começarem um	N13	2

	dia antes a formar as instituições do Estado de forma unilateral.		
SD29	Em comunicado enviado para a imprensa, Benomar explicou que o órgão se chamará Conselho Interino do Povo e incluirá as facções não representadas no atual Conselho de Deputados , entre elas os houthis.	N13	2
SD30	Um avião de guerra atacou nesta quinta-feira (19) a casa em que estava o presidente iemenita, em Aden, após uma manhã de confrontos no aeroporto internacional da cidade que deixou pelo menos seis mortos e 20 feridos.	N14	1
SD31	Um ataque coordenado de ao menos quatro homens-bomba contra mesquitas usadas por partidários de rebeldes xiitas deixou ao menos 137 mortos e mais de 350 feridos na capital do Iêmen, Sanaa, nesta sexta-feira (20). Os números são da agência oficial de notícias, Sada.	N15	1
SD32	O braço do Estado Islâmico no Iêmen reivindicou o atentado, o mais mortífero a acontecer no país em anos.	N15	1
SD33	As mesquitas de Sanaa são utilizadas principalmente por muçulmanos xiitas do	N15	5

	grupo houthi , que há meses controla a maior parte do norte do país, incluindo a capital.		
SD34	A situação geopolítica do Iêmen se agravou nesta semana com uma onda de ataques em mesquitas na capital, Sanaa, e um atentado contra o presidente Abdo Rabu Mansur Hadi.	N16	1
SD35	O grupo, presente principalmente na região norte, age sob inspiração do Hizbollah libanês e, suspeita-se, vem recebendo apoio do Irã.	N16	3
SD36	A situação geopolítica do Iêmen se agravou nesta semana com uma onda de ataques em mesquitas na capital, Sanaa, e um atentado contra o presidente Abdo Rabu Mansur Hadi.	N16	5
SD37	Para lidar com a crise em que vive o país, Hadi encorajou os partidos iemenitas a se encontrarem em Riyadh, capital da Arábia Saudita, para conversas de paz, mas também prometeu fincar um bandeira nacional em Saadeh, quartel-general dos Houthi, o que deve ser interpretado como um chamado para a guerra pelos rebeldes.	N17	1
SD38	Para lidar com a crise em que vive o país, Hadi encorajou os partidos iemenitas a se encontrarem em	N17	2

	Riyadh, capital da Arábia Saudita, para conversas de paz , mas também prometeu fincar um bandeira nacional em Saadeh, quartel-general dos Houthi, o que deve ser interpretado como um chamado para a guerra pelos rebeldes.		
SD39	Os moradores de Taiz chegaram a sair às ruas em protesto contra a milícia, e, segundo a britânica BBC, ao menos um deles foi morto pelos rebeldes, que atiraram e usaram bombas de gás contra os manifestantes.	N18	1
SD40	Neste domingo, o líder da milícia xiita, Abdel-Malek al-Houthi, prometeu, em um discurso transmitido por uma TV que apoia os rebeldes, perseguir os sunitas da Al Qaeda na península Arábica e do EI no país. Os atentados reivindicados pelo Estado Islâmico tiveram como alvo mesquitas frequentadas por apoiadores dos houthis.	N31	1
SD41	Neste domingo, o líder da milícia xiita, Abdel-Malek al-Houthi, prometeu , em um discurso transmitido por uma TV que apoia os rebeldes, perseguir os sunitas da Al Qaeda na península Arábica e do EI no país . Os atentados reivindicados pelo Estado Islâmico tiveram como alvo mesquitas frequentadas por apoiadores dos houthis.	N18	4

SD42	O príncipe saudita cobrou que todas os lados rivais no Iêmen, incluindo os houthis, integrem diálogos de paz na Arábia Saudita. Perguntado sobre um suposto apoio do Irã aos rebeldes xiitas, o chanceler saudita disse ser contra a "interferência" de Teerã e criticou o que ele chamou de esforços iranianos para "estimular conflito sectário" em países árabes.	N19	2
SD43	Questionado se a Arábia Saudita, vizinha do Iêmen , ofereceria apoio militar ao presidente Hadi, que o país reconhece como governante legítimo, o chanceler afirmou: "Certamente, países na região e o mundo árabe tomarão as medidas necessárias para proteger a região de agressão" .	N19	3
SD44	O príncipe saudita cobrou que todos os lados rivais no Iêmen, incluindo os houthis, integrem diálogos de paz na Arábia Saudita . Perguntado sobre um suposto apoio do Irã aos rebeldes xiitas, o chanceler saudita disse ser contra a "interferência" de Teerã e criticou o que ele chamou de esforços iranianos para "estimular conflito sectário" em países árabes .	N19	3
SD45	O representante do Reino Unido , por sua vez, disse que seu governo e os aliados	N20	3

	<p>ainda discutem que resposta dar à crise. "Nenhum de nós quer ver uma ação militar", disse, ressaltando, contudo, que a comunidade internacional não "ficará parada enquanto os houthis e outros atores minam a estabilidade no Iêmen e seu presidente legítimo".</p>		
SD46	<p>A milícia xiita houthi matou ao menos seis manifestantes em Taiz, no sul do Iêmen, que protestavam contra a tomada de controle da cidade pelos rebeldes.</p>	N21	1
SD47	<p>Um dos líderes dos houthis, Mohammed al-Bukhaiti disse à agência Reuters que a milícia não tem o Sul do país ou Áden "como alvos", mas sim sunitas aliados a "várias forças políticas".</p>	N21	1
SD48	<p>Milicianos houthis e forças aliadas prenderam o ministro da Defesa e assumiram o controle da base aérea al-Annad, a maior do país.</p>	N22	1
SD49	<p>A Arábia Saudita havia ameaçado na segunda (23) intervir no país diante da situação de confronto.</p>	N22	3
SD50	<p>O vice-secretário-geral da Liga Árabe afirmou nesta quarta que o</p>	N22	3

	organismo discutirá na quinta (26) a possibilidade de intervenção militar no Iêmen.		
SD51	Acredita-se que os houthis sejam apoiados pelo Irã e pelo ex-ditador Ali Abdullah Saleh, rival de Hadi deposto em 2012 em meio à Primavera Árabe. Hadi, por sua vez, tem apoio dos EUA.	N22	3
SD52	O governo da Arábia Saudita confirmou na noite desta quarta (25) ter iniciado ataques aéreos no território do vizinho Iêmen , em resposta ao avanço da milícia xiita houthi, que já domina o noroeste do país e agora ameaça tomar o controle de Áden, ao sul.	N23	1
SD53	O governo da Arábia Saudita confirmou na noite desta quarta (25) ter iniciado ataques aéreos no território do vizinho Iêmen , em resposta ao avanço da milícia xiita houthi, que já domina o noroeste do país e agora ameaça tomar o controle de Áden, ao sul.	N23	3
SD54	Entre os países que reconheceram estar ao lado da Arábia Saudita estão os Emirados Árabes Unidos, o Kuwait e o Qatar. O Egito também disse estar preparado para contribuir com ataques aéreos ou pelo mar e até	N23	3

	com o envio de tropas, "se necessário".		
SD55	A rede de TV Al-Arabiya divulgou que a campanha liderada pela Arábia Saudita estaria recebendo aviões do Egito, do Marrocos, da Jordânia, do Sudão, do Kuwait, do Qatar, do Bahrein e dos Emirados Árabes Unidos.	N23	3
SD56	A Arábia Saudita é um dos principais aliados americanos no Oriente Médio , e a gestão Barack Obama teme que a desintegração do governo no Iêmen intensifique a ação de extremistas na região.	N23	3
SD57	A intervenção militar no Iêmen iniciada na noite de quarta-feira (25) pela Arábia Saudita a fim de conter o avanço dos rebeldes houthis recebeu o apoio de diversos países incluindo o Egito e o Reino Unido. O Irã e Síria, por sua vez, condenaram a ação militar saudita. Em resposta à operação, os insurgentes convocaram manifestações de apoio para esta quinta-feira (26).	N24	3
SD58	Os países envolvidos na operação até agora são os Emirados Árabes Unidos, o Bahrein, o Kuwait e o Qatar, além do Egito , que anunciou apoio político e militar à intervenção saudita, posicionando quatro	N24	3

	navios de guerra no golfo de Áden.		
SD59	O Paquistão, a Jordânia, o Marrocos e o Sudão devem participar da operação, informou a imprensa saudita nesta quinta.	N24	3
SD60	A Turquia e o Reino Unido também anunciaram apoio à intervenção saudita no Iêmen nesta quinta.	N24	3
SD61	A Casa Branca declarou na quarta que ofereceu ajuda militar e de inteligência para a Arábia Saudita, mas que não participou diretamente dos bombardeios no Iêmen.	N24	3
SD62	O Irã pediu a suspensão imediata dos ataques aéreos, classificados pelo chanceler do país como um "passo perigoso" que pode piorar a crise no Iêmen. O Irã é suspeito de dar suporte aos insurgentes xiitas.	N24	3
SD63	Em resposta aos ataques, o líder rebelde, Abdulmalik al-Houthi, declarou que o Iêmen se tornará um "cemitério de invasores" se houver uma ofensiva por terra.	N25	1
SD64	O Irã, que dá apoio aos houthis, é acusado pelos sauditas de financiar e	N25	3

	treinar as milícias para derrubar o presidente e ter mais um aliado no Oriente Médio.		
SD65	O ataque saudita também foi condenado pelo líder russo , Vladimir Putin, que pediu o fim imediato dos bombardeios, pela China e pela Síria .	N25	3
SD66	A Arábia Saudita continuou nesta sexta-feira (27) os bombardeios contra cidades do Iêmen para tentar diminuir o poder de fogo dos milicianos houthis, aliados do Irã, que derrubaram o governo do país em janeiro.	N26	1
SD67	A ofensiva militar acirrou a rivalidade entre os sunitas sauditas e o Irã, cujo regime é xiita assim como os houthis, e intensificou a instabilidade política no país mais pobre do Oriente Médio e berço da célula mais violenta da Al Qaeda.	N26	1
SD68	Desde o início da ofensiva, os ataques aéreos mataram 39 pessoas , segundo o Ministério da Saúde iemenita. A intervenção militar saudita começou na quinta (26) e responde a um apelo do presidente Abdo Rabbo Mansur Hadi, deposto em janeiro.	N26	1
SD69	Arábia Saudita continuou nesta sexta-feira (27) os	N26	3

	bombardeios contra cidades do Iêmen para tentar diminuir o poder de fogo dos milicianos houthis, aliados do Irã , que derrubaram o governo do país em janeiro.		
SD70	A ofensiva militar acirrou a rivalidade entre os sunitas sauditas e o Irã , cujo regime é xiita assim como os houthis, e intensificou a instabilidade política no país mais pobre do Oriente Médio e berço da célula mais violenta da Al Qaeda.	N26	3
SD71	A ofensiva militar acirrou a rivalidade entre os sunitas sauditas e o Irã, cujo regime é xiita assim como os houthis, e intensificou a instabilidade política no país mais pobre do Oriente Médio e berço da célula mais violenta da Al Qaeda .	N26	4
SD72	"Eu digo aos fantoches do Irã, aos seus brinquedos e àqueles que os apoiam: vocês destruíram o Iêmen com sua adolescência política, fabricando uma crise local e regional ", discursou o presidente iemenita, que voltou à Arábia Saudita, onde está abrigado, após participar da cúpula.	N27	1
SD73	" Eu digo aos fantoches do Irã, aos seus brinquedos e àqueles que os apoiam: vocês destruíram o Iêmen com sua adolescência política, fabricando uma	N27	1

	crise local e regional", discursou o presidente iemenita, que voltou à Arábia Saudita, onde está abrigado, após participar da cúpula.		
SD74	O anúncio foi feito durante a cúpula da organização em Sharm-el-Sheikh (Egito), iniciada três dias após a Arábia Saudita, vizinha do Iêmen e aliada dos EUA, começar a bombardear as posições dos rebeldes na capital Sanaa e em outras regiões iemenitas.	N28	1
SD75	O anúncio foi feito durante a cúpula da organização em Sharm-el-Sheikh (Egito), iniciada três dias após a Arábia Saudita, vizinha do Iêmen e aliada dos EUA , começar a bombardear as posições dos rebeldes na capital Sanaa e em outras regiões iemenitas.	N28	3
SD76	Um bombardeio aéreo atingiu o campo de refugiados de Mazraq em Haija, no norte do Iêmen, nesta segunda-feira (30), deixando ao menos 45 mortos.	N29	1
SD77	Segundo um agente humanitário, o alvo do bombardeio seria uma base militar na região.	N29	1
SD78	Segundo os houthis, a iniciativa pode se tornar um compromisso duradouro caso a coalizão liderada pela	N30	2

	Arábia Saudita que atua no Iêmen interrompa ataques aéreos e restrições portuárias.		
SD79	"Esse é um sinal sincero acompanhado de medidas práticas para reconstruir a confiança e levar todos os lados da arena das negociações para a arena das ações", disse Mashat.	N30	2
SD80	A guerra do Iêmen é vista como uma batalha por procuração entre a Arábia Saudita, país muçulmano sunita, e o Irã, xiita. O conflito já deixou mais de 10 mil crianças iemenitas mortas ou mutiladas, segundo o Unicef (fundo da ONU para a infância).	N31	1
SD81	A coalizão chefiada pela Arábia Saudita, que apoia o governo iemenita contra os rebeldes houthis na guerra no Iêmen, anunciou nesta terça (29) uma trégua nas operações militares durante o mês de abril , que coincide com o Ramadã, período sagrado para os muçulmanos. O cessar-fogo , anunciado após pedido da ONU (Organização das Nações Unidas), começa às 6h desta quarta (30) , no horário local.	N31	2
SD82	A guerra do Iêmen é vista como uma batalha por procuração entre a Arábia Saudita, país muçulmano sunita, e o Irã, xiita . O conflito já deixou mais de 10 mil	N31	3

	crianças iemenitas mortas ou mutiladas, segundo o Unicef (fundo da ONU para a infância).		
SD83	A coalizão chefiada pela Arábia Saudita, que apoia o governo iemenita contra os rebeldes houthis na guerra no Iêmen, anunciou nesta terça (29) uma trégua nas operações militares durante o mês de abril, que coincide com o Ramadã, período sagrado para os muçulmanos. O cessar-fogo, anunciado após pedido da ONU (Organização das Nações Unidas), começa às 6h desta quarta (30), no horário local.	N31	5
SD84	O ministro da Defesa do Iêmen disse que um ataque de um drone americano matou seis suspeitos de pertencerem à Al Qaeda no sul do país.	N4	4
SD85	Um atentado com dois carros-bomba que visava matar membros do grupo xiita Houthi deixou ao menos 26 mortos, entre eles 16 estudantes, na cidade de Rada, na região central do Iêmen na terça-feira (16). A ação foi atribuída à Al Qaeda.	N5	4
SD86	Nos últimos meses, porém, a milícia xiita começou a ser atacada por grupos relacionados com a Al Qaeda na Península Arábica , uma das principais e a mais ativa filial da rede terrorista , que	N6	4

	começaram a mobilizar tribos sunitas.		
--	---------------------------------------	--	--

ANEXO

N1 - Rebeldes xiitas tomam gabinete, e primeiro-ministro do Iêmen renuncia

O primeiro-ministro do Iêmen Mohammed Salem Basindwa renunciou a seu cargo neste domingo (21) após dias de conflitos em que xiitas rebeldes tomaram controle de prédios do governo e do Exército na capital do país Sanaa.

O pedido de renúncia, apresentado ao presidente Abd-Rabbu Mansur, acontece dois dias depois do enviado especial da ONU Jamal Benomar negociar um acordo de paz entre o grupo xiita Ansarullah e o partido Al Islah.

"Eu decidi entregar minha renúncia do governo para pavimentar o caminho para qualquer acordo entre os irmãos líderes do Ansarullah e o irmão Abd Rabbu Mansour Hadi, presidente do país", escreveu Basindwa em uma carta.

Moradores de Sanaa relataram que combatentes do Ansarullah tomaram controle de diversos edifícios do governo, inclusive do gabinete do primeiro ministro e de prédios do comando militar do país e da televisão estatal.

Os rebeldes de Ansarullah, que pedem a renúncia do governo, acusado de corrupção, acampam há mais de um mês em Sanaa e em seus arredores, sobretudo na estrada que leva ao aeroporto da capital.

Em agosto, eles rejeitaram uma proposta presidencial sobre a nomeação de um novo primeiro-ministro e uma redução no polêmico aumento dos preços do combustível, duas de suas principais reivindicações.

Os xiitas do grupo Ansarullah já lutam há uma década contra o governo sunita do Iêmen, reivindicando mais controle e território no norte do país.

N2 - Combates com rebeldes xiitas na capital do Iêmen deixaram 270 mortos

Pelo menos 270 pessoas morreram nos combates entre rebeldes xiitas e as forças armadas na capital do Iêmen, Sanaa, segundo um novo balanço oficial.

O ministro da Saúde, Ahmed al-Ansi, anunciou que 270 corpos de civis e militares foram recuperados, segundo a agência oficial Saba.

O balanço não inclui os mortos que tiveram os corpos levados pelas famílias ou pelos combatentes.

O ministério informou ainda que 460 pessoas ficaram feridas.

Os combates em Sanaa terminaram quando o Ansarullah, braço armado do grupo xiita dos Houthis, e o governo assinaram um acordo de paz com a mediação do emissário da ONU, Jamal Benomar, no domingo (21).

Mas a situação na capital iemenita permanece tensa, desde que os rebeldes xiitas armados assumiram o controle da cidade, onde saqueiam unidades do Exército.

IRANIANOS

Ao mesmo tempo, o governo do Iêmen libertou dois iranianos que supostamente pertenciam à Guarda Revolucionária da República Islâmica, que eram acusados de vínculos com os Houthis.

De acordo com fontes diplomáticas, os iranianos foram libertados na quarta-feira (24) com a mediação do governo de Omã.

Os dois foram detidos no início do ano no aeroporto de Sanaa, quando tentavam deixar o país. Uma fonte do governo iemenita afirmou que os iranianos estavam em uma missão para treinar combatentes xiitas na região norte do país.

N3 - Presidente do Iêmen indica enviado do país na ONU como premiê

O presidente do Iêmen indicou nesta segunda-feira (13) o enviado do país na ONU, Khaled Bahah, como novo primeiro-ministro, escolha que agradou aos xiitas houthis, que controlam a capital Sanaa.

Um assessor do presidente Abd-Rabbu Mansour Hadi disse que o nome de Bahah estava entre os três propostos pelos houthis, que rejeitaram, na semana passada, a escolha de Ahmed Awad bin Mubarak como premiê.

A escolha segue o acordo assinado no dia 21 com os houthis para a formação de um novo governo na qual se sintam representados.

Quando o novo governo for nomeado, os xiitas devem se retirar da capital, deixando a polícia e o Exército retomarem suas atividades.

"Nós acreditamos que Bahah é a pessoa certa", disse Abdelmalek al-Ejri, membro do comitê político dos houthis. "Sua nomeação vai ajudar o país a superar as dificuldades que está passando."

Na quinta passada (9), homens-bomba atacaram houthis e um acampamento do Exército matando ao menos 67 pessoas. O braço da Al Qaeda no Iêmen, a Al Qaeda na Península Arábica, reivindicou o atentado.

Os Estados Unidos e países do Golfo temem que a instabilidade no Iêmen pode fortalecer esse grupo terrorista.

Os houthis, que têm seu principal reduto nas montanhas do norte do Iêmen, apreenderam Sanna depois de derrotar as forças leais a um general do Exército que eles acusam de estar ligado a um partido muçulmano sunita rival.

Bahah, que nasceu em 1965 e foi educado na Universidade de Pune na Índia, foi ministro do petróleo, antes de ser nomeado enviado do Iêmen na ONU.

N4- Confrontos entre xiitas e tribos sunitas matam dezenas no Iêmen

Ao menos 33 pessoas morreram na região central do Iêmen em confrontos nos últimos dois dias entre militantes xiitas houthis, que tentam expandir seu território, e tribos sunitas aliadas com a Al Qaeda, segundo moradores.

A expansão dos houthis, que se concentram no norte do país, desagradou as tribos sunitas da província de al-Bayda, no centro, provocando o conflito.

Os residentes reportaram combates na região de Qifa, onde as tribos se aliaram ao braço local da Al Qaeda, a Al Qaeda na Península Arábica.

Na cidade de Radda, na mesma província, dominada pelos houthis em outubro, um carro-bomba explodiu antes de atingir seu alvo. O objetivo era matar um líder local aliado com os houthis.

Os moradores afirmaram que a explosão foi ouvida em toda a cidade, habitada por sunitas e xiitas. O atentado não foi reivindicado por nenhum grupo e, segundo a Reuters, não houve mortos.

Desde a queda do ditador do Iêmen, Ali Abdullah Saleh, em 2011, o país vive instabilidade política.

Os houthis capturaram a capital do país, Sanaa, em setembro e obrigaram a renúncia do governo.

Apesar da formação de um novo governo, que tem representantes dos interesses houthis e dos separatistas do sul, os xiitas continuam avançando e dominando partes do país.

Nesta segunda (10), duas pessoas morreram em um confronto entre houthis e guardas no aeroporto de Sanaa que disputavam o direito de exercer a segurança no local.

DRONES

O ministro da Defesa do Iêmen disse que um ataque de um drone americano matou seis suspeitos de pertencerem à Al Qaeda no sul do país.

Segundo fontes militares ouvidas pela Reuters, o drone destruiu um caminhão que levava extremistas para um ataque na cidade de Azzan.

A Al Qaeda na Península Arábica costuma atacar as tropas do governo no sul do Iêmen, que também realiza ataques com drones contra os extremistas.

Os EUA reconhecem realizar ataques com drones no Iêmen, mas não comentam publicamente sobre isso.

N5- Atentado no Iêmen mata 26, incluindo 16 crianças

Um atentado com dois carros-bomba que visava matar membros do grupo xiita Houthi deixou ao menos 26 mortos, entre eles 16 estudantes, na cidade de Rada, na região central do Iêmen na terça-feira (16). A ação foi atribuída à Al Qaeda.

As crianças –todas meninas– morreram quando o ônibus escolar em que estavam explodiu em decorrência de um dos carros-bomba.

Um dos automóveis colidiu com a casa de um dos líderes dos houthis, Abdallah Idris, antes de explodir

O outro, que acabou atingindo o ônibus escolar, foi detonado perto de um posto de controle do grupo.

Milícias xiitas e a Al Qaeda, sunita, lutam há meses pelo controle de Rada.

Os atentados cresceram desde que os milicianos reforçaram sua presença na cidade como parte de sua ofensiva pelo controle do Iêmen.

Fortes principalmente no norte do país, os xiitas capturaram a capital, Sanaa, em setembro, além de terem tomado cidades no centro e noroeste do país.

Em outubro, a Al Qaeda já havia prometido iniciar uma "guerra sem piedade" contra o grupo.

N6 - Ataque contra aliados de milícia xiita deixa 33 mortos no Iêmen

Pelo menos 33 pessoas morreram em um atentado suicida contra partidários de uma milícia xiita que faziam um evento em um centro cultural da cidade de Ibb, na região central do Iêmen.

De acordo com as autoridades locais, um homem-bomba detonou um cinturão de explosivo em um salão onde era realizado um evento de aliados do grupo xiita Ansaruallah, milícia que domina a cidade de Ibb e a província homônima.

Os corpos das vítimas foram levados para hospitais da cidade. As equipes de saúde temem que o número de mortos aumente, já que a maioria dos feridos chegou em estado grave.

Horas depois, outra explosão foi ouvida por moradores de uma das unidades onde estão os feridos, mas sem provocar novas vítimas. Nenhum grupo terrorista reivindicou o ataque.

Embora seja de maioria sunita, a província de Ibb é controlada pelo Ansaruallah, também conhecidos como houtis, desde o início do ano, após uma forte ofensiva no oeste iemenita, que também atingiu a capital Sanaa.

Nos últimos meses, porém, a milícia xiita começou a ser atacada por grupos relacionados com a Al Qaeda na Península Arábica, uma das principais e a mais ativa filial da rede terrorista, que começaram a mobilizar tribos sunitas.

N7 - Rebeldes invadem sede do poder no Iêmen

Grupo xiita Houthi entra no palácio do Executivo e na residência do presidente, elevando instabilidade política

Disputa entre facções internas fez do país um local de atração de grupos terroristas, como a rede Al Qaeda

Membros do grupo xiita Houthi atacaram nesta terça-feira (20) o complexo do palácio presidencial e a casa do presidente do Iêmen em duas ações simultâneas durante o segundo dia seguido de violência na capital, Sanaa.

Após um rápido confronto com guardas da Presidência, os militantes houthis entraram no complexo do palácio e também chegaram à residência de Abdo Rabu Mansur Hadi, que pertence à maioria sunita. Ao menos dois guardas morreram.

Segundo algumas testemunhas, Hadi estava em sua casa na hora da invasão, mas a informação não foi confirmada pelo governo.

Até a conclusão desta edição, o presidente não havia se manifestado sobre o ataque dos houthis.

A ministra de Comunicações, Nadia al-Saqqaf, disse que a milícia busca "derrubar o regime". Abdel-Malek al-Houthi, líder dos rebeldes, negou o suposto golpe. "Não temos intenção de atingir o presidente Hadi", afirmou.

Segundo ele, a invasão foi uma forma de pressionar o governo a cumprir os termos de um acordo assinado em setembro de 2014 e mediado pela ONU, no qual o gabinete de Hadi se compromete a compartilhar o poder com os houthis.

O grupo rebelde rejeita o projeto de Constituição que dividiria o país em seis zonas e o privaria de acesso ao mar.

Originários do norte do Iêmen, os houthis conseguiram estender sua influência por outras regiões do país, chegando a Sanaa.

O secretário geral da ONU, Ban Ki-moon, disse estar "profundamente preocupado" com a situação. Ele pediu que as partes encerrem as hostilidades.

Um porta-voz do Departamento de Estado dos EUA afirmou que o governo Obama mantém um "compromisso firme" com o presidente Hadi e condenou a violência.

N8 - Presidente e grupo xiita entram em acordo para resolver crise no Iêmen

O presidente do Iêmen Abed Rabbo Mansour Hadi e o grupo xiita Houthi entraram em um acordo nesta quarta-feira (21) para encerrar a onda de violência iniciada na segunda em Sanaa, capital do país.

A agência de notícias estatal do Iêmen SABA informou que as partes acordaram em interromper a violência e que os houthis concordaram em desocupar o palácio presidencial, invadido na terça, bem como deixar de atacar a casa do presidente.

O acordo prevê ainda que o grupo xiita liberte um assistente de Hadi sequestrado nos últimos dias.

A SABA indicou que o acordo também inclui uma cláusula que atende às demandas dos rebeldes em relação a emendar a constituição do país, além de aumentar, com um prazo de uma semana, a representação dos houthis no parlamento e em instituições estatais.

Segundo uma fonte oficial, as negociações que levaram ao acordo ocorreram na casa do presidente, que estava cercada pelos houthis desde terça. Caso o pacto seja cumprido, será resolvida a crise política que estava levando o Iêmen a um eventual conflito armado.

No passado, porém, o presidente iemenita já anunciou acordos com os houthis que foram posteriormente desmentidos pelo grupo xiita.

Os enfrentamentos entre os milicianos e as forças de segurança iemenitas já deixaram 35 mortos, incluindo quatro civis, e 94 feridos.

A onda de violência na capital -a mais forte nos últimos quatro meses- se deve à recusa dos houthis a um novo projeto de Constituição que, dividindo o país em seis zonas, lhes privaria de acesso ao mar.

Os houthis, também conhecidos como Ansar Alá ("Seguidores de Alá" em português), são originários do norte do Iêmen e há meses tentam estender sua influência no país. O grupo tomou controle de uma grande parte de Sanaa em 21 de setembro.

O Iêmen, país mais pobre do Oriente Médio, vive instabilidade política e, sob esse contexto, fica também atraente para células terroristas.

A Al Qaeda, por exemplo, tem no país seu bastião. Os autores do recente atentado ao jornal francês "Charlie Hebdo", Chérif e Said Kouachi, alegaram pertencer ao braço da organização

na região, a Al Qaeda na Península Arábica (Aqap) e teriam recebido treinamento militar em terras iemenitas.

N9 - Presidente do Iêmen renuncia durante crise

Em meio a uma profunda crise política, o presidente do Iêmen, Abdo Rabbo Mansur Hadi, anunciou nesta quinta-feira (22) a sua renúncia, que foi prontamente rejeitada pelo Parlamento.

Hadi justificou a decisão citando os recentes enfrentamentos entre milicianos do grupo xiita Houthi e as forças de segurança iemenitas. Em sua carta de renúncia, o presidente avaliou a situação como um "impasse total".

O Parlamento iemenita rejeitou o pedido e imediatamente convocou uma sessão especial para discutir a crise política.

O presidente anunciou a renúncia logo depois de o primeiro-ministro Khaled Bahah fazer o mesmo.

ONDA DE VIOLÊNCIA

Os confrontos desta semana em Sanaa deixaram ao menos 35 mortos e 94 feridos. Na terça, militantes houthis invadiram o palácio presidencial e atacaram a residência de Hadi em ações simultâneas.

No dia seguinte, a Presidência do país anunciou um acordo com os radicais para encerrar a violência.

O pacto, que foi quebrado na quinta, previa que os houthis cessassem as hostilidades em troca de emendas na Constituição e maior representatividade em instituições estatais.

N10- Iêmen tem dia de protestos após renúncia do presidente

Milhares de pessoas foram às ruas de Sanaa e de outras cidades do Iêmen, nesta sexta-feira (23), algumas em apoio ao governo e outras em suporte ao grupo xiita Houthi, protagonista da onda de violência que ocorreu nesta semana em Sanaa, capital do Iêmen.

As manifestações ocorrem um dia depois da renúncia do presidente iemenita Abdo Rabu Mansur Hadi, rejeitada pelo Parlamento, e do primeiro-ministro Khaled Bahah,

Na praça que foi o centro dos protestos no país durante a Primavera Árabe, um pequeno grupo de ativistas pró-governo segurava cartazes com as frases "Não ao golpe" e "Não à milícia", enquanto cantava "nós somos a revolução".

"Nós viemos aqui para repudiar os eventos que estão acontecendo. Nós fomos às ruas para construir um Estado e a nossa demanda ainda é ter um Estado", disse a ativista Farida Al-Yareemi.

Cerca de 20 mil apoiadores dos rebeldes houthis ocuparam a via que leva ao aeroporto da capital. Alguns levavam cartazes com a frase "Deus é grande, morte aos EUA, morte a Israel, maldição aos judeus e vitória ao Islã".

Em Áden, no sul do país, manifestantes levantaram bandeiras separatistas, condenando os ataques dos houthis nesta semana, na capital.

A crise política no Iêmen se agravou nesta semana por conta de ataques dos houthis a centros de poder em Sanaa. Os enfrentamentos entre os rebeldes armados e as forças de segurança iemenitas deixaram ao menos 35 mortos e 94 feridos nos últimos dias.

Na quarta, os rebeldes xiitas e o presidente Hadi realizaram uma negociação na residência do presidente para cessar as hostilidades. No pacto, que não foi cumprido, os houthis concordaram em desocupar o palácio presidencial bem como deixar de atacar a casa do presidente em troca de emendas na Constituição e maior representatividade no Parlamento e em instituições estatais.

A situação provocou a renúncia do presidente e do primeiro-ministro na quinta-feira (22). Ambos alegaram a impossibilidade de conduzir a situação, que Hadi avaliou como "impasse total".

O Parlamento iemenita, que rejeitou prontamente o pedido de renúncia de Hadi, convocou uma sessão especial para discutir a crise política no próximo domingo (25). Nela, os parlamentares farão uma segunda votação para definir se aceitam ou não a renúncia de Hadi.

Caso a renúncia seja aceita, a Constituição do país aponta que o líder do Parlamento, Yahia Al-Raie, assumirá o controle do país até a organização de novas eleições. Al-Raie é membro do Congresso Geral Popular, o mesmo partido do presidente Ali Abdullah Saleh, que renunciou em 2011, em meio à Primavera Árabe.

Os houthis ainda não anunciaram uma posição oficial diante da atual situação, embora tenham saudado a renúncia do presidente. Uma autoridade iemenita afirmou que os radicais propuseram a formação de um conselho presidencial interino, ideia que foi rejeitada por uma coalizão de partidos.

O grupo Houthi, também conhecido como Ansar Allah ("Seguidores de Allah", em português), é originário do norte do Iêmen e há meses tenta estender sua influência no país. Os houthis tomaram controle de uma grande parte de Sanaa em 21 de setembro, gerando

instabilidade política. Os houthis recusam um novo projeto de Constituição que, dividindo o país em seis zonas, lhes privaria de acesso ao mar.

N11-Confrontos no Iêmen deixam 16 rebeldes xiitas mortos

Intensos combates entre rebeldes xiitas e membros sunitas de tribos do sul do Iêmen deixaram 26 mortos, disseram oficiais militares e de segurança neste sábado (14), enquanto dezenas de milhares de pessoas marchavam para protestar contra regra dos rebeldes.

A violência foi o último incidente a abater o volátil Iêmen, onde os rebeldes tomaram o poder, mas não controlam todo o país e estão sendo confrontados por um poderoso ramo da al-Qaeda. As negociações das Nações Unidas, chefiadas pelo enviado Jamal Benomar, tem o objetivo de resolver o impasse que se instalou.

Os rebeldes, conhecidos como houthis, foram apoiados por tropas do exército quando eles lutaram contra homens das tribos na província de Bayda em confrontos que começaram na noite anterior. Os houthis perderam 16 combatentes e os homens da tribo dez disseram os funcionários.

Enquanto isso, dezenas de milhares marcharam em protesto contra houthis no sábado em cidades de Ibb, Taiz, Hodeida, Dhamar, além da capital, Sanaa. Em Ibb, manifestantes colocaram um veículo militar houthi em chamas antes de os rebeldes os dispersassem, ferindo pelo menos três pessoas.

Funcionários do escritório do Benomar, disseram ainda neste sábado que as negociações entre os grupos políticos continuam e que opiniões estavam se convergindo. Todos os funcionários falaram sob condição de anonimato porque não estavam autorizados a liberar a informação de outra forma.

Também no sábado, Holanda, Espanha e Emirados Árabes Unidos se tornaram os últimos países a encerrar as operações de embaixada em Sanaa, anunciando que eles estavam evacuando diplomatas. Arábia Saudita, Itália, Alemanha, Estados Unidos, França e Grã-Bretanha tomaram medidas semelhantes tomadas em meio à crescente incerteza política, ameaçando o isolamento internacional do país.

O presidente eleito do Iêmen renunciou no mês passado depois de uma luta de poder de vários meses com os rebeldes, que têm controlado Sanaa desde setembro. Desde então os rebeldes dissolveram o parlamento e o presidente Abed Rabbo Mansour Hadi e seus ministros continuam sob prisão domiciliar rebelde.

Os houthis, cujo reduto é no norte do Iêmen, são membros da seita xiita Zaydi, que compõe quase 30 por cento da população do Iêmen. Sua aquisição encorajou os sunitas militantes do

ramo da Al-Qaeda no Iêmen, que sofreu com os ataques intensos no Iêmen central e do sul, levantando preocupações de um conflito sectário.

N12-Conselho de Segurança exige que houthis deixem o poder no Iêmen

O Conselho de Segurança (CS) da ONU exigiu neste domingo (15) que os rebeldes houthis deixem o poder no Iêmen e negociem com as outras forças políticas uma saída para a crise no país.

Em uma resolução aprovada por unanimidade, o principal órgão de decisão das Nações Unidas exigiu que os houthis, "de forma imediata e incondicional", voltem à mesa de diálogo promovida pela ONU, retirem suas forças dos edifícios governamentais e libertem o presidente Abdo Rabbo Mansour Hadi e a outros líderes políticos que estão em prisão domiciliar.

Em caso de descumprimento, o texto ameaça com a imposição de "medidas adicionais" que poderiam ser sanções, mas não com base no capítulo 7 da Carta da ONU, que abre a porta para o uso da força, apesar dos pedidos do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG).

Trata-se da primeira resolução aprovada pelo Conselho de Segurança desde que os milicianos rebeldes tomaram o controle do Iêmen e decretaram no último dia 6 a dissolução do parlamento e a formação de um Conselho Presidencial transitório.

No texto, os membros do CS condenam essas ações e defendem a volta ao roteiro estipulado sob mediação do CCG para a realização de uma transição democrática no país.

O Conselho de Segurança pede a todas as partes, especialmente aos houthis, que sigam em frente com esse processo e acabem com a violência, além de solicitar a todos os países que evitem qualquer tipo de interferência no conflito.

A resolução 2201 determina que a ONU está disposta a tomar medidas caso não ocorram avanços para a solução da crise. Em novembro do ano passado, o Conselho de Segurança já aprovou sanções contra o ex-presidente Ali Abdullah Saleh e dois líderes rebeldes houthis por ameaçarem a paz e a segurança e dificultarem a transição política.

Esta semana, o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, advertiu que o Iêmen "está se afundando" diante dos olhos da comunidade internacional e pediu que ações fossem tomadas.

O Conselho de Segurança negociou nos últimos dias o texto aprovado hoje, redigido por Jordânia e Reino Unido, e convocou uma reunião de urgência para votá-lo neste domingo.

Estados Unidos, Espanha, Grã-Bretanha, França, Itália, Holanda, União Europeia, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos, entre outros, fecharam suas embaixadas no Iêmen nos últimos dias devido à deterioração da situação política e de segurança no país.

N13 - Presidente do Iêmen renuncia, mas Parlamento não aceita demissão

O presidente do Iêmen, Abdo Rabbo Mansur Hadi, anunciou nesta quinta-feira (22) a sua demissão, que foi imediatamente rejeitada pelo Parlamento, logo após todo o governo ter apresentado sua renúncia, no momento em que o país afunda em uma profunda crise política.

Hadi apresentou sua "renúncia ao cargo de presidente da República do Iêmen" em uma carta enviada ao Parlamento, da qual a AFP obteve uma cópia.

Na carta, Hadi avalia que o país chegou a uma situação de "impasse total". Ele explicou sua decisão pelo fato de que a entrada de milicianos do grupo xiita Houthi em Sanaa, em 21 de setembro, "afetou o processo de transição política que queríamos que fosse pacífica".

"Eu avalio (hoje) não ter sido capaz de alcançar o objetivo para a realização daquilo para o qual nós assumimos a responsabilidade" no comando do Estado, prosseguiu.

Segundo o entorno de Hadi, o presidente demitiu-se após ter sofrido enormes pressões dos milicianos "Ansar Allah" (Seguidores de Allah, em português), que controlam a capital Sanaa e reivindicaram que ele designe a cargos de alta responsabilidade vários de seus quadros, um deles como vice-presidente.

"Nós sofremos várias dificuldades e a reticência de protagonistas políticos em assumir sua responsabilidade para conduzir o Iêmen a águas calmas", acrescentou o presidente em sua carta demissionária.

O Parlamento rejeitou o pedido e imediatamente convocou uma sessão especial para discutir a crise política.

"O Parlamento, representado por seu chefe Yahya al-Rai, se recusa a aceitar a renúncia do presidente e decidiu realizar uma sessão especial sexta-feira de manhã", declarou à AFP uma autoridade que não quis se identificar.

A renúncia de Hadi foi apresentada pouco depois da do governo do premiê Khaled Bahah e no momento em que os milicianos xiitas reforçam o seu controle sobre a capital Sanaa.

O porta-voz governamental afirmou que a renúncia do governo era "irrevogável".

Em sua carta de demissão, da qual a AFP também obteve cópia, o primeiro-ministro Khaled Bahah justificou a sua decisão para "evitar ser, bem como os membros de seu gabinete, responsabilizado por aquilo que acontece e pelo que vai acontecer no Iêmen".

Ele declarou ter servido ao país desde a sua nomeação, em 7 de novembro, e a votação de confiança do Parlamento, em 18 de dezembro.

"Mas a situação evoluiu em uma direção diferente e estamos decididos a nos manter longe de aventuras políticas que respeitam nenhuma lei", acrescentou.

Na quarta-feira (21), o primeiro-ministro precisou negociar a saída de sua residência no centro de Sanaa, que estava cercada pelos milicianos xiitas, assim como o palácio presidencial.

N14- Avião ataca casa de líder do Iêmen após confrontos deixarem 6 mortos

Um avião de guerra atacou nesta quinta-feira (19) a casa em que estava o presidente iemenita, em Aden, após uma manhã de confrontos no aeroporto internacional da cidade que deixou pelo menos seis mortos e 20 feridos.

Um avião não-identificado lançou uma bomba ou um míssil sobre a residência do presidente Abdo Rabo Mansur Hadi, o qual foi deslocado para um lugar seguro, segundo fontes de segurança.

Os combates começaram durante a noite próximo ao aeroporto e prosseguiram durante a manhã dentro do estabelecimento.

As partes em conflito são unidades das forças especiais lideradas por um oficial rebelde, o general Abdel Hafed al-Sakkaf, e membros dos "comitês populares", uma milícia que defende o presidente Hadi.

As tropas do exército leais a Hadi e apoiadas por tanques e blindados entraram no aeroporto para ajudar os "comitês populares", que conseguiram recuperar o controle do local no fim da manhã.

Os reforços de centenas de soldados foram liderados pelo ministro da Defesa, Mahmud al-Subeihi.

O general rebelde Sakkaf é aliado dos houthis, que tomaram o poder no início de fevereiro na capital Sanaa.

A capital do Iêmen está atualmente sob controle da milícia xiita houthi, que afastou do poder o presidente Hadi.

Hadi foi inicialmente colocado em prisão domiciliar, mas no dia 21 de fevereiro ele conseguiu fugir e chegar à cidade de Aden, seu reduto. Nesta localidade, o presidente, de 69 anos, retirou o pedido de renúncia e anunciou que permanece como chefe de Estado.

N15- Ataques no Iêmen contra mesquitas houthis deixam ao menos 137 mortos

Um ataque coordenado de ao menos quatro homens-bomba contra mesquitas usadas por partidários de rebeldes xiitas deixou ao menos 137 mortos e mais de 350 feridos na capital do Iêmen, Sanaa, nesta sexta-feira (20). Os números são da agência oficial de notícias, Sada.

O braço do Estado Islâmico no Iêmen reivindicou o atentado, o mais mortífero a acontecer no país em anos.

No entanto, o porta-voz da Casa Branca, Josh Earnest, disse que o governo americano ainda não encontrou indícios que apontem a participação da facção na tragédia. Segundo ele, o EI costuma reivindicar ataques, mesmo os não cometidos por ele, para fins de propaganda.

Earnest também afirmou que ainda não existem evidências suficientes que liguem o EI ao ataque ao Museu Bardo, na Tunísia.

ATAQUES EM SANAA

Segundo a agência France Presse, uma das explosões aconteceu no interior da mesquita de Badr, no sul da capital, seguida de outra na porta pela qual transitavam os fiéis.

Outro alvo foi a mesquita de Al-Hashahush, no norte da cidade, que celebrava a oração do meio-dia de sexta-feira, segundo a Efe. O imã do templo, Taha Ahmed al Mutauakil, seria um dos dirigentes houthis no Iêmen. Ele foi ferido e está internado em um hospital.

Enquanto ocorriam esses atentados em Sanaa, aviões não identificados atacaram o palácio presidencial na cidade de Áden, no sul do país, pelo segundo dia seguido.

As mesquitas de Sanaa são utilizadas principalmente por muçulmanos xiitas do grupo houthi, que há meses controla a maior parte do norte do país, incluindo a capital.

Atualmente, o Iêmen vive uma disputa de poder entre os houthis, grupo apoiado pelo Irã, e o presidente, Abdo Rabo Mansur Hadi.

Hadi havia sido colocado sob prisão domiciliar pelos houthis, mas no dia 21 de fevereiro ele conseguiu fugir e chegar à cidade de Aden. Ali, ele retirou seu pedido de renúncia e anunciou que permanecia como chefe de Estado.

Na quinta (19), um avião de guerra atacou a casa em que ele estava, após uma manhã de confrontos no aeroporto internacional da cidade que deixou pelo menos seis mortos e 20 feridos.

N16- Iêmen é disputado por dois grupos religiosos radicais

A situação geopolítica do Iêmen se agravou nesta semana com uma onda de ataques em mesquitas na capital, Sanaa, e um atentado contra o presidente Abdo Rabu Mansur Hadi.

Desde a insurreição popular decorrente da Primavera Árabe e a queda do presidente Ali Abdullah Saleh, em 2012, o governo central iemenita tem sido alvo de ataques de dois grupos militares religiosos.

HOUTHIS

O primeiro, formado pelos houthis e chamado Ansar Allah ("Seguidores de Allah", em português), vem recrutando novos membros dentro da comunidade zaidita, ramo do xiismo que representa um terço da população do Iêmen.

O grupo, presente principalmente na região norte, age sob inspiração do Hizbollah libanês e, suspeita-se, vem recebendo apoio do Irã.

Em 6 de fevereiro, os houthis tomaram a capital do Iêmen, onde mantiveram o presidente sob prisão domiciliar, até ele fugir para a cidade de Áden, no sul do país.

Os houthis são liderados por Abdel Malek al-Houthi. Ele teria como objetivo restaurar um regime monárquico dirigido por imãs, que foi abolido em 1962.

AL QAEDA

Outro movimento presente no Iêmen é o da Al Qaeda da Península Arábica (AQAP, na sigla em inglês), fusão das redes sauditas e iemenitas da facção terrorista.

A milícia, que é sunita, reivindicou o atentado à redação do jornal satírico "Charlie Hebdo", em 7 de janeiro. Os autores do ataque, Chérif e Said Kouachi, pertenciam à AQAP. Said, inclusive, foi treinado pela organização no Iêmen em 2011, segundo informações da inteligência dos EUA.

Um dos líderes da AQAP era Anwar al-Awlaki, cidadão americano que se radicalizou no Iêmen e se tornou um ideólogo para vários extremistas. Al-Awlaki foi morto em 2011 por um ataque de um drone (avião não tripulado dos Estados Unidos).

A ONU enviou um emissário ao país, Jamal Benomar, para ajudar a solucionar a crise interna. No entanto, os esforços não tiveram resultado, e o Iêmen parece estar prestes a entrar em guerra civil.

N17- Presidente do Iêmen pede que rebeldes deixem capital do país

O presidente do Iêmen Abd-Rabbu Mansour Hadi exigiu neste sábado (21) que as milícias Houthi deixem Sanaa, a capital do país, que ocupam desde setembro.

Em seu discurso, ele chamou os Houthi de golpistas e negou as acusações de que queira dividir o norte e o sul do país. Esse foi o primeiro pronunciamento desde que escapou da própria casa, onde estava sitiado pelos rebeldes desde janeiro.

Para lidar com a crise em que vive o país, Hadi encorajou os partidos iemenitas a se encontrarem em Riyadh, capital da Arábia Saudita, para conversas de paz, mas também prometeu fincar um bandeira nacional em Saadeh, quartel-general dos Houthi, o que deve ser interpretado como um chamado para a guerra pelos rebeldes.

O presidente declarou que o país precisa, antes que os rebeldes tomem controle de Sanaa, voltar à normalidade política reinstituindo a constituição e implementando os resultados de processo de diálogo nacional.

Hadi e os Houthis disputam o poder em regiões no norte e no sul do país, levando a receios de uma guerra civil e dando espaço para que cresça a atuação de grupos jihadistas como a Al Qaeda.

INSEGURANÇA

Nesta sexta-feira (20), um ataque coordenado de ao menos quatro homens-bomba contra mesquitas usadas por partidários de rebeldes xiitas deixou ao menos 137 mortos e mais de 350 feridos n

a cidade. Os números são da agência oficial de notícias, Sada.

O braço do Estado Islâmico no Iêmen reivindicou o atentado, o mais mortífero a acontecer no país em anos.

No entanto, o porta-voz da Casa Branca, Josh Earnest, disse que o governo americano ainda não encontrou indícios que apontem a participação da facção na tragédia. Segundo ele, o EI costuma reivindicar ataques, mesmo os não cometidos por ele, para fins de propaganda.

N18- Rebeldes xiitas tomam terceira maior cidade do Iêmen

A terceira maior cidade do Iêmen, Taiz, foi tomada no domingo (22) pela milícia xiita houthi, segundo autoridades do país.

Os rebeldes já controlavam o noroeste do Iêmen, incluindo a capital, Sanaa, e agora avançam em direção ao sul do país, onde o presidente Abdo Rabbo Mansur Hadi está refugiado desde fevereiro.

Com a conquista de Taiz, os houthis estão agora a apenas 140 km do porto de Áden, onde Hadi estabeleceu sua nova base, e de onde fez um discurso televisionado no último sábado (21), exigindo a saída dos houthis da capital.

Os moradores de Taiz chegaram a sair às ruas em protesto contra a milícia, e, segundo a britânica BBC, ao menos um deles foi morto pelos rebeldes, que atiraram e usaram bombas de gás contra os manifestantes.

Segundo testemunhas, os houthis tomaram o controle do aeroporto militar da cidade, na noite de sábado, sem enfrentar resistência. Dezenas de tanques e outros veículos militares ocuparam as ruas de Taiz no domingo.

Em Áden, um avião não identificado que sobrevoou o palácio usado pelo presidente na cidade foi alvo de baterias antiaéreas, segundo a agência Reuters. Na última quinta (19), Hadi havia sido levado a um local seguro após um ataque aéreo ao prédio.

NAÇÕES UNIDAS

Neste domingo, em reunião de emergência em Nova York, o Conselho de Segurança da ONU condenou a tomada de cidades pelos rebeldes e ameaçou tomar "medidas adicionais" se as hostilidades não cessarem.

O enviado da ONU para o Iêmen, Jamal Benomar, disse que os eventos recentes "parecem estar colocando o Iêmen à beira de uma guerra civil".

O Iêmen passa por uma grave crise de instabilidade, com ações da milícia xiita houthi -apoiada pelo Irã-, do braço armado da Al Qaeda na península Arábica e, agora, de uma célula da facção radical sunita Estado Islâmico (EI) no país.

Na última sexta (20), o EI reivindicou três atentados contra mesquitas xiitas em Sanaa, que deixaram ao menos 137 mortos e 350 feridos.

Neste domingo, o líder da milícia xiita, Abdel-Malek al-Houthi, prometeu, em um discurso transmitido por uma TV que apoia os rebeldes, perseguir os sunitas da Al Qaeda na península Arábica e do EI no país. Os atentados reivindicados pelo Estado Islâmico tiveram como alvo mesquitas frequentadas por apoiadores dos houthis.

Após os atentados de sexta, os EUA retiraram seus últimos cem militares no país de uma base aérea crucial para o ataque com drones contra a Al Qaeda. Não está claro se as tropas deixaram o Iêmen.

N19- Árabes tomarão ‘medidas necessárias’ no Iêmen, diz chanceler saudita

Os países árabes tomarão medidas necessárias para combater a "agressão" da milícia xiita houthi contra o governo do Iêmen se uma solução pacífica para o caos do país não for encontrada. A promessa foi feita nesta segunda-feira (23) pelo chanceler da Arábia Saudita, príncipe Saud al-Faisal.

Os houthis e o presidente do Iêmen, Abdo Rabbo Mansur Hadi, estabeleceram governo rivais na capital Sanaa e na cidade de Áden, respectivamente, encaminhando-se com o que parece ser um conflito militar aberto. Uma outra parte do país é dominada pelos terroristas da Al Qaeda.

Questionado se a Arábia Saudita, vizinha do Iêmen, ofereceria apoio militar ao presidente Hadi, que o país reconhece como governante legítimo, o chanceler afirmou: "Certamente, países na região e o mundo árabe tomarão as medidas necessárias para proteger a região de agressão".

O príncipe saudita cobrou que todos os lados rivais no Iêmen, incluindo os houthis, integrem diálogos de paz na Arábia Saudita. Perguntado sobre um suposto apoio do Irã aos rebeldes xiitas, o chanceler saudita disse ser contra a "interferência" de Teerã e criticou o que ele chamou de esforços iranianos para "estimular conflito sectário" em países árabes.

O Irã é um país de maioria persa e xiita, diferente da Arábia Saudita, majoritariamente árabe e sunita.

Saud deu as declarações em uma entrevista coletiva ao lado de seu homólogo britânico, Philip Hammond, que afirmou que o Reino Unido e seus aliados estão discutindo que resposta dar à crise. "Nenhum de nós quer ver uma ação militar", disse.

Mais cedo, no Cairo, o chanceler interino do Iêmen, Riyadh Yaseen, nomeado pelo presidente Hadi, pediu que uma intervenção militar dos países do Golfo, além da imposição de uma zona de exclusão aérea para interromper os avanços dos rebeldes houthis.

N20- Sauditas cogitam ação militar no Iêmen

Segundo chanceler, árabes tomarão 'medidas necessárias' contra rebeldes

Ministro iemenita pede zona de exclusão aérea e proibição de uso de aeroporto por milícia houthi, apoiada pelo Irã

Diante do recente avanço da milícia xiita houthi no Iêmen, o governo saudita admitiu, nesta segunda-feira (23), que poderá apoiar militarmente o governo do país contra os rebeldes.

O chanceler do Iêmen, Riyadh Yaseen, pediu, em entrevista ao jornal árabe "Al-Sharq Al-Awsat", publicado em Londres, a intervenção militar de países do golfo Pérsico para frear os houthis.

"Dissemos ao CCG (Conselho de Cooperação do Golfo, cuja principal força é a Arábia Saudita), às Nações Unidas e à comunidade internacional que deveria haver uma zona de exclusão aérea e que o uso de aviões militares deveria ser evitado em aeroportos controlados pelos houthis", afirmou Yassen.

Ao ser questionado por jornalistas se seu país ofereceria ajuda militar ao Iêmen, o chanceler da Arábia Saudita, o príncipe Saud al-Faisal, disse que os países árabes tomarão as "medidas necessárias" se uma solução pacífica não for encontrada.

"Certamente, países na região e o mundo árabe tomarão as medidas necessárias para proteger a região de agressões", afirmou, ao lado do chanceler britânico, Philip Hammond.

O representante do Reino Unido, por sua vez, disse que seu governo e os aliados ainda discutem que resposta dar à crise. "Nenhum de nós quer ver uma ação militar", disse, ressaltando, contudo, que a comunidade internacional não "ficará parada enquanto os houthis e outros atores minam a estabilidade no Iêmen e seu presidente legítimo".

Os houthis, apoiados pelo também xiita Irã, já dominam a região noroeste do país, inclusive a capital, Sanaa, e estabeleceram um governo paralelo. Agora, avançam em direção ao porto de Áden (sul), onde se refugiou o presidente Abdo Rabbo Mansur Hadi.

O mandatário havia renunciado em janeiro e estava em prisão domiciliar até fugir, no mês seguinte, em direção a Áden --de onde anunciou recentemente que segue governando. Uma outra parte do país é dominada pelos terroristas da Al Qaeda.

Por fim, a milícia radical sunita Estado Islâmico parece ter criado uma "filial" no país, e reivindicou ataque a duas mesquitas usadas por houthis na última sexta-feira. Morreram 137 pessoas.

Nesta segunda, forças iemenitas forçaram o recuo de milicianos houthis que avançavam em direção a Áden.

N21- Milícia reprime protesto em cidade ocupada e mata ao menos 6 no Iêmen

A milícia xiita houthi matou ao menos seis manifestantes em Taiz, no sul do Iêmen, que protestavam contra a tomada de controle da cidade pelos rebeldes.

Os houthis, que controlam a parte noroeste do país, inclusive a capital, Sanaa, agora seguem em direção a Áden (sul), onde está refugiado o presidente Abdo Rabbo Mansur Hadi.

Na última semana, eles chegaram a Taiz, terceira maior cidade do país, onde vêm enfrentando uma forte resistência da população.

Nesta terça (24), os houthis ocuparam o porto de Mokha, no mar Vermelho, o que posiciona os rebeldes apoiados pelo Irã próximo ao estreito de Bab-el-Mandeb -ponto crucial na rota do petróleo saudita. Mais de 3,4 milhões de barris passaram pelo estreito em 2013.

CONTRATAQUE

Forças leais ao presidente Hadi fizeram os houthis recuar em Dalea, a 135 km de Áden. A cidade, considerada estratégica por ficar na estrada que une a capital a Áden, havia sido ocupada na manhã de terça.

Um dos líderes dos houthis, Mohammed al-Bukhaiti disse à agência Reuters que a milícia não tem o Sul do país ou Áden "como alvos", mas sim sunitas aliados a "várias forças políticas".

"Consideramos o que está acontecendo agora uma autodefesa e a defesa de nossa sociedade", afirmou.

Ele ainda disse que a milícia não vê razões para negociar no Qatar, mas disse não rejeitar a proposta feita por países árabes do golfo.

N22- Rebeldes tomam base aérea e atacam casa do presidente do Iêmen

Rebeldes da milícia houthi avançaram por terra rumo ao sul do Iêmen nesta quarta-feira (25) e atacaram com aviões a casa do presidente Abdo Rabbo Mansur Hadi em Áden.

Milicianos houthis e forças aliadas prenderam o ministro da Defesa e assumiram o controle da base aérea al-Annad, a maior do país.

Dessa forma, os rebeldes chegaram a 40 km da cidade portuária de Áden, refúgio de Hadi desde a tomada da capital Sanaa pelos rebeldes, em janeiro.

Corpos de combatentes dos dois lados do confronto podiam ser vistos nas ruas em localidades próximas a Lahij, ao norte de Áden.

"[As forças houthis] estarão em Áden em algumas horas", declarou o porta-voz do grupo para a emissora Al-Masirah, controlada pelos rebeldes.

Foi anunciada ainda a oferta de US\$ 100 mil (cerca de R\$ 300 mil) pela captura de Hadi.

Aviões militares sobrevoaram e atacaram com mísseis a casa de Hadi em Áden.

Diante do avanço houthi, o presidente Hadi fugiu de seu palácio para uma localização desconhecida. Autoridades negaram que ele tenha fugido de Áden.

CAMINHO PARA A GUERRA CIVIL

A escalada de violência no Iêmen nas últimas semanas põe o país mais pobre do Oriente Médio no caminho para uma possível guerra civil. Enquanto partes do país são controladas pelos rebeldes houthis, em outras há uma grande presença da Al-Qaeda.

Na terça-feira (24), Hadi havia pedido ao Conselho de Segurança da ONU (Organização das Nações Unidas) que fosse autorizada uma intervenção militar "para proteger o Iêmen e conter a agressão houthi que pode acontecer a qualquer momento".

A Arábia Saudita havia ameaçado na segunda (23) intervir no país diante da situação de confronto.

O vice-secretário-geral da Liga Árabe afirmou nesta quarta que o organismo discutirá na quinta (26) a possibilidade de intervenção militar no Iêmen.

O avanço dos houthis, intensificou-se após os ataques a mesquitas em Sanaa que deixaram 137 mortos na semana passada.

Diante da situação, os EUA anunciaram a retirada de tropas do país, onde realizavam operações para conter a Al-Qaeda.

Hadi havia anunciado sua renúncia em janeiro quando os rebeldes cercaram sua casa em Sanaa, mas fugiu para Áden e afirmou que continuava sendo presidente do país.

Acredita-se que os houthis sejam apoiados pelo Irã e pelo ex-ditador Ali Abdullah Saleh, rival de Hadi deposto em 2012 em meio à Primavera Árabe. Hadi, por sua vez, tem apoio dos EUA.

N23- Arábia Saudita anuncia operação militar no Iêmen

O governo da Arábia Saudita confirmou na noite desta quarta (25) ter iniciado ataques aéreos no território do vizinho Iêmen, em resposta ao avanço da milícia xiita houthi, que já domina o noroeste do país e agora ameaça tomar o controle de Áden, ao sul.

Em comunicado, a Casa Branca admitiu ter autorizado o apoio "logístico e de inteligência" à ação saudita, mas destacou não participar de "ação militar direta".

Em rara entrevista coletiva convocada pela monarquia saudita, o embaixador do país em Washington, Adel al-Jubeir, disse que os ataques aos insurgentes envolvem uma coalizão de dez países, na qual os EUA não estão incluídos.

Entre os países que reconheceram estar ao lado da Arábia Saudita estão os Emirados Árabes Unidos, o Kuwait e o Qatar. O Egito também disse estar preparado para contribuir com ataques aéreos ou pelo mar e até com o envio de tropas, "se necessário".

A rede de TV Al-Arabiya divulgou que a campanha liderada pela Arábia Saudita estaria recebendo aviões do Egito, do Marrocos, da Jordânia, do Sudão, do Kuwait, do Qatar, do Bahrein e dos Emirados Árabes Unidos.

Segundo o chanceler do Iêmen, Riyadh Yaseen, os bombardeios atingiram o aeroporto da capital, Sanaa, e outras três bases aéreas tomadas pelos rebeldes houthis -a milícia é alegadamente apoiada pelo Irã, e o objetivo da ação é conter seu avanço.

"Essa campanha é principalmente para evitar que os houthis usem os aeroportos e os aviões para atacar Áden e outras partes do Iêmen", disse Yassen à Reuters.

Há o risco de que o conflito no país -que também abriga a Al Qaeda na Península Arábica, braço da rede terrorista- se torne guerra regional.

Segundo al-Jubeir, os bombardeios às posições rebeldes no Iêmen começaram às 20h de quarta (horário de Brasília).

A Arábia Saudita é um dos principais aliados americanos no Oriente Médio, e a gestão Barack Obama teme que a desintegração do governo no Iêmen intensifique a ação de extremistas na região.

Um dos líderes houthis, Mohammed al-Bukhaiti disse, na quarta, que os ataques sauditas levarão a uma "guerra ampliada" na região.

A TV controlada pela milícia divulgou que os ataques deixaram "dezenas" de vítimas civis em Sanaa.

SUMIÇO DO PRESIDENTE

Nesta quarta (25), antes do anúncio da operação militar saudita, o presidente iemenita, Abdo Rabbo Mansur Hadi, abandonou o complexo que ocupava em Áden, a segunda maior cidade do país. Seu paradeiro ainda é desconhecido.

De acordo com a agência de notícias Associated Press, que cita funcionários do porto de Áden, Hadi e seus assessores teriam deixado o Iêmen em duas embarcações. Membros do gabinete de Hadi e o chanceler Riad Yassin, no entanto, negaram a informação de que ele tenha saído do país.

Hadi chegou ao poder em 2012, depois da queda do ditador Ali Abdullah Saleh, que ficou 33 anos no cargo.

Quarto ditador derrubado pela Primavera Árabe, Saleh saiu após acordo mediado pelos sauditas e apoiado pelos EUA, pelo qual ele recebeu imunidade e passou o poder ao vice, Hadi. Forças leais ao ex-ditador estariam dando apoio militar aos houthis.

O atual presidente já havia fugido de Sanaa, ocupada pelos houthis, em fevereiro, após renunciar e ficar um mês em prisão domiciliar. Ele fez de Áden uma segunda capital ao recuar do pedido de renúncia.

Nesta quarta, a milícia houthi teria tomado o aeroporto de Áden e capturado o ministro da Defesa, general Mahmoud Al-Subaihi, no sul. Eles também invadiram a base aérea de Al-Annad, usada pelas tropas americanas que deixaram o país no fim de semana.

Antes do início dos bombardeios sauditas, o chanceler do Iêmen dissera que a tomada de Áden "marcaria o início de uma profunda guerra civil no país" e da tentativa de "dominação do Irã em toda a Península Arábica".

N24- Intervenção saudita no Iêmen ganha apoio; rebeldes convocam protestos

A intervenção militar no Iêmen iniciada na noite de quarta-feira (25) pela Arábia Saudita a fim de conter o avanço dos rebeldes houthis recebeu o apoio de diversos países incluindo o Egito e o Reino Unido. O Irã e Síria, por sua vez, condenaram a ação militar saudita. Em resposta à operação, os insurgentes convocaram manifestações de apoio para esta quinta-feira (26).

Os países envolvidos na operação até agora são os Emirados Árabes Unidos, o Bahrein, o Kuwait e o Qatar, além do Egito, que anunciou apoio político e militar à intervenção saudita, posicionando quatro navios de guerra no golfo de Áden.

O Paquistão, a Jordânia, o Marrocos e o Sudão devem participar da operação, informou a imprensa saudita nesta quinta.

A Turquia e do Reino Unido também anunciaram apoio à intervenção saudita no Iêmen nesta quinta.

"Nós apoiamos a intervenção militar saudita no Iêmen iniciada após o pedido do presidente Hadi por toda ajuda possível para proteger o país e para conter a agressão houthi", declarou a chancelaria britânica em um comunicado.

A Casa Branca declarou na quarta que ofereceu ajuda militar e de inteligência para a Arábia Saudita, mas que não participou diretamente dos bombardeios no Iêmen.

O chanceler iemenita, Riad Yassin, saudou a intervenção militar iniciada para conter os rebeldes.

"Eu espero que os houthis ouçam o som da razão. Por tudo o que têm feito, eles provocaram essa situação".

O Irã pediu a suspensão imediata dos ataques aéreos, classificados pelo chanceler do país como um "passo perigoso" que pode piorar a crise no Iêmen. O Irã é suspeito de dar suporte aos insurgentes xiitas.

A agência estatal de notícias da Síria declarou que a operação saudita é uma "grande agressão". O regime de Bashar Assad, alvo de uma insurgência iniciada em 2011, é aliado do Irã.

Em resposta aos ataques aéreos sauditas, os rebeldes houthis convocaram seus apoiadores a manifestações de rua nesta quinta.

OFENSIVA POR TERRA

Segundo a emissora saudita Al-Arabiya, foram mobilizados cem aviões militares e 150 mil soldados, além de tropas da Marinha, para bombardear posições dos rebeldes houthis na capital Sanaa e em outros lugares no Iêmen por meio de ataques aéreos. No entanto, uma ofensiva terrestre pode ser iniciada.

"Nós não podemos atingir o objetivo de restaurar o governo legítimo controlando o céu do Iêmen (...), uma ofensiva por terra pode ser necessária para restabelecer a ordem", declarou à Reuters uma fonte saudita especializada em assuntos de Defesa.

A situação no Iêmen se deteriorou desde que os rebeldes xiitas da milícia Houthi assumiram o controle de partes de Sanaa em setembro, reivindicando maior participação política.

Em janeiro, milicianos do grupo intensificaram ataques contra o presidente Abdo Rabbo Mansur Hadi, que chegou a renunciar após ter a sua casa cercada.

No início deste mês, Hadi fugiu para a cidade portuária de Áden, onde retirou a sua renúncia. Desde então, os houthis iniciaram uma ofensiva rumo ao sul, conquistando localidades importantes a fim de capturar Hadi.

Visto que os rebeldes se aproximavam de Áden e que aviões atacavam o palácio onde vivia na cidade, Hadi solicitou intervenção militar internacional e fugiu do Iêmen com aliados em embarcações nesta quarta.

Hadi foi eleito após a deposição do ditador Ali Saleh em 2012 em meio à Primavera Árabe. Suspeita-se que Saleh apoie os rebeldes houthis para promover instabilidade política.

O Iêmen, país mais pobre do Oriente Médio, é fragmentado entre insurgentes, separatistas e células terroristas, como a Al-Qaeda. Teme-se que a instabilidade política atual leve a uma guerra civil.

N25- Irã condena bombardeio saudita contra aliados xiitas no Iêmen

O Irã condenou nesta quinta (26) os bombardeios da Arábia Saudita no Iêmen, que deram início a uma intervenção de países do Oriente Médio contra rebeldes houthis.

Islâmicos xiitas assim como os iranianos, os houthis provocaram em janeiro a dissolução do Parlamento e a renúncia do presidente Abdo Rabbo Mansur Hadi, apoiado pelos vizinhos sauditas, a ONU e os Estados Unidos.

Em nota divulgada pelo governo, o presidente iraniano, Hasan Rowhani, disse que os ataques deveriam ser evitados para impedir a deterioração da situação do país.

Enquanto isso, o chanceler Mohammad Javad Zarif pediu o fim imediato dos ataques. "Este tipo de ação só levará a derramamento de sangue e não diminuirá a crise."

O Irã, que dá apoio aos houthis, é acusado pelos sauditas de financiar e treinar as milícias para derrubar o presidente e ter mais um aliado no Oriente Médio.

O ataque saudita também foi condenado pelo líder russo, Vladimir Putin, que pediu o fim imediato dos bombardeios, pela China e pela Síria.

Por outro lado, o governo da Arábia Saudita disse estar preparado para invadir por terra o Iêmen se os houthis não recuarem.

"Vamos fazer o necessário para proteger o governo legítimo do Iêmen e para enfrentar os perigos das milícias", disse o embaixador saudita nos EUA, Adel al-Jubeir.

Além dos ataques aéreos, os sauditas também destinaram 150 mil soldados para a região de fronteira. O país acolhe Hadi, que chegou na quarta à capital, Riad.

O segundo apoiador da ofensiva é o Egito, que enviou cinco navios de guerra e ofereceu tropas para uma invasão terrestre. Também integram a coalizão monarquias do golfo Pérsico e países como Jordânia e Marrocos.

Em resposta aos ataques, o líder rebelde, Abdulmalik al-Houthi, declarou que o Iêmen se tornará um "cemitério de invasores" se houver uma ofensiva por terra.

EUA

O bombardeio saudita também foi respaldado por Estados Unidos e Reino Unido. O governo americano ofereceu apoio logístico e de inteligência aos interventores.

O apoio aos sauditas pode colocar o país de novo em rota de colisão contra o Irã, a uma semana do prazo final para fechar um acordo nuclear com o país persa.

Outro agravante é a interferência americana na ação do governo iraquiano contra o Estado Islâmico em Tikrit.

Um dia após o bombardeio à região, milícias xiitas que lutavam contra o EI, treinadas por Teerã, deixaram os combates na cidade.

N26- Arábia Saudita continua a bombardear Iêmen, em meio a tensão regional

A Arábia Saudita continuou nesta sexta-feira (27) os bombardeios contra cidades do Iêmen para tentar diminuir o poder de fogo dos milicianos houthis, aliados do Irã, que derrubaram o governo do país em janeiro.

A ofensiva militar acirrou a rivalidade entre os sunitas sauditas e o Irã, cujo regime é xiita assim como os houthis, e intensificou a instabilidade política no país mais pobre do Oriente Médio e berço da célula mais violenta da Al Qaeda.

Segundo moradores da capital Sanaa, os aviões sauditas atacaram bases da Guarda Republicana, aliada aos houthis, incluindo uma perto do complexo presidencial, além de uma instalação militar que abriga mísseis.

Houve bombardeios também à província de Sadah, dominada pelos milicianos xiitas, ao mercado na cidade de Kataf al-Bokaa, deixando 15 civis feridos, e à província de Áden, controlada pelos rebeldes no início desta semana.

Segundo o general iemenita Saleh al-Subaihi, 40% da defesa aérea do país foi destruída nos dois dias de bombardeio, incluindo radares. Também foi afetada a capacidade dos milicianos de enviar reforços para o sul do país.

Desde o início da ofensiva, os ataques aéreos mataram 39 pessoas, segundo o Ministério da Saúde iemenita. A intervenção militar saudita começou na quinta (26) e responde a um apelo do presidente Abdo Rabbo Mansur Hadi, deposto em janeiro.

Incapaz de enfrentar o avanço dos houthis, ele se escondeu em Aden por semanas antes de seguir para Riad na quarta, pouco antes dos bombardeios. No domingo (27), Hadi pretende pedir apoio à Liga Árabe para voltar ao poder.

REGIONALIZAÇÃO

A ofensiva foi lançada pelos sauditas, que fizeram uma coalizão com monarquias do golfo Pérsico, como Qatar, Kuwait, Bahrein e Emirados Árabes Unidos, e também por países como Jordânia, Marrocos e Egito.

A ação militar recebeu o apoio da Turquia, dos Estados Unidos e do Reino Unido. Por outro lado, recebeu a condenação do Irã, principal aliado dos houthis, da Síria, da Rússia e da China. O alinhamento dos dois lados é igual ao da guerra civil na Síria.

Nesta sexta, clérigos nas mesquitas em Riad fizeram sermões inflamados contra os houthis e o Irã, descrevendo a luta como um dever religioso. O principal conselho clerical saudita deu sua bênção à campanha militar.

Na capital iraniana, Teerã, o aiatolá Kazem Sadeghi, que comanda orações na sexta-feira, descreveu os ataques como "uma agressão e ingerência nos assuntos internos do Iêmen".

Segundo os especialistas, os ataques aéreos terão um efeito limitado sem uma intervenção terrestre. Esta intervenção, no entanto, é pouco provável devido aos riscos de escalada com o Irã e de ficar presos em um longo conflito.

N27- Rebeldes xiitas são ‘fantoques do Irã’, diz presidente do Iêmen

O presidente do Iêmen, Abdo Rabbo Mansur Hadi, culpou diretamente os iranianos pelo conflito em seu país, chamando a milícia xiita houthi –que o obrigou a fugir– de "fantoques do Irã" e exigindo que os ataques aéreos sauditas continuem até a rendição dos insurgentes.

Hadi participou neste sábado (28) de uma cúpula de países árabes em Sharm-el-Sheikh (Egito), iniciada três dias depois de a Arábia Saudita, vizinha do Iêmen e aliada dos EUA, começar a bombardear as posições dos rebeldes na capital Sanaa e em outras regiões iemenitas.

"Eu digo aos fantoches do Irã, aos seus brinquedos e àqueles que os apoiam: vocês destruíram o Iêmen com sua adolescência política, fabricando uma crise local e regional", discursou o presidente iemenita, que voltou à Arábia Saudita, onde está abrigado, após participar da cúpula.

O governo iraniano, que nega ajudar diretamente os insurgentes, não comentou.

Alguns líderes árabes presentes ao encontro acusaram o país persa de ingerência em outras nações do Oriente Médio, sem citá-lo pelo nome.

O presidente do Egito, Abdel Fattah al-Sisi, endossou resolução proposta por chanceleres na quinta-feira (26) para a criação de uma força militar conjunta e disse que o mundo árabe está sofrendo ameaças sem precedentes.

"Essa nação [o Iêmen] nunca enfrentara um desafio à sua existência e uma ameaça à sua identidade como os que enfrenta agora", afirmou Sisi.

Também presente à reunião, o rei Salman, da Arábia Saudita, declarou que os ataques aéreos aos milicianos houthis não cessarão até que a segurança e a estabilidade sejam restauradas no Iêmen.

Um dos líderes houthis, Ali al-Emad, rebateu o presidente do Iêmen chamando-o de "fantoche dos sauditas". Segundo Emad, nada do que foi dito na cúpula surpreende.

Hadi fugiu do seu país na semana passada, depois que os rebeldes e forças leais ao ex-ditador Ali Abdullah Saleh, deposto durante a Primavera Árabe, se aproximaram da cidade de Áden, para onde o governo fora transferido.

NOTA DO HAMAS

Também neste sábado, o grupo extremista Hamas, que controla a faixa de Gaza, emitiu um comunicado apoiando Hadi contra os insurgentes. A nota foi recebida com surpresa.

Falando sob anonimato à agência Associated Press, um diplomata de um país do golfo Pérsico envolvido nos ataques aéreos disse que o objetivo é que eles durem um mês, mas a coalizão está preparada para a hipótese de que se estendam por até seis meses.

O diplomata também afirmou que os bombardeios destruíram 21 mísseis Scud que estavam apontados para a Arábia Saudita e que cerca de 5.000 iranianos, militantes do grupo libanês Hizbullah e xiitas do Iraque estavam no Iêmen auxiliando os houthis.

As informações, segundo a agência, não puderam ser confirmadas de maneira independente. Neste sábado, as forças sauditas prosseguiram com ataques aéreos a Sanaa, Áden e outras áreas do Iêmen.

N28- Países árabes anunciam criação de uma força militar unificada

Iniciativa é decorrência do conflito no Iêmen, onde milícia xiita obrigou o presidente a fugir

Detalhes da força ainda estão sendo definidos, mas ela pode ter 40 mil homens; influência do Irã na região é alvo

O presidente egípcio, Abdel Fattah al-Sisi, disse neste domingo (29) que os dirigentes da Liga Árabe concordaram com a criação de uma força militar conjunta, incentivados pela influência iraniana no conflito do Iêmen.

O presidente iemenita, Abdo Rabbo Mansur Hadi, foi obrigado a fugir do país após o avanço da milícia xiita houthi, apoiada pelo Irã.

O anúncio foi feito durante a cúpula da organização em Sharm-el-Sheikh (Egito), iniciada três dias após a Arábia Saudita, vizinha do Iêmen e aliada dos EUA, começar a bombardear as posições dos rebeldes na capital Sanaa e em outras regiões iemenitas.

A iniciativa abre espaço para um eventual embate entre nações árabes e as regiões sob influência iraniana.

Autoridades egípcias estimam que a força militar abrangerá cerca de 40 mil homens apoiados por aviões de caça e navios de guerra, com sede no Cairo ou na capital saudita, Riad.

É improvável, contudo, que todos os 21 membros da fragmentada Liga Árabe façam parte da iniciativa proposta. O Iraque, cujo governo xiita é mais próximo do Irã, por exemplo, disse que as discussões acerca da força militar requerem mais tempo.

ALINHAMENTO

O alinhamento é semelhante ao da guerra civil na Síria. Na ofensiva lançada pelos sauditas, houve uma coalizão com monarquias do golfo Pérsico, como Qatar, Kuwait, Bahrein e Emirados Árabes Unidos, e com países como Jordânia, Marrocos e Egito.

A ação militar recebeu o apoio da Turquia, dos EUA e do Reino Unido, mas teve a condenação do Irã, principal aliado dos houthis, além de Síria, Rússia e China.

Não está claro ainda a forma como o acordo anunciado na reunião da Liga Árabe será implementado.

Conforme dirigentes da organização, aspectos como a definição de um comando único ou a coalizão de unidades nacionais ainda estão sendo debatidos.

A participação de cada país deve ser voluntária, mas a proposta ganhou credibilidade por ter sido anunciada pelo presidente do Egito, general que liderou a tomada do poder pelos militares em 2013.

Ainda durante a cúpula, Nabil el-Araby, o secretário-geral da organização, reafirmou que os ataques aéreos sauditas continuarão até a rendição dos insurgentes.

O movimento dos houthis tomou o controle da capital e outras grandes cidades do Iêmen ao aliar-se às forças leais ao ex-ditador Ali Abdullah Saleh, que deixou o poder durante a Primavera Árabe.

N29- Bombardeio em campo de refugiados deixa ao menos 45 mortos no Iêmen

Um bombardeio aéreo atingiu o campo de refugiados de Mazraq em Haija, no norte do Iêmen, nesta segunda-feira (30), deixando ao menos 45 mortos.

Segundo um agente humanitário, o alvo do bombardeiro seria uma base militar na região.

Ainda não se sabe quem fez o ataque. Segundo os rebeldes houthi, o bombardeio teria sido feito pela coalizão liderada pela Arábia Saudita, que iniciou uma intervenção militar no Iêmen na semana passada.

No entanto, o chanceler iemenita culpou os combatentes houthi pelo ataque, negando relações com as operações lideradas pelos sauditas.

No sábado, 428 presos fugiram de uma penitenciária em Saada, reduto da milícia xiita houthi, após um ataque da coalizão militar liderada pela Arábia Saudita.

O bombardeio, no qual um guarda e um preso morreram, destruiu a entrada e dependências da prisão, na qual estão os condenados por assassinato e tráfico de drogas, entre outros delitos.

AVANÇO DOS REBELDES

Rebeldes do grupo xiita houthi continuam nesta segunda-feira sua ofensiva rumo à cidade portuária de Áden, reduto de tropas leais ao presidente Abdo Rabbo Mansur Hadi, que fugiu do país na semana passada.

Tropas leais aos rebeldes avançaram e encontram-se a 30 km a leste de Áden. Após confrontos violentos, testemunhas relataram terem ouvido explosões acompanhadas de fumaça.

Uma coalizão de países liderada pela Arábia Saudita iniciou ataques aéreos na quinta-feira (26) no Iêmen a fim de combater os houthis e restaurar o governo do presidente Hadi.

N30- Rebeldes do Iêmen anunciam trégua de 3 dias após ataque elevar tensão com sauditas

Mísseis atingiram instalações de Aramco em Jidá a dois dias da prova de F1; treino ocorreu neste sábado

Os rebeldes houthis, do Iêmen, afirmaram neste sábado (26) que irão suspender ataques com mísseis e drones na Arábia Saudita por três dias. O movimento se dá um dia depois de o grupo assumir a autoria de um atentado a uma refinaria na Arábia Saudita a cerca de 10 km de onde acontece, neste domingo (27), uma prova da F1.

Segundo os houthis, a iniciativa pode se tornar um compromisso duradouro caso a coalizão liderada pela Arábia Saudita que atua no Iêmen interrompa ataques aéreos e restrições portuárias.

O anúncio também menciona a suspensão de ofensivas terrestres no Iêmen por três dias, inclusive na região produtora de gás de Marib, segundo afirmou Mahdi al-Mashat, chefe do departamento político dos houthis, em discurso transmitido pela televisão.

"Esse é um sinal sincero acompanhado de medidas práticas para reconstruir a confiança e levar todos os lados da arena das negociações para a arena das ações", disse Mashat.

Neste domingo (27), um acordo de troca de prisioneiros foi acertado entre as duas partes, de acordo com autoridades houthis –que afirmam também que a ação, que acontece sob orientação da ONU, pode libertar o irmão do presidente iemenita e um ex-ministro da Defesa. As iniciativas se dão em um momento em que a guerra entre o grupo rebelde alinhado ao Irã e a coalizão liderada pela Arábia Saudita entra em seu oitavo ano, com a piora da violência nos últimos meses. O conflito matou dezenas de milhares de pessoas, a maioria civis, e fez com que milhões enfrentassem fome e doenças.

Paralelamente, as Nações Unidas também tentam garantir uma trégua temporária para abarcar o mês sagrado muçulmano do Ramadã, que começa em abril.

Neste sábado, a coalizão liderada por Riad realizou ofensivas aéreas nos portos marítimos de Hodeidah e Salif, controlados pelos houthis, um dia depois que o grupo lançou ataques à Arábia Saudita —incluindo em uma instalação de petróleo em Jidá.

A refinaria de petróleo alvo do atentado é da Saudi Aramco, principal patrocinadora do GP local de F1. O ataque com foguetes e drones causou um incêndio na instalação, próxima ao circuito de Jidá —de onde era possível ver uma nuvem de fumaça se alastrando pelo céu da cidade. O treino deste sábado aconteceu normalmente

No ano passado, a coalizão liderada pela Arábia Saudita propôs de forma unilateral um cessar-fogo, rejeitado pelos houthis sob o argumento que a situação humanitária e a reabertura dos portos precisavam ser trabalhadas antes de qualquer conversa de paz.

A guerra do Iêmen é vista como uma batalha por procuração entre a Arábia Saudita, país muçulmano sunita, e o Irã, xiita. A coalizão liderada por Riad interveio no Iêmen em março de 2015, depois que os houthis derrubaram o governo apoiado pelos sauditas.

Os rebeldes, por sua vez, dizem que estão lutando contra um sistema corrupto e contra a agressão estrangeira.

A guerra civil do Iêmen já deixou mais de 10 mil crianças iemenitas mortas ou mutiladas, segundo o Unicef (fundo da ONU para a infância).

N31- Arábia Saudita anuncia trégua de um mês no Iêmen durante o Ramadã

Cessar-fogo é passo mais significativo nos esforços de paz em três anos

A coalizão chefiada pela Arábia Saudita, que apoia o governo iemenita contra os rebeldes houthis na guerra no Iêmen, anunciou nesta terça (29) uma trégua nas operações militares durante o mês de abril, que coincide com o Ramadã, período sagrado para os muçulmanos. O

cessar-fogo, anunciado após pedido da ONU (Organização das Nações Unidas), começa às 6h desta quarta (30), no horário local.

A ONU tem trabalhado com a aliança militar liderada pela Arábia Saudita e o movimento Houthi, alinhado ao Irã, para por fim à guerra que se estende desde 2015 e que provoca uma das crises humanitárias mais graves da atualidade, com dezenas de milhares de mortos. A trégua anunciada nesta terça é o passo mais significativo nos esforços de paz em mais de três anos.

A ONU pede ainda pela liberação para navios de combustível atracarem no porto de Hudaydah, no oeste do país, controlado pelos rebeldes. Dados mais recentes, de 27 de março, apontam para quatro navios de combustível esperando autorização do porto, incluindo um navio-tanque preso há quase três meses.

A proposta de trégua também inclui a liberação de um pequeno número de voos comerciais a partir do aeroporto da capital, Sanaa, disseram fontes familiarizadas com o assunto. O terminal está fechado desde 2015, quando a coalizão interveio depois que os houthis derrubaram o governo de Abd-Rabbu Mansour Hadi, em 2014. A coalizão saudita controla os mares e o espaço aéreo do Iêmen.

O plano foi elaborado pelo enviado especial da ONU para o Iêmen, Hans Grundberg, e é apoiado pelos Estados Unidos e outras potências ocidentais, disseram fontes ouvidas pela agência Reuters.

Nesta terça, a Arábia Saudita recebeu grupos aliados envolvidos na guerra, mas os houthis disseram que não participarão das negociações, a menos que sejam realizadas em um país neutro. Os diálogos acontecem no Conselho de Cooperação do Golfo, com sede na capital saudita, e devem levar mais de uma semana. Em comunicado na semana passada, os houthis descreveram os esforços da ONU como positivos.

Desde o ano passado, a ONU e os Estados Unidos tentam garantir uma trégua permanente, mas diferenças a respeito da forma como esse cessar-fogo ocorreria impediram o avanço nas negociações. Os houthis querem que a coalizão liderada pela Arábia Saudita suspenda as restrições aos portos marítimos e ao aeroporto de Sanaa antes de uma trégua, enquanto a aliança saudita defende que isso aconteça simultaneamente ao cessar-fogo.

No sábado (26), os rebeldes houthis haviam anunciado de forma unilateral que iriam suspender os ataques à Arábia Saudita, bem como as ofensivas terrestres no Iêmen, por três dias.

Nos últimos meses, o grupo intensificou ataques com mísseis e drones a instalações petrolíferas sauditas. Na sexta (25), um desses atentados provocou um grande incêndio em

tanques de armazenamento de combustível. A coalizão retaliou no domingo com ataques aéreos em Hudaydah e Sanaa, onde oito pessoas foram mortas, incluindo cinco mulheres e duas crianças.

No domingo (27), um acordo de troca de prisioneiros foi acertado entre as duas partes, de acordo com autoridades houthis –que afirmam também que a ação, que acontece sob orientação da ONU, pode libertar o irmão do presidente iemenita e um ex-ministro da Defesa. A guerra do Iêmen é vista como uma batalha por procuração entre a Arábia Saudita, país muçulmano sunita, e o Irã, xiita. O conflito já deixou mais de 10 mil crianças iemenitas mortas ou mutiladas, segundo o Unicef (fundo da ONU para a infância).